

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**UMA REDE DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO ALTERNATIVA
PARA A AGRICULTURA FAMILIAR:
O caso das feiras livres de Misiones, Argentina**

ALCIDES JUVENAL RICOTTO

Porto Alegre, março de 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

**UMA REDE DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO ALTERNATIVA
PARA A AGRICULTURA FAMILIAR:
O caso das feiras livres de Misiones, Argentina**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

ALCIDES JUVENAL RICOTTO

Orientador: Prof. Dr. JALCIONE ALMEIDA

Porto Alegre, março de 2002

LA META

**Hay que llegar a la cima, arribar la luz
darle un sentido a cada paso
glorificar la sencillez de cada cosa
anunciar cada día con un himno.
Hay que subir por esa calle ancha
dejar atrás el horror y los fracasos
y cuando entremos cantando por la cumbre
estirar las manos hacia abajo
para ayudar a los que quedaron retrasados.**

Hamlet Lima Quintana

**Dedico este trabalho à
minha mãe Anita, à minha irmã
Marisel (e sua família) e à
memória do meu pai Juan
Ricotto, que me ajudaram, cada
um a sua maneira, a formar um
conjunto de princípios que sem
eles não valeria a pena viver.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço especialmente a Leandro, Maria e Manuel, que são os responsáveis diretos por minha gratificante experiência no Mestrado e no Brasil. Eles foram os que me incentivaram nos momentos de angústias e dificuldades, que me mostraram o caminho da verdadeira amizade, enfim, eles foram se constituindo em minha própria família, e a eles entrego todo meu afeto e admiração.

Esta pesquisa foi possível através da colaboração desinteressada dos integrantes do Movimento Agrário Misionero, os quais me abriram as portas da suas casas, fornecendo-me todas as informações necessárias e me levando e apresentando em todas as instâncias nas quais eles participavam. Agradeço também aos coordenadores e assessores do PSA de Misiones que permitiram que eu participasse de suas atividades internas e colaboraram com as entrevistas e informações e a todos os entrevistados que desinteressadamente se dispuseram a responder a todas as questões, mesmo aquelas que faziam parte de suas vidas pessoais. A todos eles e aos agricultores familiares que participaram da pesquisa sou profundamente grato.

Quero agradecer ao corpo de professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural por toda a compreensão que tiveram com os meus problemas de idioma, principalmente no início do curso, e principalmente pela socialização das suas experiências e conhecimentos. Entre os professores, agradeço especialmente a dois: o Professor Jalcione Pereira de Almeida, quem, além da orientação relacionada com os rumos da pesquisa, permanentemente me alentou e mostrou seu otimismo para com meu trabalho. E ao Professor José Carlos Gomez

dos Anjos, quem, nos momentos de maior angústia, permanentemente me mostrou caminhos para a resolução dos problemas.

Agradeço especialmente à CAPES quem, por intermédio de uma bolsa de mestrado, possibilitou minha sustentação no Brasil. Também a todo o pessoal administrativo do Programa, secretária e bolsistas, pela amizade e a total predisposição para resolver meus complicados trâmites, e aos funcionários do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS.

Sou especialmente grato aos colegas, das três turmas com as quais convivi, que desde o primeiro dia se preocuparam em me fazer sentir confortável no curso e na cidade, que tiveram a maior compreensão respeito da minha dificuldade para me comunicar, que me integraram rapidamente às suas famílias e a seus amigos, fazendo que não me sentisse estrangeiro. Da mesma maneira quero expressar meu agradecimento aos colegas da Casa de Estudantes da UFRGS, com muitos dos quais estabeleci laços de amizade que perdurarão no tempo.

Em relação aos professores e autoridades da Universidade Nacional de Río Cuarto, agradeço especialmente aos que me apoiaram neste desafio que parecia impossível. Agradeço também aos funcionários que com grande esforço colaboraram para fazer mais fácil meus trâmites administrativos durante estes dois anos fora de casa, aos quais entrego todo meu apreço.

A meus familiares diretos e não tão diretos que dedicaram seu tempo escrevendo cartas e mandando fotos, devo momentos muito alegres e algumas lágrimas que enfeitaram as mais profundas saudades.

Finalmente quero agradecer ao “Pita” por todo o apoio e o suporte que, desde Río Cuarto, sustentou minha estada no Brasil, e ao “Chacho”, pela sua amizade. Junto a ele agradeço aos amigos e antigos alunos que permanentemente me deixaram alegre com suas cartas e mensagens eletrônicas.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE ANEXOS.....	x
LISTA DE SIGLAS.....	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
1 A REDE DAS FEIRAS LIVRES DE MISIONES: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	6
2 A REDE DE PODER E O DESENVOLVIMENTO.....	14
2. 1 Noção de rede.....	14
2. 2 O Desenvolvimento rural: além do setor agrícola.....	25
3 FORMAÇÃO HISTÓRICA, A CRISE DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS FEIRAS LIVRES EM MISIONES, ARGENTINA.....	36

3. 1 O Contexto histórico onde surgiram as feiras livres.....	36
3. 2 O surgimento das feiras livres.....	43
3. 3 As instituições (atores coletivos).....	47
3. 4 Os Atores individuais.....	54
4 A REDE DE PODER ESTABELECIDADA EM TORNO ÀS FEIRAS LIVRES E A CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO.....	58
4. 1 As feiras como rede de poder: uma análise a partir dos atores coletivos.....	59
4. 1. 1 Os atores da rede e as inter-relações.....	59
4. 1. 2 A questão do poder dentro da rede.....	78
4. 2 Meio rural e desenvolvimento: a construção da cidadania.....	92
BUSCANDO UMA CONCLUSÃO.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
ANEXOS.....	122

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização geográfica da província de Misiones.....	12
FIGURA 2: Bacia do Rio da Prata.....	37
FIGURA 3: Porcentagens de estabelecimentos rurais na Província de Misiones, Argentina, segundo o seu tamanho – 1988.....	41
FIGURA 4: Ocupação da terra (em %) pelos estabelecimentos rurais na Província de Misiones, Argentina, segundo o seu tamanho - 1988.....	41
FIGURA 5: Uso da terra cultivada na província de Misiones, Argentina - 1999.....	42
FIGURA 6: Evolução do preço da erva mate e do chá preto (em kg de folha verde) na província de Misiones na última década	43
FIGURA 7: Sociograma da rede de poder que caracteriza as feiras livres.....	67

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Características dos tipos de redes de poder:	
Comunidade Política e Rede Difusa.....	23
QUADRO 2: Distribuição porcentual de consumidores segundo	
a renda familiar mensal.....	56
QUADRO 3: Auto-reconhecimento dos atores na rede.....	65

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Lista das cidades da província de Misiones que possuem feiras livres.....	123
ANEXO 2: Lista dos entrevistados.....	124
ANEXO 3: Roteiros das entrevistas.....	125
ANEXO 4: Evolução da produção de erva mate “canchada” em toneladas de 1970 até 1997.....	128
ANEXO 5: Passeata em Oberá, maio de 2001.....	129
ANEXO 6: Estrutura institucional do “Programa Social Agropecuario”.....	130
ANEXO 7: Estrutura Organizativa do “Movimento Agrario de Misiones”.....	131
ANEXO 8: Lei municipal da prefeitura de Posadas sobre a feira Livre.....	132
ANEXO 9: Palestra ministrada por Eugenio Carlos Kasalaba.....	133
ANEXO 10: Atividades não agrícolas no meio rural missioneiro (fabricação de vassouras e fabricação de queijos).....	137
ANEXO 11: Dinâmica gerada em torno das feiras a cada sábado.....	138

LISTA DE SIGLAS

AFF: Asociación de Ferias Francas de la Provincia de Misiones

ANT: Actor Network Theory

CE: Centro Ecológico

CNA: Censo Nacional Agropecuario

CRYM: Comisión Reguladora de la Yerba Mate

FET: Fondo Especial del Tabaco

INDES: Instituto de Desarrollo y Promoción Humana

INTA: Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria

MAM: Movimiento Agrario Misionero

ONGs: Organizações Não-Governamentais

PIB: Produto Interno Bruto

PSA: Programa Social Agropecuario

RAOM: Red de Agricultura Orgánica de Misiones

SAGyP: Secretaría de Agricultura Ganadería Pesca y Alimentación

SENASA: Servicio Nacional de Sanidad Animal

UTCP: Unidad Técnica de Coordinación Provincial

RESUMO

Este trabalho aborda a experiência das feiras livres existentes na província de Misiones, Argentina. Em toda a província existem 31 feiras onde aproximadamente 2.000 agricultores familiares vendem produtos da “chácara” (produtos *in-natura* e com um mínimo grau de processamento). Em torno das feiras se formou uma rede da qual participam, além dos agricultores, técnicos de diferentes instituições e organizações que atuam no meio rural, os municípios, o governo provincial, organizações civis e consumidores. O trabalho visa compreender o que leva os atores sociais a confluírem na experiência das feiras livres, a captar as inter-relações, interesses e significados e identificar no imaginário dos atores, elementos que indiquem a visão sobre o meio rural que está se construindo na rede. A coleta dos dados foi feita através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a um informante qualificado e a quatro grupos de atores: os mediadores técnicos das instituições, os representantes do poder público municipal e provincial, os agricultores e os consumidores. Também foram coletados dados a partir da observação direta e da análise do material produzido pelos próprios atores. Na primeira parte da análise as feiras livres foram consideradas como uma rede de poder formada pelos seguintes atores coletivos: a “Asociación de Ferias Francas de Misiones”, o “Programa Social Agropecuario” o “Movimiento Agrario Misionero” a “Red de Agricultura Orgánica de Misiones”, o “Instituto de Desarrollo y Promoción Humana”, os Municipios e o Governo provincial. Na segunda parte da análise trabalhou-se com as noções sobre o mundo rural e consideraram-se os atores individuais que trabalham em três feiras escolhidas, mas que possuem uma visão da experiência no geral, e os que representam os atores coletivos. Com relação à rede de poder foram enfocadas as inter-relações entre os atores, o acordo dos seus interesses e o intercâmbio de recursos de poder, chegando-se à governança da rede, caracterizada como de auto-organização onde todos os atores possuem uma certa porção dos recursos de poder não existindo nenhum deles capaz de ser hegemônico. Com todos estes elementos se determinou que esta rede tem a característica de uma “Rede Difusa”. Em relação à idéia de meio rural, mesmo que mais ou menos homogênea, mais ou menos clara, percebe-se a construção de uma noção de meio rural como um espaço multidimensional, caracterizado pela presença de agricultores familiares pluriativos, pela existência de mercados socialmente construídos e pela articulação entre diversos setores da sociedade. Assim, esta noção se diferencia da tradicional idéia do rural vinculado exclusivamente ao agrícola.

ABSTRACT

This work approaches the experience of free fairs in the province of Misiones, Argentina. There are 31 fairs in the whole province, where approximately 2000 family agriculturalists sell their ranch products (natural products and with a minimum degree of processing). A network was created around the fairs with the participation of the agriculturalists, technicians from different institutions and organizations working on rural areas, local and provincial governments, civil organizations, and consumers. This work intends to understand what makes the social actors participate together in the experience of the free fairs as well as to catch the interrelations, interests and meanings, and identify in the actors imaginary the elements that indicate the points of view about the rural environment being constructed in the network. The data was gathered through semi-structured interviews applied to a qualified informant and to four groups of social actors: mediator technicians from institutions, city and provincial government representatives, the agriculturalists, and consumers. Data was also gathered through direct observation and from analyses carried out by the actors themselves. In the first part of the analysis the free fairs were considered as a network of power formed by the following collective actors: the “Asociación de Ferias Francas de Misiones”, the “Red de Agricultura Orgánica de Misiones”, the “Instituto de Desarrollo y Promoción Humana, and the provincial and local governments. In the second part of the analysis the concepts of rural environment were dealt with considering the individual actors who work at the three chosen fairs and have a general perspective of the experience, and those representing the collective actors. The interrelation between actors, the concentration of their interests and the exchange of power resources were focused in relation to the network of power, leading to the network administration, characterized as self-organizing, with all the actors holding a certain amount of power resources but with no power hegemony prevailing. Taking into account all these elements the network can be characterized as a “Diffused Network”. In relation to the idea of rural environment, even though more or less homogeneous and clear, it is possible to notice the building of a notion of rural environment as a multidimensional space characterized by the presence of family agriculturists with diversified activities, by the existence of socially constructed markets, and by the articulation between various social segments. This being so, this notion contrasts with the traditional idea of rural related only to agricultural.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho se faz uma análise da experiência das feiras livres de Misiones, Argentina. As feiras livres constituem um fenômeno social de múltiplas facetas que envolve diferentes atores sociais no meio rural missioneiro. Em uma primeira parte da análise as feiras livres são mostradas como uma rede de poder composta por atores coletivos, focalizando as relações entre eles, a articulação de seus interesses e o intercâmbio de recursos de poder (econômicos, simbólicos, constitucionais, políticos) para chegar na questão da governança da rede. Na segunda parte da análise é mostrada a construção, dentro da rede, de uma idéia de desenvolvimento caracterizada, entre outras coisas, pela noção de rural como um espaço multidimensional e não como um setor da economia.

A eleição de uma realidade social específica para ser estudada é um processo complexo que necessita de amadurecimento e reflexão. Existem diversas circunstâncias, algumas mais pessoais e outras mais objetivas que afetam esse processo durante o passar do tempo. Neste caso particular, existiu um fator de grande peso relacionado com meu compromisso com a agricultura familiar, que foi se criando durante todo o processo de minha formação acadêmica, não por virtude da própria formação, mas sim pelas vivências dentro do movimento estudantil de agronomia (tanto no nível local, nacional como internacional) e por algumas experiências de trabalho desenvolvidas através de projetos na área de Extensão Rural da Universidade Nacional de Rio Cuarto. Esse compromisso com a agricultura familiar foi tornando-se mais objetivo e mais racional na medida que o mestrado em Desenvolvimento Rural foi apresentando seu corpo conceitual, fazendo que uma opção quase ideológica se transformasse em uma opção técnica, profissional e

acadêmica que orientou este e, seguramente, orientará outros trabalhos. Minha relação de trabalho com a Universidade Nacional de Rio Cuarto na área de produção vegetal foi outro fator que condicionou de certa maneira a escolha do objeto de estudo e, sendo assim, ele não poderia se distanciar da produção em alguma das suas formas.

Quando as circunstâncias do curso me obrigaram a tomar uma decisão sobre a pesquisa, não foi difícil escolher o objeto social a ser pesquisado: as feiras livres de Misiones. Neste lugar especial da Argentina, pelas características ambientais e pela história de lutas dos seus movimentos sociais, é onde se desenvolveu a experiência organizativa, que envolve agricultura familiar e produção e comercialização alternativas, de maior importância social da Argentina: o movimento das feiras livres. Esse espaço social, que já havia me mostrado muitas coisas quando era um estudante de agronomia, era, sem dúvida, o lugar com o qual compartilharia minha primeira experiência como pesquisador.

As transformações tecnológicas, econômicas, sociais e políticas acontecidas no mundo, nos últimos 25 anos, afetaram diversas estruturas da sociedade moderna. No âmbito da economia, com a consolidação do neoliberalismo, o Estado foi se transformando radicalmente, aparecendo como um ente fragmentado. Perdeu seu poder de regulamentação e intervenção nas mais importantes esferas da sociedade e modificou seu relacionamento com as organizações lucrativas e não lucrativas da sociedade. A República Argentina não foi um país alheio a essas transformações. Pelo contrário, na década de 1990 foi aplicado um programa de privatizações das empresas públicas conjuntamente com toda uma série de medidas tendentes à desregulamentação das atividades econômicas nunca antes aplicado nesse país.

No âmbito social, as transformações mostram a sociedade atual como uma estrutura de organizações coletivas, caracterizada pela importante presença de grupos de poder, representações de interesses, organizações civis e movimentos sociais que disputam poder de decisão e recursos públicos, junto à perda de legitimidade por parte das instituições tradicionais (partidos políticos, sindicatos etc). No caso da

Argentina os “*clubes del trueque*”¹, as organizações de desempregados e associações ambientalistas junto a outras experiências ganharam importância nesta última década.

No âmbito da agricultura, nos últimos 30 anos foi se consolidando um padrão conhecido como “agricultura moderna”, baseado na utilização de uma grande quantidade de insumos industriais na nutrição das plantas e no controle de pragas e doenças. Baseado também nas inovações na área da genética e biotecnologia, que tendem a uma maior homogeneização na produtividade dos cultivos e na mecanização pesada das atividades agrícolas. Este padrão, que tem conseguido um aumento significativo na produção mundial de alimentos, começa a mostrar seus “efeitos colaterais” tanto econômicos, sociais como ambientais. A queda na renda dos pequenos estabelecimentos rurais com o conseguinte êxodo rural, a perda do controle local da produção, o balanço energético negativo dos sistemas de produção, a degradação e poluição dos solos, o desperdício de água para consumo humano, a poluição de áreas naturais e a perda de diversidade genética são algumas das conseqüências desta agricultura (Almeida, 1997; Gliessman 2000).

Neste contexto é que surgem críticas ao processo de desenvolvimento em geral e ao modelo de agricultura em particular. Essas críticas são baseadas na existência de propostas “alternativas” ou “diferentes” que encerram uma enorme diversidade de concepções, que vão desde a preocupação por entender as dinâmicas da natureza até o questionamento do modelo socioeconômico vigente (Almeida, 1999). Essas propostas de agricultura “alternativa”, nas suas diversas tendências, podem ser consideradas como uma possibilidade de sobrevivência para os pequenos produtores no campo (Costa, 1992).

Só a partir da década de 1990 é que na República Argentina começa a se discutir, em algumas universidades, ONGs e outras associações, as propostas de agriculturas “alternativas”, mas isso não quer dizer que o debate tenha se generalizado nem que exista de forma estruturada. Assim, o adjetivo “alternativa” dado ao substantivo agricultura atua como um “guarda-chuva” onde convivem as

¹ Mercados socialmente construídos onde as pessoas associadas se encontram para trocar produtos e serviços. Nestes clubes não se utiliza a moeda oficial do país e sim créditos com os quais se dá valor aos diferentes produtos e serviços oferecidos.

propostas de produção de baixos insumos, plantio direto, conservação e recuperação de solos, agricultura orgânica, agricultura ecológica, agroecologia, entre outras. Com relação às experiências práticas, existem aquelas desenvolvidas localmente com pouca expressão e difusão, mas na metade da década de 1990 aparecem as feiras livres em Misiones que atualmente se constituem na expressão de maior importância social de produção e comercialização alternativa.

As feiras livres de Misiones compõem um movimento que envolve 31 feiras que se estendem em todo o território da província. Destas feiras participam em torno de 2.000 famílias de produtores rurais², técnicos de diferentes programas públicos, instituições e organizações que atuam no meio rural missioneiro, os municípios onde as feiras estão instaladas, o governo provincial, organizações civis e os consumidores. Assim, este conjunto de atores (coletivos e individuais) estabelece relações de interdependência intercambiando recursos de poder (econômicos, simbólicos, jurídicos, etc.) com a finalidade de satisfazer seus próprios interesses e ao mesmo tempo alcançar os objetivos coletivos.

O trabalho está organizado em quatro capítulos a partir desta introdução mais uma pequena conclusão e as considerações finais. No primeiro capítulo se apresenta a problematização, os objetivos e as principais hipóteses que orientaram esta pesquisa. Em seguida, apresenta-se uma descrição dos elementos que constituem o método utilizado. Por último, apresentam-se algumas características principais da província de Misiones com a finalidade de orientar o leitor com relação à localização geográfica da província, população e distribuição da terra, conjuntamente com algumas figuras que o auxiliem nesta tarefa.

² A noção de produtor rural faz referência a um tipo social que produz mercadorias para o mercado, cuja racionalidade está governada pela procura do máximo lucro. A noção de agricultor familiar faz referência a um grupo familiar cuja racionalidade está ligada à necessidade de reprodução familiar, ao vínculo com a terra, à auto-produção de alimentos que assegure a subsistência e o emprego da mão-de-obra familiares. Para este tipo social a integração ao mercado é variável, existindo desde os que mantêm pouca relação com o mercado até aqueles que estão totalmente integrados, mas sua racionalidade não está governada pela procura do máximo lucro. Na Argentina, esta diferença conceitual entre produtor e agricultor não está consolidada nos meios acadêmicos, nem na administração pública, portanto, nas entrevistas aparecerão utilizados indistintamente, mas sempre fazendo referência ao agricultor familiar. Neste trabalho se utilizará o termo agricultor ou agricultor familiar.

No segundo capítulo se apresentam algumas noções de rede, focalizando a idéia de poder e sua relação com a noção de desenvolvimento rural. Estes são os principais elementos conceituais utilizados na elaboração deste trabalho.

O terceiro capítulo está dividido em quatro itens. Primeiramente, apresenta-se a formação histórica da região, considerando aspectos econômicos sociais e culturais, ressaltando a produção de erva mate pela sua importância na formação histórica deste lugar. Logo, o processo de surgimento das feiras livres é apresentado a partir dos depoimentos dos atores. Nos dois últimos itens se faz uma descrição dos atores coletivos e individuais que participam das feiras livres.

Por fim, no quarto capítulo se apresenta a análise das feiras livres como uma rede de poder, mostrando a sua formação, as inter-relações, o intercâmbio de recursos de poder e os acordos de interesses. Analisa-se também a rede frente a um eixo analítico: a visão do meio rural. Mas aqui a análise se detém nos atores individuais, naqueles que representam atores coletivos e também nos que atuam em uma feira particular, mas que possuem um conhecimento do processo social das feiras livres como um todo.

1 A REDE DAS FEIRAS LIVRES DE MISIONES: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O fenômeno social das feiras livres de Misiones envolve diferentes atores sociais, entre eles, aproximadamente 2.000 agricultores familiares organizados em 31 associações que administram suas respectivas feiras, técnicos e lideranças das instituições e organizações que atuam no meio rural missioneiro, os municípios onde as feiras estão instaladas (anexo 1), o governo provincial, técnicos dos programas públicos, organizações civis e os consumidores. Atualmente este movimento se estende por todo o território da província de Misiones, apresentando distinto grau de presença dos diferentes atores em cada feira particular.

Este fenômeno social, que neste trabalho chama-se, de maneira muito simplificada, de experiência alternativa de produção e comercialização de alimentos é, sem dúvida, um objeto social muito complexo, que envolve múltiplas facetas. Entre elas se destacam: a consolidação de 31 organizações de agricultores, e com elas, a formação da “Asociación Provincial de Ferias Francas” representando um avanço na organização e na capacidade de representação dos agricultores familiares de Misiones.

A circulação, pelas distintas feiras, de cinco milhões de pesos anuais, que não somente supera os quatro milhões de pesos recebidos anualmente pela produção primária de chá preto em toda a província, senão que se converte em uma possibilidade de renda para os 2.000 agricultores familiares participantes, renda que chega de maneira distribuída durante todo o ano. Portanto, diminui a dependência do agricultor com fontes de financiamentos, significando mais autonomia.

A oferta de alimentos de alta qualidade, sem agrotóxicos, sem aditivos químicos e produzidos com base no conhecimento acumulado no local, possibilitando aos habitantes urbanos terem uma alternativa para melhorar a sua alimentação.

A produção comercializada nas feiras livres que alcança 5% dos produtos frescos comercializados na província, sem considerar os produtos consumidos pelos próprios agricultores. Atualmente esta percentagem tende a aumentar por causa dos recentes contratos para abastecer alguns hospitais da província.

O processo de participação dos pequenos agricultores na tomada de todas as decisões que tenham a ver com a produção, a comercialização, a organização e o financiamento, contribui com uma maior democratização da sociedade rural. A integração das comunidades rurais com famílias que moram na cidade e o processo de comunicação que se desenvolve entre eles, leva à melhoria da qualidade de vida tanto dos agricultores como dos moradores urbanos. A modificação nas relações familiares que se apresentam entre os agricultores, levam tanto a mulher como as crianças a ter um outro papel na economia familiar e no relacionamento com a comunidade.

Este fenômeno social também inclui a consolidação de um espaço de discussão, formado por técnicos, dirigentes sindicais, funcionários públicos e agricultores, sobre o modelo de agricultura que necessitam praticar. A construção de um espaço de coordenação, e de trabalho conjunto, entre um importante número de instituições públicas e da sociedade civil. O aumento das possibilidades de acesso à capacitação, em diversas temáticas, por parte dos agricultores e suas famílias, como são os casos das diversas oficinas de capacitação realizadas nos seis anos, e a realização de um curso, com certificação oficial de um instituto técnico particular.

Mesmo a descrição seja longa não é suficiente para mostrar toda a complexidade do fenômeno social que representam as feiras livres de Misiones.

Frente a esse fato social, é interessante conhecer: como se constitui este conjunto de atores sociais ao redor das feiras livres de Misiones? Que relações se estabelecem entre eles, que interesses e significados coexistem? Para onde se encaminha a experiência? Essas são as principais questões que este trabalho tentará

responder. Ao mesmo tempo, os objetivos deste estudo são: compreender o que leva aos atores sociais a confluir na experiência das feiras livres; captar as inter-relações estabelecidas, os principais interesses e significados que os atores dão para as feiras e identificar, no imaginário dos atores, alguns elementos que indiquem a visão sobre o meio rural missioneiro que está sendo construída nesta experiência.

Estas questões serão respondidas partindo das seguintes hipóteses: a constituição deste agrupamento de atores sociais que dá sustentação às feiras livres de Misiones é um processo dinâmico e permanente, onde os atores possuem distintos graus de compromisso com as feiras, as relações estabelecidas entre eles são heterogêneas e instáveis, onde existem atores que atuam sobre o movimento como um todo e outros que somente atuam em uma única feira local.

Para os distintos atores, a experiência das feiras livres possui significados diferentes, mas também, eles se sentem motivados por interesses particulares. Considerando os atores coletivos como o “Movimiento Agrario de Misiones” (MAM) e a “Red de Agricultura Orgánica de Misiones” (RAOM), estes consideram as feiras um fenômeno social que permite a possibilidade de estar se construindo uma sociedade diferente, baseada na democracia autêntica, com ênfase na autonomia de seus membros. Para outro grupo de atores, como os programas públicos destinados aos agricultores familiares e algumas ONGs, as feiras significam, principalmente, o êxito das suas atividades realizadas com a finalidade de reconverter o setor dos pequenos e médios agricultores. Para o governo provincial, significa o fim das mobilizações de agricultores motivadas pelos problemas dos baixos preços dos produtos tradicionais (erva mate, chá, fumo) que a cada ano se produzem nos momentos da colheita.

Entre os atores que fazem parte da experiência existem diferentes visões sobre o meio rural. Para alguns deles as feiras significam uma nova forma de pensar o meio rural, deixando de vê-lo como um suporte para as atividades agrícolas para considerá-lo um espaço de relações sociais integrado às aglomerações urbanas. Para outros atores, o meio rural continua sendo aquele espaço onde se desenvolvem fundamentalmente atividades agrícolas. Isto resulta, em muitas ocasiões, em que as atividades desenvolvidas sejam superpostas e até contraditórias.

A tarefa de construir um objeto de pesquisa a partir de uma realidade social tão complexa, provoca uma dupla sensação. Por um lado, um desafio excitante, o exercício acadêmico, que exige muita rigorosidade e dedicação para captar o substancial dessa problemática social mais complexa. E por outro lado, a sensação de temor provocada pela necessidade de optar permanentemente por diferentes possibilidades e assim lograr o recorte necessário às dimensões do trabalho sem provocar uma simplificação demasiado reducionista, coisa que nem sempre se consegue.

Optou-se por uma dimensão analítica sincrônica que dá prioridade às características atuais da experiência ao invés de uma análise diacrônica, que prioriza uma recuperação histórica do fenômeno, o qual exigiria um esforço maior no levantamento dos dados, coisa que seria muito difícil devido à falta de tempo e de recursos para fazer o trabalho.

Em uma primeira parte da análise se considera ao conjunto de atores sociais que constituem a experiência das feiras livres como uma rede de poder formada pelos atores coletivos. Começou-se pela delimitação da rede, a qual foi feita através das informações apontadas pelo informante chave e pelos próprios atores. Em seguida se priorizou nas inter-relações estabelecidas entre os distintos atores, nos recursos intercambiados e nos interesses e significados que eles dão às feiras livres como fenômeno social, tentando dar conta da dinâmica da rede. Nesta primeira parte da análise, os agricultores foram representados pelos dirigentes da “Asociación de Ferias Francas” como um ator coletivo. Na segunda parte se analisou a experiência em função de um eixo analítico, mas neste caso, se consideraram os atores individuais, não somente os que representam os atores coletivos, senão também os que atuam em uma feira local, mas que têm um conhecimento de todo o fenômeno social que representam as feiras livres. Consideraram-se também os agricultores e os consumidores como atores individuais. O eixo que guiou a análise foi a visão que os atores possuem sobre o meio rural.

Pelas dimensões deste estudo, para desenvolver esta última parte da análise se escolheu, além dos representantes dos atores coletivos, os atores individuais³ que

³ Com relação aos diferentes atores (coletivos e individuais), são desenvolvidos maiores detalhes no capítulo 3, itens 3.3 e 3.4.

atuam nas feiras de Oberá, San Vicente e Posadas. A eleição da feira livre de Oberá está relacionada à sua criação, pois foi a primeira experiência desenvolvida e os dirigentes desta feira são, desde o surgimento, os dirigentes da “Asociación de Ferias Francas”. As outras duas foram escolhidas a partir da entrevista realizada com um informante chave, que indicou experiências diferentes da de Oberá. A partir de suas indicações, foram escolhidas San Vicente e Posadas. A primeira porque as bancas de venda pertencem a grupos de agricultores e não a agricultores individuais, e Posadas pelo fato de ser um espaço compartilhado por agricultores locais e por agricultores que vêm de diferentes regiões e que, ao mesmo tempo, participam nas suas feiras locais. Além disso, a feira de Posadas tem um significado particular para o movimento das feiras livres, pois significa a expansão do fenômeno a um nível extra-local implicando uma maior coordenação entre os agricultores, e uma outra presença na opinião pública⁴.

A coleta dos dados para realizar ambas análises se realizou através de entrevistas semi-estruturadas. Primeiramente se realizou uma longa entrevista com um informante chave com a finalidade de conhecer informações sobre toda a história das feiras livres, o contexto no qual surgiram, os atores envolvidos, etc. A partir dessas informações, começou-se com a coleta de dados através das entrevistas com os atores (anexo 2). Estes foram divididos em quatro grupos para os quais foram construídos os respectivos roteiros (anexo 3). Os quatro grupos são: os mediadores técnicos das instituições e organizações que participam; os representantes do poder público municipal e provincial; os agricultores que vendem nas feiras e os consumidores. A definição dos grupos de atores foi um processo construído durante a etapa de campo com as informações aportadas pelo informante chave e pela própria observação.

Os roteiros de entrevistas foram construídos em torno de quatro eixos com um número variável de questões cada um. Os quatro eixos são: origem social e trajetória do entrevistado, visão do processo de surgimento e funcionamento da experiência, motivações, significados, interesses e conflitos que existem e, finalmente, visão do meio rural. Cabe aqui esclarecer que o roteiro de entrevista

⁴ Esta feira livre ocupou importantes espaços dos jornais da capital do país, principalmente quando foi visitada pelos dois candidatos mais importantes à presidência da nação em 1999.

elaborado para os consumidores teve o fim de caracterizá-los e tentar descobrir qual é a sua visão das feiras.

Além das entrevistas, procurou-se desenvolver a observação simples em toda a etapa de coleta dos dados, como também se realizou uma análise dos materiais produzidos pelas distintas instituições e pela imprensa.

A primeira parte da análise, ou seja, a que considera a rede de poder formada por atores coletivos, começa com a delimitação desta. Para isto se utilizou o método realista onde os próprios atores se auto-reconhecem dentro da rede, ou seja, aos atores entrevistados foi pedido para mencionar a todos os integrantes da rede. Com essa informação adicionada à fornecida pelo informante chave foi construído o desenho da rede. Posteriormente o trabalho se centra na unidade de análise, que corresponde às interações e relações entre os atores, para identificar os intercâmbios de recursos e os confrontos de interesses produzidos através dessas relações. Com os dados recolhidos se construiu o sociograma que é uma representação gráfica da rede com seus atores e as relações entre eles.

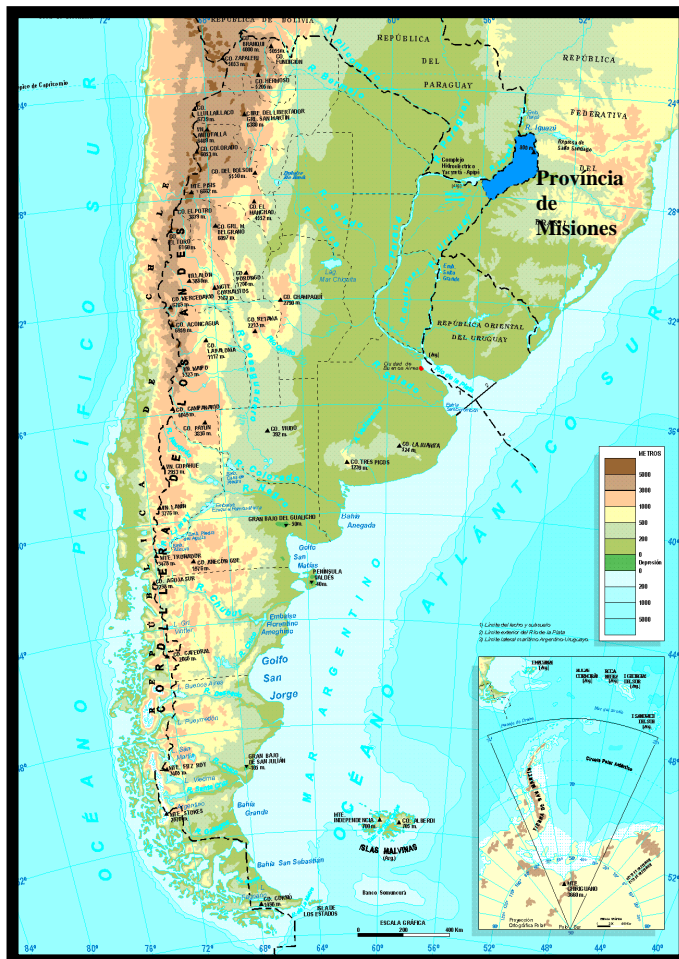
A segunda parte da análise se concentra nos atores individuais que conhecem e atuam em todo o fenômeno social das feiras livres. Definiu-se um eixo analítico frente ao qual se compararam os depoimentos dos atores tentando mostrar qual é a visão de mundo rural que esta sendo construída no seio da experiência.

A etapa de campo deste trabalho se estendeu durante todo o mês de maio e parte de junho de 2001 e se desenvolveu principalmente nas cidades de Oberá, San Vicente e Posadas. Em busca dos atores a serem entrevistados foram visitadas várias outras cidades e algumas colônias em toda a província de Misiones. Se visitaram as cidades de: Eldorado, Montecarlo, Porto Iguazu, Leandro N. Alen e as colônias de Panambí e El Sobervio.

A província de Misiones ocupa o extremo nordeste da República Argentina, em uma porção de território que se encontra entre os paralelos 25° 28' e 28° 10' de latitude Sul e os meridianos 53° 38' e 56° 03' de longitude Oeste. A sua superfície é de 29.801 Km² o que representa pouco mais de 1% do total do país. Mais de 80% de seus limites são internacionais. Ao Norte e a Leste limita com o Brasil, a Oeste com

o Paraguai e finalmente ao Sul se conecta com a Argentina (figura 1) (www.misiones.gov.ar. Consulta 05/12/2001).

Figura 1: Localização geográfica da província de Misiones



Fonte: Golsberg, 1999.

O clima que domina nessa região é sub-tropical úmido, as precipitações são de 1.700 mm, distribuídas uniformemente em todo o ano, a temperatura anual média é de 20° C, e durante o ano pode ser registrado no máximo 10 geadas. 70% da superfície provincial apresenta um relevo com grandes declives, os solos possuem óxido de ferro em excesso, em geral são pouco férteis e têm problemas de acidez e toxicidade por alumínio (Golsberg, 1999).

A província administrativamente é dividida em 75 municípios. As cidades de maior importância, pelo número de moradores, são Posadas, Oberá, Eldorado, Leandro N. Alen e Porto Iguazu. Segundo dados de 1998, o PIB missioneiro atinge

os 5.400.000.000 de pesos⁵ representando 1,6% do total nacional. O setor primário (agricultura, pecuária, florestamento, mineração) representa o 16% do PIB total (Golsberg, 1999).

Em 1994, Misiones era habitada por 788.915 pessoas, 36,5% morando no campo e 63,5% nas cidades. 30% das famílias missioneiras possuem necessidades básicas insatisfeitas, e este valor é o dobro com relação ao valor que o país registra como um todo (Golsberg, 1999).

É nesta realidade que em um sábado de agosto de 1995 um grupo de agricultores começou a vender produtos das suas chácaras⁶ em uma praça da cidade de Oberá. Aquele dia começou muito cedo quando os sete agricultores chegaram, já tinham clientes esperando e jornalistas locais para registrar aquele momento que se converteu no ponto inicial do que hoje é a experiência de produção e comercialização alternativa com maior importância social da Argentina.

⁵ Nome da moeda oficial da República Argentina. No momento de realização deste trabalho o peso possuía a mesma cotação do dólar estadunidense, fixado pela lei de convertibilidade de 1991.

⁶ Faz-se referência aos produtos *in natura* que normalmente os agricultores familiares produzem (hortifrutigranjeiros, leite e algumas carnes) e a alguns produtos com um certo grau de manufatura realizados pelos próprios agricultores (conservas, queijos, doces, fiambres etc).

2 A REDE DE PODER E O DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo se apresenta a noção de rede de poder que será utilizada para compreender de que maneira se inter-relacionam os atores nas feiras, como o poder é distribuído e o tipo de rede que resulta dessa distribuição. Em uma segunda parte são apresentados alguns elementos que auxiliam a entender as idéias sobre o meio rural que existem dentro da rede.

2. 1 Noção de rede

A idéia de rede é utilizada em distintas áreas do conhecimento desde muito tempo. Em 1920, a idéia de rede foi utilizada pela engenharia na França como modo de pensar a distribuição de água em Paris e também como uma estruturação do exército para a defesa do território. A noção de rede foi sendo utilizada, aos poucos, pelas ciências da natureza e da sociedade, pela medicina, pela microbiologia e pela ecologia, que têm se servido desta noção para explicar diferentes fenômenos. A antropologia, dentro das ciências sociais, foi a primeira disciplina a se valer do conceito de redes.

É a perspectiva das ciências sociais que interessa neste trabalho. A noção de redes sociais está se difundindo entre variados âmbitos do estudo da realidade social, principalmente nestes últimos anos. Na antropologia começou a ser utilizada por Barnes, [sd] (*apud* Schiavoni, 1995) na metade da década do 50 com os estudos dos processos de urbanização das sociedades tribais. Para este autor, uma rede é um

campo social composto de relações entre pessoas definidas por critérios como vizinhança, parentesco, amizade e relações econômicas. A rede é ilimitada, não tem dirigentes nem organização coordenadora. Para o mesmo autor, a importância da noção de rede é que permite interpretar as ações de alguns indivíduos considerando as ações dos outros (Schiavoni, 1995). Dentro da mesma área do conhecimento, o estudo de Claude Lévis-Strauss (1969), *Antropologia Estrutural*, apresenta a idéia de que a sociedade é uma rede de diferentes tipos e ordens (Fleischfresser, 1999).

Uma outra característica das redes sociais é apresentada por Schiavoni (1995), utilizando conceitos de Flamet (1993). As redes funcionam por relações de interpersonalidade feitas de fracos laços. Solidariedade, compromisso voluntário, convivência, são termos que não comprometem a pessoa na sua totalidade, portanto uma rede está elaborada sobre de intercâmbios de reserva, diferente das relações de reciprocidade que envolvem a pessoa na sua totalidade. Esta característica dá às redes a capacidade de unir o diferente, de conectar atores distintos de maneira não hierárquica, ampliando as influências e favorecendo a circulação das informações.

Segundo Porras (1999), os autores que trabalham com redes sociais ressaltam a necessidade de considerar os condicionantes estruturais, manifestados através das interações existentes entre os componentes de um sistema social, quer dizer, um rechaço aos enfoques individualistas que dominaram as ciências sociais desde 1950. Neste enfoque de redes, os vínculos de um ator com o resto dos integrantes de uma estrutura relacional condicionam e capacitam suas percepções, mas ao mesmo tempo suas ações incidem na configuração dessa estrutura. Da mesma forma que o enfoque de redes descarta o individualismo, não pode ser confundido com o estruturalismo no qual os indivíduos eram considerados como simples mecanismos de uma super estrutura.

Segundo esse mesmo autor, a unidade de análise das redes sociais é os vínculos entre os atores. Esses vínculos são os canais pelos quais circulam e se distribuem os diferentes recursos (materiais, simbólicos, etc). Para a análise destas redes, o primeiro passo é a delimitação e especificação da rede social que vai ser estudada. Isto pode ser feito através de dois métodos mais comuns: o método realista,

no qual se adota a visão que os próprios atores⁷ têm das fronteiras da rede, e o método nominalista, no qual é o próprio pesquisador que impõe os limites da rede em função do marco teórico escolhido previamente.

Ainda o mesmo autor propõe uma outra potencialidade da análise das redes sociais que é a capacidade para representar visualmente as propriedades de uma estrutura relacional utilizando os sociogramas⁸.

O conceito de rede foi utilizado também por Castells (1999) (*apud* Schmitt 2001) para mostrar o surgimento de uma nova estrutura social, “a sociedade em rede”, capitalista, globalizada, estruturada sobre as novas tecnologias da informação, que seriam o substrato material para a sustentação e expansão das redes. Para o autor, os fluxos de informações e de imagens entre as redes constituem o encadeamento básico da estrutura social, sendo a informação o principal ingrediente de nossa organização social. Na sua abordagem, este autor propõe uma sociedade dominada por fluxos, onde a cultura teria se emancipado de suas bases materiais, a tal ponto que a natureza passa a ser renovada como uma forma cultural. Para ele, estamos iniciando uma nova era após milênios de luta contra a natureza, primeiro pela sobrevivência e depois pela sua conquista.

Para Castells (1999) (*apud* Schmitt 2001) as redes, juntamente com as tecnologias que a sustentam, mostram a existência de uma nova morfologia do social, onde o dinamismo social é produzido pela própria rede e não pelos atores sociais. É neste novo espaço (a rede) que o ser humano terá que achar o sentido da sua existência.

Sob uma outra abordagem de rede, Schmitt (2001) estudou a agricultura ecológica na região serrana do Rio Grande do Sul. A autora utilizou a abordagem desenvolvida pelos autores que trabalham na sociologia da ciência e da tecnologia,

⁷ Aqui os informantes qualificados cumprem um papel chave no fornecimento de informações sobre a constituição da rede.

⁸ Segundo Porras (1999), os sociogramas são parte da metodologia sociométrica desenvolvida por Moreno (1934) a qual permitiu iniciar os estudos quantitativos das estruturas dos grupos.

entre eles John Law, Michel Callon e Bruno Latour, e que é designada com o nome de *actor network theory* (ANT), teoria da rede de atores ou sociologia da tradução⁹.

A ANT busca compreender os mecanismos através dos quais os padrões de interação social se estabilizam e se reproduzem, ou seja, a própria sociedade, as organizações, os agentes, são vistos como produtos das redes e não como constituintes das redes. Esta abordagem rompe com a arquitetura conceitual associada às análises da sociologia tradicional, centrada em conceitos como estrutura, sistema social, instituições, normas, níveis, camadas, e tenta compreendê-las como um efeito das redes (Schmitt, 2001).

Segundo essa mesma autora, para os autores da ANT as redes são compostas por agentes *humanos* e *não humanos*, conectados entre si através de processos de tradução. Assim, para estes autores, por exemplo, aquilo que chamamos de ciência é o resultado da conexão entre tubos de ensaio, cientistas, colaboradores habilidosos, reagentes, organismos, microscópios, terminais de computadores, e tudo mais, surgindo diante de nós como representações estáveis e enunciados objetivos sobre a realidade. Este mesmo raciocínio pode ser aplicado para entender o mercado, os territórios, a agricultura, etc.

Para a ANT os atores não existem por si mesmos, eles podem ser apreendidos a partir das relações que estabelecem com os agentes humanos e não humanos. No mesmo sentido, não existem diferenças ontológicas entre pessoas e objetos. Para Law (1992) (*apud* Schmitt 2001) uma pessoa é um efeito gerado por uma série de materiais heterogêneos em ação, sendo o pressuposto da não diferença entre pessoas e objetos, uma postura analítica desta vertente teórica (Schmitt, 2001).

Ainda segundo Schmitt (2001), a ANT propõe uma simetria radical entre humanos e não humanos, e as suas análises estão povoadas de pessoas, artefatos e processos naturais, que vão sendo construídos na medida em que se navega pelas redes. Esta proposta é central no seu esforço por romper com a dicotomia sociedade/natureza sobre a qual está estruturada a ciência moderna.

⁹ Os aportes da sociologia da tradução foram também utilizados, juntamente com a abordagem da sociologia construtivista, por Neto (2001) para analisar a piscicultura ecológica no Estado de Santa Catarina, Brasil.

No seu esforço de estudar as redes de uma “nova agricultura”, Schmitt (2001), optou por uma abordagem histórico-genética tentando resgatar a trajetória de constituição das redes. Ou seja, privilegiando uma abordagem diacrônica sob o pressuposto de que as redes são profundamente dinâmicas e, por tanto, impossíveis de serem congeladas para o estudo. Mesmo assim as propriedades familiares foram o ponto de ancoragem que evitaram uma navegação demasiadamente dispersa dentro da rede.

Neste mesmo sentido, um outro trabalho sob este enfoque de redes foi realizado por Dorigon (1997) com a finalidade de analisar a dinâmica do projeto Microbacias, desenvolvido no Estado de Santa Catarina, Brasil. Segundo o autor, o enfoque de redes permitiu captar a heterogeneidade de um conjunto de atores convergindo em torno de uma situação específica.

Em uma análise da implementação do Programa de Expansão da Suinocultura e o Tratamento dos Dejetos, implementado no sudoeste do mesmo Estado, Guivant (1996) utilizou elementos do enfoque de redes. Na formulação e implementação deste programa, diversos atores foram mobilizados, entre eles, técnicos, agricultores, agroindústrias, cooperativas, políticos, líderes sindicais, pesquisadores, funcionários do governo, etc. Com a finalidade de captar as diferentes perspectivas, a multiplicidade das definições dos atores e a influência disso na implementação do programa, a autora considerou-o como uma rede na qual se mobilizam recursos e são estabelecidas identidades e relações de poder entre os atores.

O conceito de redes tem sido também desenvolvido por diversos autores da teoria social construtivista, a qual pressupõe que os fatos sociais existem somente se forem reconhecidos pelos atores e expostos por eles logo após haverem sido internalizados (Dorigon, 1997).

Com relação ao conceito de ator existem várias interpretações entre os autores que trabalham nesta vertente. Para alguns deles, somente os humanos podem adquirir tal categoria. Para outros, tanto os humanos como os não humanos podem ser considerados atores. Para Hindess [s.d.] (*apud* Dorigon, 1997), um ator é um *locus* de decisão e ação, onde esta é uma consequência da decisão. Para este mesmo

autor, o conceito de ator envolve as entidades (individuais e coletivas) que podem tomar decisões e atuar sobre elas. Para Callon (1986) (*apud* Dorigon, 1997), um ator é qualquer entidade com capacidade para associar textos, humanos, não humanos e dinheiro.

Na união dos estudos de redes sociais com os estudos sobre a formulação de políticas tem se desenvolvido a idéia de redes de poder (*policy networks*). Esta idéia tomou força na medida em que as tradições intelectuais da reflexão política não conseguem mais dar conta dos novos e diferentes arranjos entre as diferentes associações de interesses e o Estado. A principal contribuição ao entendimento das redes de poder vem do neopluralismo ou também chamado pluralismo reformado, que constitui a mais importante revisão do pluralismo clássico¹⁰. O pluralismo reformado reconhece a desigualdade estrutural entre os atores envolvidos nos processos de elaboração e execução das políticas públicas, e as formas de negociação estão relacionadas a essa desigualdade estrutural entre os atores, à interação e ao recurso em disputa (Porras, 1999). O pluralismo reformado busca uma compreensão mais complexa das relações entre o público e o privado, reconhecendo a institucionalização nas relações entre o governo e os grupos de interesses que leva à constante eliminação de alguns grupos (Paulillo, 2000). Através desse entendimento é que o pluralismo reformado tenta dar conta da formação de redes de poder.

As redes de poder se formam em um ambiente caracterizado pela crescente mobilização e influência dos interesses privados nas políticas públicas, na fragmentação do Estado, no avanço da globalização e na complexidade da sociedade civil. Assim, “la sociedad ya no está controlada por una inteligencia central (el Estado), y también los mecanismos de control están dispersos, y la inteligencia se distribuye entre una multiplicidad de actores (o unidades de procesamiento)” (Kenis e Schneider, 1991 *apud* Porras, 1999, p. 13).

¹⁰ O pluralismo clássico entende a política como um processo atomizado, onde os diferentes interesses da sociedade são potencialmente organizáveis e competem para influenciar os centros de decisão das instituições públicas. Essa competência é indispensável e desejável para a democracia, fazendo que a pluralidade social entre no Estado e o poder se distribua equitativamente. Este paradigma teve grande aceitação até a década de 1970, onde seus pressupostos de crescimento econômico permanente e paz social não se cumpriram (Porras, 1999).

Para estes mesmos autores:

... as redes de poder podem ser pensadas neste contexto particular que apresenta o capitalismo atual caracterizado por: a) a emergência de uma sociedade com base em organizações coletivas; b) a realização de políticas setoriais; c) o aumento dos alvos da intervenção pública e as crescentes disputas de interesses no comando desse processo; d) a fragmentação e descentralização do Estado; e) a transnacionalização das políticas públicas; f) a relevância da matriz das informações, pela interdependência e complexidade dos assuntos políticos e sociais. (Kenis e Schneider, 1989 *apud* Paulillo, 2000, p. 7).

A noção de redes de poder foi utilizada por Paulillo (2000) com a finalidade de analisar o complexo agroindustrial da laranja no Brasil, e a partir de disso propor desenhos de políticas públicas. Nesse trabalho o complexo da laranja foi caracterizado como uma rede de poder territorial. Para o autor, as cadeias ou agrupamentos complexos possuem características comuns como a interdependência dos atores, a complementaridade dinâmica dos segmentos (a dominação e a preservação do poder, a representação dos interesses públicos e privados, a exclusão de interesses que afetam grandes empresas e grupos, e o rompimento e a mudança do padrão de regulação), a troca de recursos de poder e a articulação dos interesses, provocando diferentes arranjos institucionais entre atores públicos e privados. Para analisar as relações estruturais e a dinâmica das forças sociais envolvidas neles, a idéia de rede de poder apresenta-se mais adequada que as análises neoinstitucionais clássicas. A idéia de rede de poder é mais flexível e permite captar os distintos modos de governança. Além disso, as redes podem ser locais, portanto, os complexos ou agrupamentos podem ser analisados desde a intermediação dos interesses, dos recursos de poder e das ações coletivas e individuais localizadas.

Se o espaço (global) e as localidades (individuais) são identificados, há a possibilidade dos complexos ou agrupamentos ali inseridos serem vistos como redes de poder territoriais, já que o território é o resultado de uma construção político-social no qual os atores (coletivos e individuais) trocam recursos de poder e articulam interesses formando uma estrutura de oportunidades diferenciada (Paulillo, 2000).

Segundo esse mesmo autor, em um encadeamento ou em um agrupamento complexo, os atores são interdependentes porque suas ações provocam efeitos nos demais segmentos e atores desta cadeia ou agrupamento. Assim, um encadeamento deve ser analisado sob a perspectiva de uma rede de poder. Então:

Uma rede de poder é uma construção social definida a partir de conexões complexas entre organizações distintas e dependentes de recursos de poder (constitucionais, jurídicos, organizacionais, financeiros, políticos ou de informação). Esses recursos são buscados pelos atores visando obter melhores resultados e evitar uma possível dependência de outros atores. Assim, cada rede de poder distingue-se das demais pela diversidade na estrutura dessa dependência (Rhodes, 1998 *apud* Paulillo, 2000, p.7).

As redes de poder também podem ser identificadas como “una estructura configurada por vínculos, mas o menos estables, que mantienen un determinado número de actores (publicos e privados) que intercambian recursos (materiales e imateriales) por su mutua dependencia” (Porras, 1999, p. 14).

Para Kenis e Schneider [s.d.], (*apud* Fleischfresser, 1999), a idéia de redes de poder faz referência a que atualmente a elaboração de políticas públicas pode ser entendida como parte de arranjos ou acordos políticos institucionais, informais e descentralizados, que emergem de uma complexa relação de atores interdependentes com seus recursos. Estes acordos apontam também a existência de relações horizontais entre grupos de interesses e governo.

Para Fleischfresser (1999), o que há de importante e novo na idéia de rede de poder, é a participação de diversos atores sociais (coletivos e individuais) na elaboração e implementação das políticas públicas. Em suma, uma nova forma de relacionamento do Estado com os interesses organizados da sociedade, sejam eles empresas, grupos ou associações de interesses.

Na rede ocorre uma interação estratégica (ou interdependência) entre os atores, caracterizada pela busca e distribuição dos recursos de poder e pela intermediação e distribuição de interesses. Esta interação é assimétrica, pois os recursos de poder estão distribuídos de forma desigual entre os atores. A intensidade da assimetria pode ser compreendida a partir das características dos atores e das

conexões. Entre as características dos atores encontram-se: o conhecimento e a informação, a legitimidade, a habilidade direta e indireta para atuar dentro da rede e a reputação; e entre as das conexões: a centralidade das operações, a densidade institucional, as regras da interação e o grau de envolvimento ou capacidade de interação. Esta assimetria nas interações define o poder dos atores. Assim, o poder de um membro dentro da rede é relativo ao poder dos outros e é também ao tipo de relações que se estabelecem (Paulillo, 2000).

O grau de agregação da interação estratégica define o tipo de rede de poder, sejam mais abertas ou mais fechadas, mais ou menos integradas e mais ou menos institucionalizadas segundo seus membros, sua integração e os recursos. Assim temos dois tipos ideais de redes de poder que são a Comunidade Política e a Rede Difusa (quadro 1).

Nas Comunidades Políticas há um processo de acordo de interesses (consenso) em que a interação estratégica é freqüente e estável, a interdependência é elevada, as relações de poder são estáveis, as normas são formalizadas (regras básicas consolidadas) e a participação dos atores é especializada e limitada. No caso das Redes Difusas, estas apresentam relações de poder instáveis, com normas pouco formalizadas e que mudam a cada momento, ou seja, as normas e as convenções básicas não estão consolidadas (Paulillo, 2000).

As redes de poder podem se organizar em torno das ações dos grupos de interesses conformando uma auto-regulação, mas também podem organizar-se a partir da articulação desses grupos de poder com as agências do Estado, gerando assim, um mecanismo de heteroregulação. Estas formas de governança permitem que os distintos atores da rede não somente compitam entre si, mas também, que desenvolvam formas de cooperação entre eles (Paulillo, 2000).

O modelo de auto-regulação só é possível quando a governança é exercida por um ator que possui uma monopolização dos recursos, ou quando existe um acordo entre as associações de interesses. Se a assimetria da interação dentro da rede for muito grande, é necessária a intervenção do Estado (coordenação estratégica ou social), gerando um processo de heteroregulação. A coordenação social “se entiende como la coordinación horizontal entre diferentes actores interesados en un mismo

asunto con el fin de negociar y acordar una solución...” (Lechner *apud* Paulillo, 2000, p. 19).

Quadro 1: Características dos tipos de redes de poder: Comunidade Política e Rede Difusa

Dimensão	Comunidade Política	Rede difusa
<i>Membros</i>		
Número de Participantes	Muito limitado, alguns grupos conscientes excluídos.	Amplio.
Tipo de interesses	Econômico e/ou profissional.	Vários.
<i>Integração</i>		
Frequência	Frequente, alta qualidade, interação dos grupos incluídos na rede sobre as matérias relacionadas com a emissão de políticas.	Contatos flutuantes em frequência e intensidade.
Continuidade	Avaliações persistentes ao longo do tempo. Efeitos também persistentes.	Flutuação significativa.
Consenso	Todos os participantes avaliam os resultados e legitimam-nos.	Alguns acordos existem, mas o conflito está sempre presente.
<i>Recursos</i>		
Distribuição de recursos	Todos os participantes apresentam recursos e utilizam-nos no processo de interação.	É possível que alguns participantes tenham recursos, mas eles são limitados.
Distribuição interna	Hierárquica, líderes podem transferir ou deliberar membros.	Variada, inclusive a capacidade para regular os membros.
Poder	é possível um grupo dominar, mas o resultado de não zero persiste na comunidade.	Poder desigual refletido pelos recursos desiguais. Resultado de soma zero.

Fonte: Marsh & Rhodes, 1992 *apud* Paulillo, 2000, p. 11.

A participação efetiva do Estado, nos seus diferentes níveis (nacional, estadual e municipal), no desenvolvimento das redes de poder garante a inclusão das organizações locais com as suas especificidades. Assim, o território e a articulação dos atores locais aparecem como componentes relevantes destas redes de poder,

introduzindo uma concepção nova de desenvolvimento, de caráter integral e participativo (Paulillo, 2000).

Os atores das redes estabelecem relações determinadas pela lógica da ação coletiva, onde não somente competem entre si, mas também desenvolvem formas de cooperação, onde cada ator representa seus interesses e busca recursos de poder. Nestas redes a atuação do Estado deve se direcionar para consolidar e estabelecer a rede de poder, através de ações que aumentem a capacidade competitiva das distintas redes como: promoção de centros de pesquisa, promoção das associações e da cooperação entre elas, centros de treinamento, entre outras. Estas ações vão criando um ambiente onde cresce a legitimidade dos atores, aumenta o conhecimento no geral e com isto, a reputação e o envolvimento dos distintos atores promovendo a auto-regulação da rede (Paulillo, 2000). Estas ações do Estado, aqui apontadas, têm a ver com a idéia de “pacto territorial” desenvolvida por Casarotto Filho e Pires (1998), a qual faz referência a um encontro dos diferentes atores (públicos e privados) atuantes em um território, com a finalidade de tornar as políticas de desenvolvimento mais eficazes. Neste pacto territorial deve priorizar-se um desenvolvimento de baixo para cima, o seja, baseado em iniciativas pensadas, gerenciadas e realizadas pelos diferentes atores de atuação territorial permitindo uma mobilização e articulação social para o desenvolvimento.

O território é uma construção social e política caracterizada pelas relações endógenas particulares entre seus componentes públicos e privados. Estas relações são guiadas por objetivos econômicos e sociais, e podem alcançar distintas dimensões. Assim, desde um município e seu entorno rural até um conjunto de cidades podem constituir um território. A potencialidade dos territórios está dada pelo processo de interação estratégica, caracterizado pela busca e distribuição dos recursos de poder e pela intermediação e distribuição de interesses entre os atores, que provoca a mobilização do capital social local, ou seja, que permite a organização territorial ou comunitária através de normas e da confiança entre os atores (Paulillo, 2000).

2. 2 O desenvolvimento rural: além do setor agrícola

Os aspectos mencionados até aqui se relacionam com as abordagens sobre o desenvolvimento local. Segundo Albuquerque (1997), (*apud* Fleischfresser 1999) as políticas descentralizadas induzem a transferência do poder da administração central às administrações territoriais fomentando os processos produtivos locais. Essa flexibilidade administrativa estimula a construção de redes entre os atores, fazendo com que o território seja a expressão da organização e mobilização dos agentes buscando seu próprio desenvolvimento. Este tipo de planejamento baseado nas potencialidades locais, não se encontra nas políticas macroeconômicas tradicionais porque estas não visualizam as potencialidades ambientais, sociais, políticas e culturais dos territórios. Pelo contrário, elas os consideram simples espaços geográficos homogêneos.

Ainda esse autor apresenta o desenvolvimento local como um processo de transformação da economia e da sociedade por uma atuação acordada entre os atores locais, públicos e privados, tentando aproveitar de maneira sustentável os recursos locais e gerando um ambiente motivador no território.

Segundo Campanhola e Graziano da Silva (2000), quando se enfoca a questão do desenvolvimento, um dos pontos que aparecem é a separação rural/urbano. Historicamente, o rural era definido por oposição ao urbano e vinculado exclusivamente a atividades agrícolas, mas recentemente se observam mudanças no meio rural como a incorporação de distintas atividades produtivas e de serviço que não têm relação com a agricultura, tornando-se pluriativo.

Segundo Schneider (1999), a noção de “agricultura de tempo parcial” era usada, nos EUA, para designar os agricultores que dedicavam parte de seu tempo a realizar atividades fora da sua propriedade e “pluriatividade” era usada pelos técnicos franceses para caracterizar as propriedades que desenvolviam múltiplas atividades produtivas. Na verdade, não existe uma diferença substancial sobre a natureza empírica a qual ambas noções pretendem caracterizar. Os trabalhos dedicados a estudar esta temática podem ser agrupados em dois grupos segundo os momentos da sua elaboração: os produzidos antes de 1975 e os produzidos depois de 1975. Os anteriores a 1975 enfatizavam o caráter transitório da agricultura de tempo parcial e

já os posteriores a esta data adquirem um status sociológico e tentam encontrar conceitos e unidades de análise capazes de dar conta deste tipo de agricultura (Fuller, 1984 *apud* Schneider, 1999).

Dois argumentos principais sobre a transitoriedade da agricultura de tempo parcial característicos do primeiro grupo de trabalhos se apoiavam nas características do desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Um deles considerava este tipo de agricultura uma forma residual que no processo de desenvolvimento do capitalismo estes agricultores se tornariam de tempo integral ou venderiam a propriedade tornando-se assalariados. O outro argumento coloca a agricultura de tempo parcial como um fenômeno transitório e localizado, produto de uma situação circunstancial (crédito ou mercado) típico de pequenos agricultores situados em áreas agrícolas desfavorecidas (passada essa circunstância, o agricultor voltaria a uma agricultura de tempo completo). Durante toda esta época a agricultura de tempo parcial era considerada como um fenômeno residual, carregada de uma imagem negativa e condenada a existir somente em períodos de transição próprios da complexificação da sociedade. A partir de 1975 se reconhece o caráter de estável da agricultura de tempo parcial na estrutura agrária e aparece a noção de pluriatividade. Os cientistas já influenciados pela idéia de desenvolvimento rural começam a percebê-la como uma alternativa de fixação da população no meio rural (Schneider, 1999).

Atualmente os estudos mostram que não somente os pequenos agricultores marginalizados desenvolvem trabalhos extra-agrícolas, mas também em muitos casos mulheres e filhos jovens, membros de famílias de agricultores bem sucedidos procuram fontes de renda fora da propriedade por várias razões, entre elas ter acesso a direitos previdenciários ou manter vínculos com o estilo de vida urbano.

A necessidade de reduzir a superprodução, e por tanto, de reformar as políticas agrícolas principalmente na Europa, realçou a importância da pluriatividade como capaz de manter o emprego no meio rural sem aumentar o produtivismo e ao mesmo tempo ser totalmente compatível com a aparição das preocupações com as questões ecológicas (Fuller, 1990 *apud* Schneider, 1999).

A noção de pluriatividade:

permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar [...] A pluriatividade, por tanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécies e transferências) (Fuller, 1990 *apud* Schneider, 1999, p.185).

Ainda segundo Schneider (1999), os estudiosos do desenvolvimento agrícola acreditam que começará um processo de reversão dos padrões produtivos adotados desde o pós-guerra. No setor agrícola, as transformações provocadas pelas novas formas flexíveis e descentralizadas de produção industrial no contexto da globalização levarão ao aumento do uso do trabalho assalariado temporário e cada vez mais serão as propriedades rurais em que algum membro da família estará empregado ou se dedicará a algum tipo de atividade não agrícola como o turismo rural, artesanato, prestação de algum tipo de serviço, etc. Assim, o espaço rural passa a ser um espaço polissêmico onde convivem atividades econômicas diversas como a própria agricultura, o comércio, a indústria, o turismo, o ambientalismo, o lazer etc.

Um outro elemento relacionado à pluriatividade é a divisão do trabalho entre os sexos no interior da propriedade rural, onde crescentemente as atividades agrícolas dentro da propriedade estão sendo realizadas pelas mulheres. A busca de bem-estar familiar a partir da pluriatividade, muitas vezes significa um considerável aumento na carga diária de trabalho para um dos cônjuges, geralmente para a esposa (Rupena-Osolnik, 1983 *apud* Schneider, 1999). Mesmo assim, a divisão do trabalho entre os sexos nas propriedades rurais está ligada ao tipo de trabalho que um ou vários membros da família executam fora da propriedade. Existe uma realocação das tarefas dentro da propriedade conforme a atividade externa e do membro que a exerce (Simpson, Wilson e Young, 1988 *apud* Schneider, 1999).

Atualmente o enfoque do desenvolvimento deixou de ser o rural e passou a ser o espaço ou território onde se priorizam os processos e fluxos econômicos e sociais frente às abordagens setoriais (rural como sinônimo de agrícola considerado um setor da economia) ou de separação rural/urbano considerando-o como *locus* de atividades diferentes. Ou seja, o espaço (ou território) dá o suporte físico à dinâmica dos fluxos econômicos e sociais, perdendo relevância seus limites geográfico-

administrativos tradicionais. Com a abordagem centrada no território, o rural não pode mais ser considerado exclusivamente agrícola, e sim o agrícola como parte do rural. Portanto com o desenvolvimento agrícola já não se atinge o desenvolvimento rural (Campanhola e Graziano da Silva, 2000).

O local (ou espacial, ou territorial) é o lugar onde a cultura e outros caracteres não transferíveis têm sido acumulados. Ali os homens estabelecem suas relações, e atuam as instituições públicas e privadas locais. O local é definido por Garofoli como:

o lugar de encontro das relações de mercado e formas de regulação social, que por sua vez determinam formas diferentes de organização da produção e diferentes capacidades inovadoras, tanto para produtos como para processos, levando a uma diversificação de produtos apresentados ao mercado não simplesmente com base no custo relativos dos fatores (Garofoli, 1998 *apud* Campanhola e Graziano da Silva, 2000, p. 14).

Segundo os mesmos autores as forças motoras do desenvolvimento local são principalmente os processos de globalização e descentralização, as crescentes preocupações com a conservação dos recursos naturais e a organização dos atores sociais como impulsora da participação.

Em relação ao processo de globalização existem controvérsias conceituais. Por um lado, pode ser entendida como um outro avanço do processo de concentração do capital caracterizado pela maior integração da economia mundial e a liberalização dos fluxos de capital; por outro lado, pode ser compreendida como o resultado de um processo resultante de um conjunto de dinâmicas forças econômicas, políticas, ideológicas, sociais, culturais e religiosas.

Segundo Bonano et al., (1999) (*apud* Campanhola e Graziano da Silva, 2000), esta segunda noção é mais ampla e realça a reorganização do espaço, das relações sociais, a redefinição das relações entre as esferas políticas e econômicas modificando a governança dos espaços democráticos e o papel do Estado.

Mesmo considerando esta última noção sobre a globalização os efeitos deste fenômeno são totalmente diferentes nos países desenvolvidos e nos

subdesenvolvidos. Graziano da Silva (2000), aponta algumas dessas diferenças: A retirada do Estado no primeiro grupo de países não aconteceu de maneira geral, e sim como uma reorganização das suas funções passando a atender novas demandas. No caso do segundo grupo, aconteceu um verdadeiro desmonte do aparelho público em um contexto de crise fiscal e de perda de legitimidade social deixando espaços vazios que no lugar de serem ocupados pelas “forças invisíveis do mercado” (como querem fazer crer os ícones do neoliberalismo) acabam sendo ocupados pelos oligopólios internacionais.

Uma outra diferença é o diferente nível de organização das sociedades nos dois grupos de países. Nos chamados países desenvolvidos, a sociedade civil está organizada em torno de seus interesses garantindo a participação nas novas formas de governança, enquanto que nos países chamados de subdesenvolvidos a sociedade civil está muito pouco organizada. Portanto, a perda de poder nacional muitas vezes aumenta o poder conservador de quem sempre o deteve nas suas mãos (as classes dominantes locais).

A terceira diferença apontada pelo autor refere-se à qualidade de vida que no primeiro grupo de países (pelo menos em uma grande fatia da sociedade) se associa ao meio ambiente, à alimentação e às condições de trabalho e que acabam por influir na criação de novos padrões de qualidade afetando na produção dos países do segundo grupo. Assim, os produtores que conseguem dar conta desses novos padrões de qualidade são geralmente as grandes multinacionais, ficando excluídos os pequenos produtores mais descapitalizados e com pouca ou nula organização. Ao mesmo tempo, essas novas exigências impõem restrições aos produtores localizados historicamente em áreas de interesse ecológico. Finalmente, esta diferença discrimina também os consumidores locais, que são obrigados a consumir os produtos que não alcançam o nível de qualidade exigido para serem exportados.

Ao mesmo tempo que os processos econômicos, sociais e políticos globais atravessam as sociedades, elas mantêm dinâmicas de dimensões e características locais fazendo que seja necessário buscar novos pontos de equilíbrio entre o local e o global. Exemplo disso são as redes internacionais de alimentos capazes de padronizar mundialmente determinados alimentos convivendo com demandas de produtos locais ou regionais que não apresentam vinculações a estas cadeias internacionais. Neste

sentido cada local (espaço ou território) pode aproveitar eficientemente estas demandas na medida em que seja capaz de integrar os conhecimentos e capacidades locais acumuladas com as informações e trocas dos mercados não locais (Campanhola e Graziano da Silva, 2000).

Em relação à segunda força motora do desenvolvimento local, a descentralização do poder público, os autores mencionam (mesmo reconhecendo o escasso grau de desenvolvimento do processo) o caso brasileiro onde se vive uma experiência de reorganização do sistema federativo. O processo de municipalização consolidado a partir da constituição de 1988 é uma das maiores expressões. Considerando que qualquer proposta de desenvolvimento deve necessariamente respeitar as particularidades locais (sociais, culturais, econômicas e ambientais) o processo de descentralização tem um papel importante ao permitir a expressão dessas particularidades, já que é ali onde os atores sociais interagem, que as políticas públicas se viabilizam que as ações se realizam.

Com a consolidação na opinião pública (tanto especializada como não especializada) da necessidade e, portanto, das crescentes preocupações com a conservação (e gestão) dos recursos naturais, o planejamento desde o local aparece como uma instância mais adequada para possibilitar a participação da comunidade local, permitindo democratizar o acesso aos benefícios e o compromisso com a conservação dos recursos naturais e a qualidade ambiental. Como “a globalização é um processo de construção social e de renegociação continuada no qual uma grande diversidade de atores participa, as identidades locais podem ser reforçadas pelo rompimento com entidades mais abstratas e distantes como aquelas de âmbito nacional” (Llambí et al., 1997 *apud* Campanhola e Graziano da Silva, 2000).

Neste contexto o desenvolvimento local pode ser de grande efetividade na medida que reconheça atitudes, valores e orientações culturais juntamente às características da estrutura social e assim permitir que as iniciativas surjam de modo coletivo, participativo e integrado.

A participação dos atores sociais nem sempre é um processo espontâneo. Deve existir predisposição prévia do poder local, questão que nem sempre existe. Ainda mais nos espaços rurais onde os vícios do passado (principalmente o

clientelismo político) estão ainda muito consolidados. Mas, onde este processo de participação consegue se consolidar, além da construção do desenvolvimento como um processo de baixo para cima, ele se coloca como uma alternativa para consolidar a construção da cidadania e a melhora da qualidade de vida da sociedade (Campanhola e Graziano da Silva, 2000).

Os autores colocam, por fim, que este processo de valorização das iniciativas locais é uma realidade principalmente (e por enquanto) restrita aos países desenvolvidos, principalmente no continente europeu. Colocam também que no Brasil a questão agrária está longe de ser resolvida. O acesso à terra, o emprego rural, a distribuição de renda e a conservação dos recursos naturais ainda são tratados de modo superficial, provocando que prevaleça um enfoque setorial e não territorial (do rural) tanto na maioria das políticas públicas como na pesquisa, ensino e extensão rural.

Segundo Abramovay (2000) existem regiões rurais muito díspares em relação a seu dinamismo e, mesmo que as pesquisas ainda tenham mostrado resultados um tanto incertos, parecem ter uma convergência em relação a que estas regiões de maior dinamismo se caracterizam por uma densa rede de relações entre serviços, organizações públicas e privadas, empreendimentos agrícolas e industriais, rurais e urbanos. Assim a proximidade social que permite uma coordenação entre atores é capaz de valorizar o ambiente em uma intensidade maior que as próprias vantagens oriundas de atributos naturais e de localização. Em função disso, o autor aponta que para abordar o desenvolvimento rural é possível se valer de duas correntes de estudo: a dimensão territorial do desenvolvimento e o capital social.

Em relação à dimensão territorial, o território não é considerado como uma simples base física com limites arbitrários (idéia tradicional de região), e sim “representa uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico” (Abramovay, 2000, p. 6). Em relação a esse descobrimento, Von Meyer, 1998 (*apud* Abramovay, 2000) coloca que a economia tem dado importância às dimensões temporais (ciclos) e setoriais (agroindústrias, serviços) e é recente seu interesse pela dimensão territorial.

Esta idéia pode ser aplicada também ao mercado. Então, tanto o mercado como o território são resultados de formas de interação social, portanto, produtos da capacidade dos indivíduos, empresas e organizações locais de gerar ligações dinâmicas que valorizem os conhecimentos, valores e a confiança que historicamente construíram.

Ainda Abramovay (2000) coloca que existem no mundo (e menciona o caso da “terceira Itália”) diversas experiências de desenvolvimento bem sucedidas caracterizadas pela existência de empreendimentos familiares em um determinado território, em um ambiente de intercâmbio de informações entre empresas (organizações) e indivíduos onde a colaboração é tão importante quanto a concorrência, com uma forte integração entre indivíduos e empresas (organizações) rurais e urbanas.

Estas experiências são caracterizadas pela existência de um mínimo de consenso em torno de um projeto de desenvolvimento capaz de articular as forças dinâmicas de um determinado território. Esta situação de consenso é o que Casarotto Filho e Pires (1998), no seu estudo sobre a região da “terceira Itália”, chamam de “pacto Territorial”. No Brasil, um estudo¹¹ mostra que uma das características das experiências bem sucedidas nos assentamentos de reforma agrária é a capacidade, por parte dos assentados, de ampliar o círculo das suas relações sociais com outros atores da região no âmbito político, econômico e social. Assim, em muitas ocasiões os limites físicos foram superados pela construção de uma rede de relações que ampliou as possibilidades de valorização do trabalho dos assentados.

O capital social se apresenta como uma contestação a um dos pressupostos fundadores da sociedade moderna, aquele que diz que a sociedade é “um conjunto de indivíduos independentes, cada um agindo para alcançar objetivos a que chegam independentemente uns de outros, o funcionamento do sistema social consistindo na combinação destas ações dos indivíduos independentes” (Coleman, 1990 *apud* Abramovay, 2000, p. 3). A noção de capital social permite ver que os indivíduos nem sempre atuam de forma egoísta e que seus objetivos não são determinados

¹¹ Abramovay faz referência ao trabalho: Principais fatores que afetam o desenvolvimento dos assentamentos de reforma agrária no Brasil, com autoria de Bittencourt, G.; Castilhos, D.; Bianchini, V. e Silva, H. 1999.

isoladamente. Neste sentido, as estruturas sociais podem ser consideradas como um ativo de capital de que os indivíduos podem dispor. Assim, o capital social é produtivo, permite alcançar objetivos que não seriam atingidos na sua ausência (Abramovay, 2000). Um exemplo disso é o caso dos fundos de rotação, onde um grupo de agricultores cria um fundo para ser emprestado entre eles. Logo que o dinheiro for devolvido, passa para outro agricultor, de forma rotativa e sem a participação de entidades bancárias.

Segundo Abramovay (1998), as colocações de Putnam (1993/1996) em relação ao capital social permitem ver por um lado que na origem do maior desenvolvimento político das regiões do norte da Itália, encontram-se organizações de quase mil anos que formaram uma tradição de cooperação e laços de solidariedade horizontal, que explicam o melhor desempenho institucional destas regiões. Em contraposição ao sul, onde a incapacidade de seus habitantes de trabalhar pelo bem comum ou de agir na procura de objetivos que ultrapassem os interesses materiais imediatos da família nuclear, explica (pelo menos em parte) a pobreza e o atraso comparado à região norte. Esta constatação realça a base cultural (da região norte) e o enraizamento histórico do processo de institucionalização como elementos determinantes desse maior desenvolvimento político (ou qualidade da governança) encontrado nas regiões do norte italiano.

Por outro lado, esta mesma constatação associa as possibilidades de avanço democrático à existência de elementos culturais naturais de determinadas sociedades. Portanto, a grande maioria dos países em desenvolvimento estariam impossibilitados de alcançar aquele desenvolvimento político.

É claro que o autor não concorda com essa visão mais culturalista colocada por Putnam, e sim concorda com a idéia de que o capital social pode ser criado e acumulado a partir “da criação de processos capazes de revelar os potenciais que os mais de 50 milhões de brasileiros do campo e das pequenas e médias aglomerações podem descobrir nos seus locais de vida e de trabalho” (Abramovay, 1998, p. 2).

Finalmente, Abramovay (2000) aponta alguns elementos para auxiliar a reflexão sobre como minimamente criar essas condições de consenso em torno a um

projeto de desenvolvimento na atual realidade brasileira e que não é diferente da realidade que vivem os países da América Latina no geral:

- O desafio de mudar o ambiente educacional existente hoje no meio rural, caracterizado pela dissociação entre trabalho e conhecimento, onde tradicionalmente o filho que não tem vocação para o estudo fica na propriedade e, ao contrário, quem tem essa vocação, é mais dinâmico e promissor, o caminho próspero da migração o espera. Assim, “é claro que se o meio rural apresentar aos olhos dos que o habitam (sobretudo aos mais jovens) estagnação, conservadorismo e atraso, as chances de iniciativas inovadoras serão mínimas” (Abramovay, 2000, p.10);

- A formação de uma rede de atores capaz de valorizar algum (ou alguns) atributo do território e gerar uma dinâmica de concorrência, emulação, cooperação entre as empresas e que considere aos agricultores como potenciais protagonistas, poderá servir de base de apoio ao desenvolvimento territorial;

- Sem desprezar, mas reconhecendo a sua insuficiência, é necessário superar a unidade administrativa de município na construção das redes de atores necessárias ao desenvolvimento territorial. Com isto, superam-se as práticas clientelísticas que muitas vezes caracteriza aos prefeitos e outras lideranças municipais;

- Organizar iniciativas capazes de dar início a essas dinâmicas territoriais como as feiras de produtores rurais;

- Criação de novos mercados que destaquem as capacidades regionais, capazes de vincular certas características do produto com o território e de oferecer garantias de qualidade aos consumidores;

- Buscar a colaboração das universidades para a criação das redes, para os levantamentos de experiências locais;

- Criar uma nova visão do rural, inclusive nas estatísticas onde atualmente é definido como negação do urbano.

Uma visão territorial do desenvolvimento pode revelar potenciais que, até hoje, o meio rural não revelou à sociedade [...] construir instituições propícias ao desenvolvimento rural consiste, antes de tudo em fortalecer o capital social dos territórios, muito mais que em promover o crescimento desta ou aquela atividade econômica (Abramovay, 2000, p. 13).

Segundo Abramovay (1998), a possibilidade do desenvolvimento territorial é muito mais que um projeto político, é uma idéia de civilização. O autor cita o Prêmio Nobel de economia Amartya Sen que coloca duas visões de desenvolvimento. Uma delas, muito arraigada nos profissionais economistas e até na sociedade como um todo, sustenta que o desenvolvimento é um processo violento e sofrido onde é necessário a acumulação rápida de riquezas mesmo que para isso seja necessário sacrificar o bem-estar imediato que viria depois. A outra, talvez menos arraigada, sustenta que o desenvolvimento é um processo amigável e pode ser exemplificado pelas trocas benéficas, por o trabalho de redes de segurança social, por liberdades políticas, pelo desenvolvimento social ou uma combinação destas e outras atividades. Assim, para Amartya Sen, o desenvolvimento é o aumento da capacidade dos indivíduos fazerem escolhas, o qual exige uma definição positiva de liberdade. A liberdade (e portanto o desenvolvimento) “não podem ser pensados fora das condições concretas de seu exercício. Não basta que a lei garanta certos direitos: o essencial é que os indivíduos tenham as capacidades, as qualificações, as prerrogativas de se deslocar, de participar dos mercados e de estabelecer relações humanas que enriqueçam sua existência” (Abramovay, 1998, p.3).

Desta maneira estão colocados minimamente alguns elementos e noções com respeito às redes de poder que se apresentam como uma ferramenta para compreender os inter-relacionamentos entre os diferentes atores, a articulação dos seus interesses, a distribuição do poder. E ao mesmo tempo a relação com alguns elementos e noções sobre o desenvolvimento rural que permitem compreender a importância das organizações capazes de potencializar o capital social dos territórios e as potencialidades que existem nos diversos locais dos nossos países. Estes elementos e noções serão utilizados no capítulo quatro para analisar a experiência das feiras livres de Misiones, Argentina.

3 FORMAÇÃO HISTÓRICA, A CRISE DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS FEIRAS LIVRES EM MISIONES, ARGENTINA

Este capítulo se propõe, primeiramente, a fazer uma breve apresentação da formação da sociedade e da economia missioneira com o propósito de auxiliar o entendimento da importância dos produtos tradicionais e os efeitos da queda nos seus preços, fato que caracterizou (e ainda caracteriza) o cenário onde as feiras livres surgem e se desenvolvem. A seguir será apresentado sinteticamente o processo de surgimento da primeira feira, destacando os atores participantes, as principais inspirações e os acontecimentos mais importantes. Finalmente, serão mostradas as instituições e organizações (atores coletivos) que estão envolvidas nas feiras livres e os atores individuais (membros das instituições, agricultores e consumidores) que fazem parte do objeto social analisado.

3.1 O Contexto histórico onde surgiram as feiras livres

Todo o território que conforma a grande bacia do Rio da Prata (figura 2), onde se encontra o atual território de Misiones, foi habitado por diversas culturas desde 10.000 anos atrás. Entre as principais culturas se encontram Humaitá, Umbú, Taquara, Tupi-guarani, Kaingang e Guaranis. Esta última cultura teve uma grande transcendência e influência na formação da identidade da região que inclui parte da Argentina, Paraguai, Brasil, e da Bolívia ([www. misiones. gov.ar/historia/La Evangelizacion.htm](http://www.misiones.gov.ar/historia/La_Evangelizacion.htm). Consulta em 10/07/2001).

Os Guaranis constituíam uma grande nação formada com base nos laços de parentesco que influenciavam até as trocas econômicas. Eles praticavam uma agricultura itinerante de roçado e queimada muito bem adaptada às condições ambientais locais, navegavam os rios e seu desenvolvimento tecnológico era considerável (Jaume, et al, 1989).

Figura 2: Bacia do Rio da Prata



Fonte: Jaume, F. *et al.* 1989.

Com base à proposta elaborada por Jaume, *et al.* (1989) pode-se dizer que a partir desta base étnica podem ser considerados três períodos na formação socioeconômica da sociedade missioneira: a “formação colonial”, a “frente extrativa” e a “expansão da agricultura”. A formação colonial tem como características a organização para a obtenção de metais preciosos desde o alto Peru, a ocupação do território, o assentamento dos espanhóis e portugueses nas terras de cultivos, a

exploração dos indígenas e a construção de vias de comunicação e transporte desde (e até) as minas de Potosi. O funcionamento das minas do Alto Peru foi possibilitado pelas produções locais de bens de consumo como o açúcar, as mulas, a erva mate, os carros e as madeiras. O principal aporte da região da atual Misiones foi a erva mate, e em menor medida, as madeiras, o trigo e os vinhos. As “*encomiendas*¹²” e as “*reduções*¹³” foram as principais ferramentas de exploração da força de trabalho indígena. A Ordem dos Jesuítas e os “benefícios gerais da erva mate¹⁴” foram as duas formas de exploração da erva nativa, mas as Reduções foram as que deixaram as maiores contribuições técnicas para a produção e beneficiamento deste cultivo.

Este período que se estende até a expulsão dos Jesuítas (1767) e a independência das colônias (início de 1800), deixa alguns legados que marcam social e economicamente a sociedade atual. Algumas das técnicas desenvolvidas nas missões se mantêm até hoje em algumas regiões do atual Estado brasileiro do Rio Grande do Sul e da atual Província argentina de Misiones. O *criollo* de cultura guaranítica, fruto da mestiçagem e da adoção de nome e vestido espanhol, foi a mão-de-obra fundamental para a nova organização social. Estes *criollos* e índios se converteram em camponeses e peões para as atividades de extração de erva e para as fazendas de gado.

No segundo período chamado de frente extrativo, são fragmentados os territórios das colônias, formam-se as burguesias nacionais e as economias nacionais e regionais se inserem no novo sistema de relações internacionais. O sistema econômico que caracteriza este momento é a exploração da erva mate e das madeiras nativas, a mão-de-obra para estas atividades era fornecida pelos peões livres e pelos camponeses, todos eles explorados pelo sistema de enganche¹⁵. A exploração da erva

¹² *Hist.* Na América colonial, instituição pela qual sinalava-se a uma pessoa um grupo de índios para se aproveitar do trabalho deles, ou de uma tributação definida pela autoridade. Abolida em 1718 (Nuevo Espasa Ilustrado, 2000).

¹³ *Hist.* Cada um dos núcleos de população índia fundados pelos espanhóis na América para que os nativos adotassem os costumes e a religião dos colonizadores (Nuevo Espasa Ilustrado, 2000).

¹⁴ Licença outorgada, pelas autoridades coloniais, aos *encomenderos* para a exploração da erva mate nativa (Jaume, et al, 1999).

¹⁵ Chama-se assim ao processo pelo qual as firmas concessionárias dos montes de erva mate nativa pagavam salários adiantados ou dívidas que os peões tinham, assim eram obrigados a trabalhar porque estavam em dívida com a concessionária.

mate era feita por quatro ou cinco firmas concessionárias do monte nativo,¹⁶ até que em 1880 o Estado de Buenos Aires decidiu a ocupação do território e começou um sistema de colonização. A primeira etapa de colonização foi realizada por colonos estrangeiros, os quais tinham prioridade sobre a população crioula local. Esta primeira etapa foi um processo de pouca importância em relação a sua magnitude.

No terceiro período chamado pelos autores de expansão da agricultura, o governo de Corrientes¹⁷, frente ao processo de colonização que começava a se estruturar, decidiu vender as terras da atual Misiones. Assim, 38 compradores ficaram com a maior parte da terra, originando os atuais latifúndios improdutivos existentes. Por causa de erros nas medições, o Estado federal recuperou uma importante quantidade de terra sobre a qual continuou assentando famílias européias sob um padrão de 25 hectares por família. Com esses colonos é que começou a expansão da agricultura: eles plantaram milho, feijão, mandioca e criaram animais de granja para o consumo próprio, mas o cultivo mais importante foi a erva mate, utilizada como cultivo colonizador, onde o Estado obrigava a plantá-la pelo menos em 20% da parcela de terra familiar. A erva mate fez com que Misiones fosse inserida no mercado nacional, garantiu o predomínio da agricultura sobre a criação, e, dentro desta, garantiu (e atualmente garante) o predomínio dos cultivos perenes e o predomínio da agricultura familiar. Nesse momento também se estruturaram os limites atuais do território que será a província de Misiones (Jaume, et al, 1989).

Após a primeira guerra mundial, e animadas pelo êxito das colonizações oficiais, começam as colonizações privadas com colonos alemães provenientes do Brasil e da própria Europa. Isso, mais as ocupações de terras públicas e privadas permitem distinguir, no meio rural missioneiro: o colono (agricultor familiar que possui de 10 a 50 hectares, de origem européia); o ocupante (agricultor familiar possuidor de 1 a 5 hectares que vende sua mão-de-obra, de origem *criolla* ou migrante brasileiro e paraguaio); o fazendeiro ou empresário (agricultor que tem entre 100 e 1.000 hectares, criador de gado de corte) e o produtor absenteísta (dono de grandes extensões de terras improdutivas ou submetidas ao extrativismo).

¹⁶ Entregava-se em concessão uma parte de monte nativo a empresas para a exploração da erva mate e madeiras nativas.

¹⁷ Província argentina localizada ao sul de Misiones à qual pertencia o atual território de Misiones.

Nesse mesmo período, que não ultrapassa a segunda guerra mundial, a erva mate sofre sua primeira crise de sobre produção dando lugar aos cultivos de chá preto e tung destinados à exportação. Mas a erva mate continuou sendo o cultivo mais importante. Na década de 50 as agroindústrias de erva mate e secadouros de chá se desenvolveram, e houve também o aparecimento da produção de fumo e o início da silvicultura para produção de papel. Na questão organizativa, tomam força as cooperativas de pequenos agricultores (Jaume, *et al.* 1989).

Na década de 70 o governo cria a “Comisión Reguladora de la Yerba Mate” (CRYM)¹⁸ que funcionou arbitrando e decidindo sobre todos os conflitos entre agricultores (produtores de erva mate) e industriais, junto a outros organismos de regulação da atividade econômica da província, até o início da década de 90.

Na atualidade, Misiones apresenta 37,7% de população rural, uma estrutura agrária caracterizada por 27.517 estabelecimentos agropecuários com limites definidos¹⁹ que ocupam 2.282.235,3 hectares, dos quais 22.203 (80,69%) possuem uma superfície menor a 50 hectares e ocupam 518.317,4 hectares (22,71%); os estabelecimentos que possuem entre 50 e 1.000 hectares são 5.018 (18,56%) e ocupam 662.636 hectares (29,03%), e por último somente 206 estabelecimentos (0,75%) ocupam 1.101.681 hectares (48,27%) da superfície e possuem mais de 1000 hectares cada um (figuras 3 e 4) (CNA, 1988).

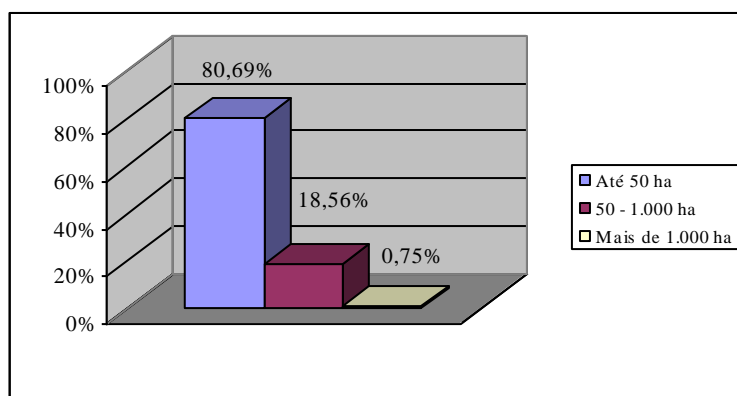
Os dados de distribuição da terra mostram uma estrutura fundiária polarizada, caracterizada, por um lado, pela forte concentração de terras nas mãos de um inexpressivo número de proprietários e, por outro lado, uma imensa maioria de agricultores com pouca terra. Esta situação de desigualdade na distribuição dos recursos provoca permanentes conflitos pela terra, principalmente expulsão de pequenos agricultores posseiros o qual derivou na formação de um pequeno movimento de agricultores sem terra chamado de “Movimiento Sin Tierras”.

¹⁸ A CRYM foi criada pelo governo democrático que assumiu o poder em 1973. Esta comissão regulamentava as quantidades que poderiam ser plantadas e definia o preço da folha verde e o preço a pagar pelo serviço de colheita.

¹⁹ Metodologia utilizada pelo Censo Nacional Agropecuário de 1988.

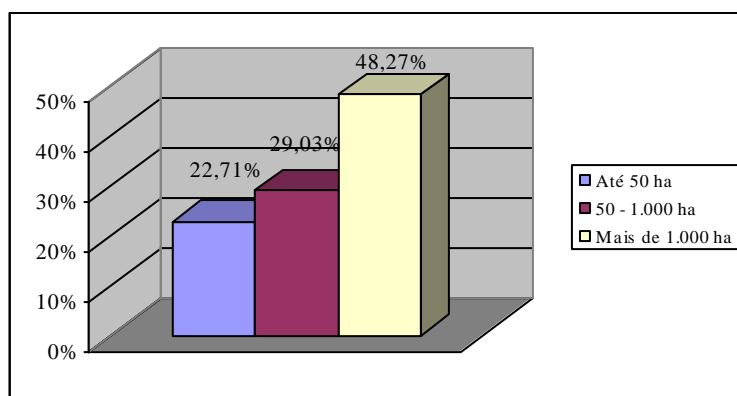
Segundo o uso da terra, mesmo que só 24,1% seja cultivada, os cultivos perenes, principalmente erva mate e chá preto, são os de maior importância (figura 5). A terra que não é cultivada está ocupada por pastos, bosques e montes naturais, estradas, parques e moradias. A importância dos cultivos perenes, na ocupação da terra cultivada, permite alcançar uma certa dimensão do efeito da queda dos seus preços para a agricultura da província.

Figura 3: Porcentagens de estabelecimentos rurais na Província de Misiones, Argentina, segundo o seu tamanho - 1988



Fonte: Elaboração própria com dados do Censo Nacional Agropecuário (CNA) 1988

Figura 4: Ocupação da terra (em %) pelos estabelecimentos rurais na Província de Misiones, Argentina, segundo o seu tamanho - 1988

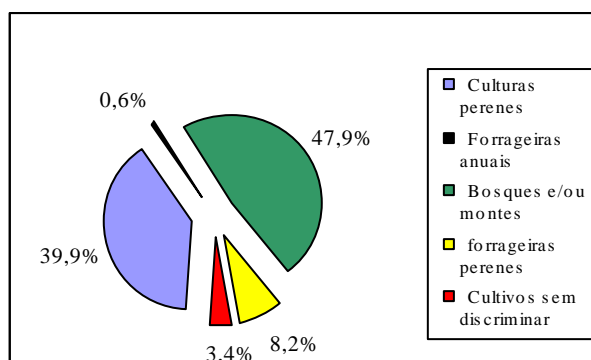


Fonte: Elaboração própria com dados do CNA 1988.

A partir da década de 90 começa uma etapa de crise dos produtos tradicionais que perdura até hoje e que, em alguns aspectos, parece irreversível. A

desarticulação dos órgãos Estatais²⁰ de controle e regulação dos preços e das quantidades plantadas, dos principais cultivos, provocou uma forte queda nos preços da erva mate verde, do chá preto e do fumo (figura 6). Ao mesmo tempo o desaparecimento do mercado para o tung fez praticamente desaparecer o cultivo. Além disso, com a desregulação das quantidades plantadas as agroindústrias plantaram seus próprios cultivos provocando uma sobre produção (anexo 4) de erva mate para um mercado que não pode ser expandido facilmente. Com isso, o preço não somente caiu como as indústrias diminuíram a compra destes produtos aos agricultores familiares.

Figura 5: Uso da terra cultivada na província de Misiones, Argentina - 1999



Fonte: Extraído de Goldberg (1999, p. 23).

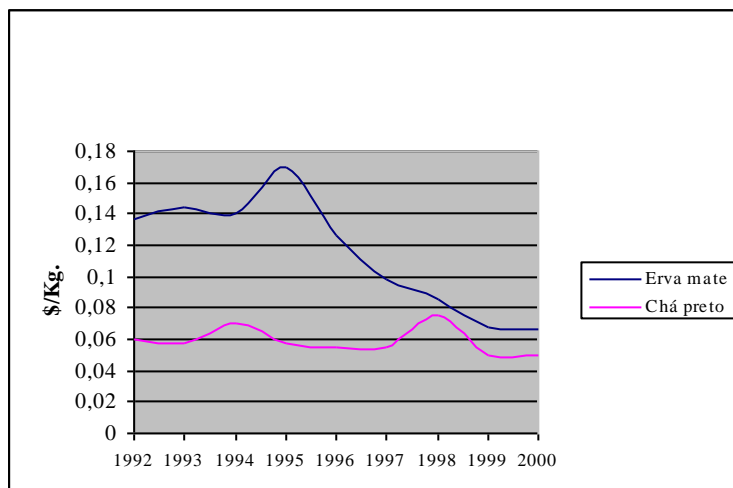
Considerando a importância histórica que tem a produção de erva mate para a economia dos agricultores familiares, principalmente porque todos eles foram obrigados a plantar o cultivo no momento de receber a terra e por que foi o principal cultivo gerador de renda, tanto na propriedade como para os trabalhadores rurais que fazem a colheita, a queda nos preços provocou uma saída de agricultores e trabalhadores para as margens das cidades, e os que ficaram na propriedade estão em uma situação de total miséria.

Pela queda nos preços recebidos, atrasos nos pagamentos dos produtos entregues anos anteriores e a ameaça de não compra de produção por parte dos industriais, os agricultores entraram em greve em muitas oportunidades, cortaram

²⁰ CRYM e outros órgãos setoriais.

estradas, acamparam na praça da cidade de Posadas²¹, entre outras medidas de força. Até hoje existem grupos de agricultores acampados nas estradas e fazendo passeatas com tratores nas cidades (anexo 5).

Figura 6: Evolução do preço da erva mate e do chá preto (em kg de folha verde) na província de Misiones na última década



Fonte: Elaboração própria com dados do Eng. Agr. Guillermo Reuteman do Ministerio del Agro y la Producción de Misiones.

Neste cenário de crise dos preços dos produtos tradicionais, cada vez mais se fazia necessário encontrar alternativas para a sobrevivência dos pequenos agricultores e suas famílias.

3. 2 O surgimento das feiras livres

Compreender o processo de surgimento das feiras livres exige considerar uma série de fatores que vão se conjugando durante a primeira metade da década de 90. Neste momento histórico se produz a situação de crise dos produtos agroindustriais tradicionais (descrito no ponto anterior), se começa a mostrar o fracasso (técnico e econômico) de alguns projetos de diversificação produtiva

²¹ Esta situação aconteceu em 1994 onde os agricultores ocuparam a praça frente ao palácio do governo na cidade de Posadas e não saíram até serem recebidos pelo então governador da Província, Barros Arrachea.

desenvolvidos pelo governo provincial (cultivos de morangos e tomate em estufas), aparecem os programas do governo federal, destinados a pequenos e médios produtores, e se reorganizam antigas e se criam novas organizações sociais, entre outros.

A criação do Programa Social Agropecuário (PSA), e outros programas dependentes do “Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria” (INTA) como “Cambio Rural” e “Pro-Huerta”, o nascimento da “Red de Agricultura Orgánica de Misiones” (RAOM) que se formou reunindo numerosos técnicos dos programas e das ONGs, são fatos acontecidos nesta época. Ao mesmo tempo o “Movimiento Agrario de Misiones” (MAM)²² transitava um processo de redefinição dos seus objetivos e estratégias, convertendo seus antigos objetivos e ações reivindicativas para propostas de desenvolvimento mais amplas, que incluem a opção por uma agricultura diversificada, baseada em uma concepção de produção orgânica que proteja os solos, o meio ambiente em geral e que recupere as práticas tradicionais.

O movimento das feiras livres tal qual se conhece hoje é um movimento que começa em Oberá como uma experiência local, desenvolvida por um grupo de agricultores juntamente com o MAM, técnicos locais e o município. Os depoimentos sobre como foi o processo de surgimento são um tanto diversos e até contraditórios, mas parece ter um certo consenso de que as primeiras discussões, referidas a uma alternativa de comercializar produtos, começaram em um grupo de agricultores de uma colônia próxima a Oberá (Los Helechos). Este grupo era assessorado por uma Engenheira Agrônoma do programa Cambio Rural²³ mas, o mais importante é que alguns agricultores integrantes do grupo faziam parte do MAM, portanto, participavam das discussões onde eram geradas as propostas e idéias do próprio movimento, uma delas era a criação de uma feira livre para os agricultores. Foi deste modo que estes agricultores colocaram no grupo a idéia de criar uma feira para comercializar os seus produtos.

²² Ver mais detalhes sobre PSA, INTA, RAOM, MAM e outras instituições neste capítulo, no item 3.3.

²³ Programa de reconversão para médios produtores, é uma parceria entre o INTA e a Secretaría de Agricultura Ganadería y Pesca de la Nación (SAGyP). No caso das feiras livres o programa trabalhou com alguns grupos de agricultores no início, mas pouco tempo depois, pela falta de recursos e pelo cumprimento do prazo de execução, perdeu toda sua presença.

No mesmo momento, estas discussões chegam (da mão dos representantes do MAM) à “Unidad Técnica de Coordinación Provincial” (UTCP)²⁴ do PSA, onde se decide apoiar projetos que melhorem o autoconsumo dos agricultores. Com o desenvolvimento destes projetos começou a existir um excesso de produtos da chácara que deviam ser comercializados, isto motivou a necessidade de pesquisar alternativas de comercialização, tarefa desenvolvida principalmente pelo PSA.

A discussão iniciada no grupo de agricultores é levada ao município de Oberá onde o secretário de governo cria um âmbito de discussão para a organização da feira livre, desse âmbito de discussão participaram alguns agricultores, os representantes do MAM um técnico contratado pelo município (que ao mesmo tempo era funcionário do “Ministerio del Agro y la Producción”) e alguns técnicos vinculados ao INTA local. Nestas discussões que duraram aproximadamente seis meses, se recuperaram os antecedentes de feiras livres que existiram no município e a lei municipal que regula a feira livre, aprovada desde 1987. Os seguintes depoimentos ilustram o acontecido em aquele momento:

... se hicieron los consorcios, consorcios eran grupos de productores que la provincia los organizaba, les daba máquinas para que la gente produzca para llevar productos a Posadas, eso eran los consorcios, estaba mi papá ahí, yo veía lo que ellos hacían y yo decía que eso era interesante porque llevar productos a Posadas (...) en la década del 60 armamos una feria franca, creo que duró una semana o 15 días, se pelearon todos, se terminó todo, ni feria franca, pero hicimos esa feria y se vendía ahí al lado de la iglesia (...) duró un período corto, se pelearon porque no había un control de quien traía producto, de quien era, por ejemplo si aparecía algo, apareció una cucaracha y de nadie era esa crema, de nadie era, entonces la gente también empezó a desconfiar (...) viene cambia otro intendente, vuelve a reflotar otra vez el asunto de las ferias francas (...) bueno esa feria también, empezaron enseguida pero se llenó de intermediarios, y vos con intermediarios no puedes pelear, venía la gente con sus productos que no eran de muy buena calidad y luego le bajaban el precio, la gente no vendía bueno, quedó así, y después cuando yo escuché que ellos se habían organizado en un grupo de Cambio Rural con otra ingeniera que está acá, en la zona, de Kasalaba ahí, de Los Helechos, ellos tenían un grupo de Cambio Rural pero ya Kasalaba, no se si nace ahí o Kasalaba con su gente empezó a hablar de cómo vender las cosas, siempre hubo problemas de vender, entonces ellos decían que como podía ser que nosotros no nos organizábamos, entonces vino Kasalaba hablo en la municipalidad ... (Técnico do INTA).

... nosotros fuimos a la municipalidad porque decíamos, no podemos aparecer sin una cobertura, porque si no, nos cae el impuesto municipal (...) tenemos que tener una

²⁴ Para maiores detalhes, ver a Unidade Técnica de Coordenação Provincial do PSA neste capítulo, no item 3.3.

reglamentación desde el municipio, cuando nosotros planteamos esto era, bueno sí, vamos a ver lo que pasa, hasta que a mí me llama por teléfono un ex-concejal allá del 87 (...) y me dice que cuando el fue concejal había presentado, y se aprobó, el funcionamiento de la feria franca en Oberá., entonces, yo pido que me presenten los papeles a través de otro concejal, que era (...) era en aquella época el que mas potenciaba y no sabía que se había presentado eso, saca del cajón donde estaba, como se dice, y ahí ya estaba todo, es decir, estaba aprobado, estaba reglamentado el funcionamiento, y se empieza a trabajar sobre ese tema ... (Dirigente da “Asociación de Ferias Francas”).

Com base nessa lei aprovada, são elaborados os conceitos e regulamentações internas com as quais funcionaria a feira. Assim, um funcionário municipal relata:

... entonces la definición de feria franca la define la municipalidad como el espacio, por el momento llamémoslo físico porque era en un lugar que funcionaba en forma fija, (...) y franca porque iba a estar exenta de impuestos locales, porque la ayuda que se le iba a dar al sector de pequeños productores, que venían muy mal económicamente, de impuesto con la finalidad de que ellos expongan, por condición sinecuanon, la venta de sus productos, y cuando hablo de sus productos son productos elaborados por ellos en la chacra de ellos... (Técnico do município de Oberá).

O que acabou provocando a decisão de iniciar a feira foi uma viagem para conhecer a experiência da feira de Santa Rosa, município do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Esta viagem foi organizada pelo MAM com o apoio do Município de Oberá e do PSA. Este fato aparece ressaltado nas palavras de vários entrevistados, como por exemplo:

... ahí entonces a través de la municipalidad y del MAM, que une a los productores chicos, se llega a la conclusión de que se tiene que hacer una prueba de feria franca, pero básicamente el primer impulso grande se tiene porque fuimos a Santa Rosa, la gente fue a Santa Rosa, el MAM principalmente, porque vamos Santa Rosa y ellos vieron en vivo y en directo... (Ex- secretário municipal de Oberá).

... después nace la idea de ir a Brasil, yo no se donde consiguieron ellos la invitación de ir a Santa Rosa, el grupo de productores del MAM, había una experiencia de, porque ellos van, no se como vino la mano, lo único que me acuerdo es que me habían llamado un sábado a la noche, che (...) necesitamos plata para ir a Brasil, la municipalidad ponía el colectivo y nosotros pusimos 300 pesos en aquella época, si metele, le digo estamos en ese camino de buscar, y ahí se fueron, y ahí ellos ven esa, yo creo que lo que le hace clic a los productores es cuando ellos pueden testar y pueden tocar y ver que otros productores están comercializando y ven que ellos sienten que ellos pueden hacer lo mismo que están haciendo sus pares, es cuando ellos deciden tomar esa iniciativa, deciden lanzarse al mercado (Assessor do PSA).

Assim, no dia 26 de agosto de 1995 às 7 horas da manhã, começa o primeiro dia de feira na localidade de Oberá. Desde então, todos os sábados acontecem os encontros entre o agricultor local e os consumidores dando vida às feiras livres. A inauguração da primeira feira livre é relatada pelo Presidente da “Asociación de Ferias Francas” com as seguintes palavras:

... jueves al medio día, dice gente de la municipalidad, bueno, el sábado largamos la feria y si fracasa, no sé, como diciendo el primer día si falla no hay otro, pero es un tema que nosotros desde el MAM siempre tuvimos muy buena relación con la gente de prensa, por cualquier cosa informábamos, le comentábamos y siempre ellos hablaron de la feria, tal es así que cuando se dice el sábado se inaugura, se empezaba la feria, llamamos a la gente de prensa, dijimos, bueno, el sábado se larga, empezaron los comentarios el viernes, el sábado la radio transmite desde el lugar el lanzamiento de la feria y fue tan grande el éxito que (...) tan es así que yo tenía para cosechar tomate, tenía un montón de cosas para traer y ese sábado yo no aparezco, porque yo, el día viernes fue una corrida por todos lados a ver quien se animaba a traer, la gente me mostraba mirá tengo la lechuga quemada, se me quemó toda por la helada, no puedo traer hasta que rescatamos de 7 productores que tenían, dijimos bueno, y había algunos que tenían producción y no tenían en que traer, entonces le trajimos la producción y era, era una cosa, me acuerdo bien así la imagen, que llegamos, agosto es todavía invierno, hacía frío y la gente, ya había clientes esperando, cuando empezamos a bajar las cosas, la vedette de aquel tiempo era el tomate, porque había un programa de invernáculos en la zona donde la gente sabía que había producción, y la gente que no perdió el tomate empezó a aparecer con un volumen grande de tomate, tal es así que se decía, de 7 a 1, a las 11 no había mas producción, y la feria fue el comentario del domingo, de los diarios, la gente habló, y para fin de año había ya tres ferias ...

3. 3 As instituições (atores coletivos)

As instituições²⁵ aqui apresentadas foram reconhecidas pelo informante chave, e confirmadas pelos atores entrevistados como as que têm uma influência (direta e indireta) na totalidade das feiras existentes na província. Estas instituições são consideradas, neste trabalho, como atores coletivos da rede de poder, organizada em torno das feiras livres de Misiones. A ordem de apresentação não obedece a outro critério que não seja a ordem alfabética dos seus nomes e siglas, como também, a diferença no detalhamento das descrições se explica só pela diferença de acessibilidade às informações sobre cada uma delas. Além destas instituições,

²⁵ Neste momento do trabalho, chama-se de instituições as diferentes formas organizacionais (Programas do governo nacional, ONGs, organizações da igreja e associação de agricultores, entre outras) que participam ou colaboram com os agricultores organizados nas feiras livres e que, ao mesmo tempo, são os atores coletivos da rede de poder.

participam técnicos e outras pessoas que pertencem a outras instituições que não têm um compromisso institucional com as feiras.

A **Asociación de Ferias Francas de Misiones (AFF)** é uma organização que reúne as, atualmente, 31 feiras livres da Província. A sua estrutura está formada por uma comissão diretiva e uma assembléia de delegados. A comissão diretiva é formada por um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e os vocais. Esta comissão se reúne mensalmente para discutir os problemas comuns, compartilhar experiências e desenvolver projetos de capacitação e outras atividades que afetam as feiras no seu conjunto. Destas reuniões, participam também alguns técnicos mais comprometidos com as feiras, os quais discutem temáticas de capacitação e assistência técnica. A comissão diretiva é quem representa as feiras perante as autoridades, e quem mantém o relacionamento com feiras de outras províncias. Esta comissão, também fiscaliza a realização da festa provincial das feiras livres, a qual é organizada anualmente pela associação de agricultores de alguma das feiras.

A **Dirección General de Pequeños Agricultores, Huertas y Ferias Francas** foi criada pelo governo provincial em 1999. Esta direção depende do “Ministerio del Agro y la Producción”, tem um pequeno orçamento, mas pouca estrutura e somente dois funcionários. Atualmente a direção está a cargo de uma pessoa indicada, diante da consulta do governador provincial, pelo MAM. A direção é criada logo após que é instalada a feira livre de Posadas.²⁶ Neste momento, o movimento das feiras começou a ser reconhecido pelo governo como um interlocutor válido dos agricultores familiares. É importante mencionar que pela feira de Posadas passaram os dois candidatos mais importantes para a Presidência da República nas últimas eleições em 1999. A direção definiu como tarefa principal para o ano de 2001, a formulação de um projeto de lei que dê uma cobertura jurídica às feiras livres.

O **Instituto de Desarrollo Social e Promoción Humana (INDES)** é uma organização não governamental criada, junto a outras, no ano de 1974 com o apoio da “Secretaría de Bienestar Social de la Nación”. Considerando a classificação

²⁶ Posadas é a cidade capital da província de Misiones.

elaborada por Cowan Ros (1999), o INDES corresponde a uma ONG de desenvolvimento rural de primeira geração. O autor separa as ONGs de desenvolvimento rural na Argentina em três grupos, a saber: as de primeira geração, que nascem entre 1960 e 1983, têm uma origem cristã, pouca vinculação com o Estado e são financiadas, principalmente, por instituições e ONGs internacionais. As de segunda geração, correspondem às surgidas na década de 1980, também têm uma origem cristã, junto a profissionais independentes, são vinculadas a financiadores internacionais e ao Estado nacional. E as de terceira geração, surgidas na década de 90, são compostas quase exclusivamente por profissionais, têm uma importante vinculação com o Estado nacional e praticamente não têm financiamento internacional.

Além de fazer parte da UTCP do PSA em Misiones, o INDES desenvolve projetos de desenvolvimento e promoção próprios, e também em parceria com financiadores internacionais e com outros programas do governo como o INTA Minifúndios²⁷, o PSA, etc. Além disso, o INDES é membro da RAOM. No âmbito de Misiones, sua atividade principal se concentra principalmente na localidade de San Pedro e comunidades vizinhas, onde acompanha uma atividade de produção orgânica desenvolvida por mulheres que, atualmente, fazem parte das feiras.

O **Instituto Nacional de Tecnología Agropecuária (INTA)** mesmo que não seja reconhecido, neste trabalho, como uma instituição comprometida com as feiras livres no seu conjunto, será desenvolvida uma pequena caracterização, devido a que numerosos técnicos dos programas dependentes dele estão comprometidos com algumas feiras, e portanto, fazem com que a instituição tenha sido mencionada pela maioria dos atores entrevistados.

O INTA é um órgão descentralizado da SAGPyA. Foi criado em 1956 com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento da pesquisa e extensão agropecuária, acelerar a difusão tecnológica e melhorar a empresa agropecuária e a vida rural. Tem como objetivo contribuir com uma maior competitividade do setor agropecuário, florestal e agroindustrial em um marco de sustentabilidade ecológica e social e

²⁷ A unidade de Minifúndios do INTA é a primeira ação do Estado nacional no reconhecimento da diversidade dos produtores agropecuários da Argentina. Até a criação desta unidade, não existiam políticas nem programas específicos para produtores minifundistas.

colaborar com o incremento do PIB, com as exportações e com o desenvolvimento das economias regionais, preservando o meio ambiente. As suas atividades estão relacionadas com a geração e adaptação de tecnologias e conhecimentos, com a finalidade de fazer um uso mais racional dos recursos humanos e financeiros (www.inta.gov.ar/default.htm. Consulta em 05/12/2001).

O INTA desenvolve alguns programas que forneceram assessoramento para as feiras livres. No início, o programa “Cambio Rural” motivou alguns de seus grupos de agricultores a participarem das feiras como uma forma de reconversão empresarial, mas, na atualidade, o programa não tem mais expressão, já que não tem mais financiamento. O programa foi criado em 1993, e é definido como um programa de reconversão produtiva para a pequena e média empresa agropecuária. Seus objetivos principais são: encontrar soluções (para o público alvo) a alguns problemas de competitividade no mercado, assistir ao produtor na organização e gestão da sua empresa, para melhorar seus ingressos e se integrar na cadeia agroalimentar, entre outros. Atualmente em Misiones o programa “Cambio Rural”, possui somente um grupo de agricultores dedicados ao turismo rural como atividade principal (www.inta.gov.ar/default.htm. Consulta em 05/12/2001).

Um outro programa que cooperou com o surgimento e que atualmente segue colaborando com o desenvolvimento das feiras livres é o “Pro-Huerta”. Este programa é uma alternativa de apoio técnico para melhorar a alimentação dos pobres rurais e urbanos, através de uma estratégia participativa. Tem como objetivo complementar a alimentação e melhorar a dieta dos setores de menor renda, através da auto-produção de alimentos, como também, incentivar a participação comunitária na melhoria da alimentação. Seus instrumentos de trabalho são as pequenas hortas e granjas familiares e comunitárias. As suas hortas são orgânicas, tentando imitar a natureza, sem depender de insumos externos e livres de agrotóxicos. (www.sagpya.meccon.gov.ar/0-0/. Consulta em 05/12/2001).

O programa “Minifúndios” do INTA teve importância também para as feiras, pelo fato de que seus técnicos colaboraram com seu trabalho para alguns grupos. Na atualidade, este programa possui poucos técnicos com financiamento e tem pouca influência no meio rural. Os seus objetivos estão relacionados a propiciar e consertar ações para melhorar a renda e a qualidade de vida do produtor

minifundista, com base em um desenvolvimento sustentável, que possibilite a sua transformação, ampliando suas possibilidades de capitalização. (www.inta.gov.ar/default.htm. Consulta em 05/12/2001).

O **Movimiento Agrario de Misiones (MAM)** foi criado em agosto de 1971 como reflexo da ação do movimento rural cristão que atuava na região desde 1958, das ligas camponesas, da influência das experiências revolucionárias da América Latina e do mundo todo (Golsberg, 1999). O MAM é uma entidade sindical, criada frente à necessidade de ter uma organização que representasse os pequenos e médios produtores agropecuários da Província. Construir um instrumento de defesa, serviço e controle dos interesses econômico-sociais dos agricultores de toda a Província era o fim principal desta organização. A capacitação, o desenvolvimento do cooperativismo e a criação de órgãos de serviços para os sócios figuram no artigo 5 do seu estatuto, como meios para cumprir com os fins propostos (MAM, 1972).

A sua estrutura organizativa é formada (anexo 7) por uma Comissão Coordenadora Central, presidida pelo Secretário Geral. Esta comissão é eleita na assembléia geral, a qual é integrada por delegados dos núcleos de base. A comissão coordenadora central nomeia os assessores, que historicamente foram profissionais de distintas áreas. Os núcleos de base são formados nas distintas colônias, com um mínimo 20 e um máximo de 100 agricultores sócios cada um. Estes núcleos de base têm uma comissão de cinco membros.

A trajetória do MAM pode ser dividida em dois períodos totalmente diferentes. O primeiro se estende desde a sua fundação até 1976, ano em que a ditadura militar tomou o poder no país. A partir de então, inicia-se um período caracterizado por uma brutal repressão que acabou com a maioria dos movimentos sindicais, fazendo desaparecer e assassinando as lideranças, semeando o medo e o terror em toda a sociedade. O segundo período começa com o restabelecimento da democracia (1983) e se estende até hoje.

Durante o primeiro período, as ações do MAM eram principalmente de caráter reivindicativo. Mobilizações, greves, cortes de estradas eram feitos com o propósito de exigir maiores preços para os produtos (erva mate e chá principalmente), e exigir o pagamento dos produtos colhidos e entregues nos anos

anteriores. Estas ações eram dirigidas, principalmente, contra os industriais (secadores e moinhos de erva mate e chá preto) e contra os órgãos de regulamentação da produção.

No segundo período, o MAM transita em um processo de reconstituição, tendo como objetivo geral reconstituir poder por meio da soma de pequenas mudanças. As ações características deste período têm um caráter mais de propostas. Diminuir a dependência dos agricultores com respeito aos insumos; dar valor agregado aos produtos; recuperar a memória histórica das práticas agrícolas utilizando, ao mesmo tempo, os avanços científicos; produzir alimentos saudáveis; proteger o meio ambiente e cuidar as paisagens são algumas das propostas deste segundo período do movimento (MAM, 1999).

Atualmente o MAM faz parte da “Unidad Técnica de Coordinación Provincial” (UTCP) do PSA, do conselho assessor do INTA, é membro da RAOM, integrante da “Mesa Nacional de Agricultores Familiares”,²⁸ membro da “Federación Agraria Argentina”²⁹ e seu atual Secretário Geral é o Presidente da AFF.

O Programa Social Agropecuário (PSA) é um programa nacional, iniciado em 1993, que depende da SAGPyA. É especificamente destinado aos pequenos produtores minifundistas. Com as suas ferramentas, assistência financeira, assistência técnica e capacitação, e com a promoção do associativismo, visa desenvolver “acciones comunitarias y solidarias, que permitan superar las limitaciones de los productores minifundistas, y así, son llevados a un proceso de desarrollo autosustentable” (PSA, 1998, p. 7).

Embora tenha uma estrutura hierarquizada, com a sua coordenação nacional e suas coordenações provinciais, o PSA é um programa descentralizado, com participação dos beneficiários e desenvolvido através de projetos. Este Programa tem uma unidade técnica de coordenação nacional e unidades técnicas de coordenação

²⁸ Espaço de discussão entre distintas organizações de agricultores familiares da República Argentina. Este espaço foi criado em 1994 e ainda se encontra em construção, sendo suas atividades pouco expressivas.

²⁹ Entidade sindical que representa os agricultores familiares e seu movimento cooperativo. Nasceu em 1912, em uma mobilização que reivindicava uma lei de aluguéis, que protegesse os colonos face aos grandes proprietários estrangeiros. Sua influência é maior na região da pampa úmida.

provinciais (UTCP). As UTCPs estão formadas por um coordenador técnico, um representante do governo provincial, um do INTA, um das ONGs de atuação em cada província e dois dos agricultores. (anexo 6).

No caso que interessa a este trabalho, a UTCP de Misiones sofreu uma modificação que ampliou o número de membros participantes³⁰. Ela estava composta, na sua origem, além do coordenador provincial do programa, dos representantes do governo provincial³¹ e do INTA, pelo INDES, representando as ONGs, o MAM, representando os agricultores e um agricultor representante dos beneficiários diretos dos projetos. Atualmente, a UTCP incorporou um representante da AFF, da RAOM, da Pastoral Social da diocese de Iguazu, da união de produtores “Unión y Progreso de San Pedro” e dos técnicos que acompanham os projetos.

A **Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM)** é uma organização da sociedade civil, não é uma ONG no sentido estrito, pois não é constituída legalmente como ONG e não tem uma fonte de financiamento permanente. Os seus integrantes se definem como auto-convocados. Entre seus integrantes se encontram técnicos independentes, técnicos dos programas (como PSA e alguns programas do INTA), agricultores e algumas instituições, como o MAM e o INDES.

A sua estrutura organizativa é formada por uma coordenação composta por uma equipe de cinco membros mais os delegados das filiais. As filiais são grupos locais com sua própria lógica de funcionamento. A equipe de coordenação é composta por um coordenador, um responsável pela capacitação, um responsável pela promoção e informação, um tesoureiro e um agricultor. A RAOM desenvolve atividades de difusão e experimentação na área da agroecologia e de proteção dos recursos naturais. Opõe-se à instalação das grandes hidroelétricas, que promovem os poderes públicos provincial e nacional. Os integrantes da RAOM vendem serviços de

³⁰ A UTCP de Misiones foi ampliada em relação ao número de membros, por causa de um conflito desenvolvido pela designação, por parte do governo nacional, de um coordenador da unidade sem concurso do cargo.

³¹ O representante do governo provincial é a pessoa titular da “Dirección General de Pequeños Agricultores, Huertas y Ferias Francas” do “Ministerio del Agro y la Producción” da província de Misiones.

capacitação e assessoramento a alguns programas de instituições oficiais, como o INTA e o PSA.

3. 4 Os atores individuais

Na segunda parte da análise se trabalha com os atores individuais, tanto os representantes dos atores coletivos (que foram apresentados no ponto anterior), como os que atuam nos locais que foram selecionados para fazer parte da pesquisa, isto é: Oberá, Posadas e San Vicente. Assim, foram entrevistados: dois assessores do MAM; o coordenador provincial, e um assessor do PSA; dois integrantes da RAOM; a Secretária da “Dirección Provincial de Ferias Francas, Huertas y Pequeños Agricultores”; um técnico do INDES; um Prefeito Municipal e um técnico em sanidade dos alimentos; o presidente da AFF da província de Misiones; um militante da Cáritas diocesana de Posadas e três integrantes do INTA envolvidos com diferentes programas, totalizando 18 lideranças e mediadores técnicos. Também no decorrer da pesquisa foram entrevistados 14 agricultores e 29 consumidores.

Os agricultores familiares que participam das feiras livres compõem um grupo minoritário considerando a totalidade dos agricultores missioneiros. Das feiras, participam 2.000 agricultores familiares, aproximadamente 7% dos estabelecimentos agropecuários que tem a província. A totalidade dos agricultores entrevistada possui entre 10 e 100 hectares. A maioria deles tem sua história desenvolvida na chácara. Somente dois dos 14 entrevistados são pessoas que ingressaram nas atividades rurais depois de terem passado por outras atividades, mas mesmo assim, hoje sua renda vem exclusivamente da chácara, através do que vendem na feira livre.

Todos os entrevistados têm modificado a sua produção, alguns só aumentaram as quantidades produzidas, mas oito dos 14 também agregaram novos cultivos e produtos com algum grau de elaboração (pães, queijos, conservas, etc.), atividades que aprenderam nas diferentes capacitações e cursos realizados a partir da participação na feira livre.

Em geral, pode ser dito que as feiras têm uma orientação orgânica. Em uma delas, a totalidade dos agricultores enfatizou que não usa agrotóxicos para a produção, mesmo aqueles que ainda produzem fumo. Nas outras duas feiras, dois agricultores afirmam que usam muito pouco quando o cultivo é pequeno. A maioria

menciona, com muito prazer, ter aprendido a fazer bio-fertilizantes, adubos orgânicos e repelentes para os insetos.

Diante da pergunta sobre as mudanças nas suas vidas, somente dois dos entrevistados mencionaram unicamente a melhora na renda da família. A maioria respondeu sobre vários aspectos que melhoram a qualidade de vida, a auto-estima, a alimentação da família, as amizades (com os compradores e entre os agricultores), os conhecimentos e a dinamização da vida.

Em geral, segundo dados do PSA (1997) não pode se concluir que os agricultores feirantes alcancem maiores rendas que as que obtinham antigamente com os produtos tradicionais (erva mate e chá preto), porém, muitos agricultores reconhecem a importância ter uma renda distribuída durante todo o ano. Assim, não precisam realizar empréstimos durante o ano e esperar a colheita para pagá-los.

Para alguns agricultores, principalmente os que tinham logrado uma certa capitalização de suas propriedades, as feiras lhes permite manter-se economicamente, mas lembram outras épocas em que, com a venda da colheita de erva, melhoravam a casa e trocavam o trator ou o carro. Para outros, os mais pobres, os que possuem menos superfície, a participação nas feiras lhes permitiu aumentar as rendas que conseguiam a través dos cultivos agrícolas tradicionais, para a maior parte destes agricultores a feira é atualmente a única fonte de renda. Esta situação também depende muito da feira à qual o agricultor pertence. Assim, as feiras das maiores cidades geram entre 20 e 100 pesos de renda por semana, em outras cidades os valores vão desde 8 a 50 pesos semanais (Carballo, 2000).

Segundo o mesmo autor, as feiras livres conseguiram compensar, ao nível familiar, a queda na renda provocada pela queda nos preços dos produtos agrícolas tradicionais sem exigir grandes financiamentos externos.

Uma outra característica que está presente nas feiras livres é a forte presença da mulher nos postos de venda. Dos 14 postos de venda abordados aleatoriamente nas entrevistas, 11 eram atendidos por mulheres e somente três atendidos por homens. Existem casos em que a família atende dois postos simultâneos, um deles na feira de seu município e outro na feira de Posadas, onde

confluem agricultores de vários municípios. Nestes casos normalmente a mãe e um filho atendem o posto local e o pai atende o posto de Posadas.

Outros atores fundamentais para a vida das feiras são as pessoas que compram os produtos. Durante o decorrer de um mês foram entrevistados 29 compradores nas três feiras escolhidas para a pesquisa. Eles têm entre 22 e 73 anos de idade, fazendo uma média de 46 anos, e 17 dos 29 (58,5%) entrevistados são mulheres.

A grande maioria deles (86,2%) são pessoas que habitualmente compram na feira. Somente quatro dos 29 entrevistados, são compradores ocasionais. Todos eles responderam afirmativamente a questão sobre a confiança nos agricultores das feiras. Mesmo assim, quatro deles não compram carne, dois não compram leite e um deles não compra produtos em conserva, mostrando desconfiança nesses produtos. O principal motivo que os atrai foi o fato dos produtos serem frescos (14 respostas). Também foram obtidas respostas como variedade apresentada, bom atendimento, pães e doces, entre outros atrativos.

Com relação ao nível de renda das famílias que compram nas feiras, nota-se que entre os entrevistados, não se apresentou ninguém com renda inferior a \$200 mensais. A maioria se encontram entre os que possuem uma renda entre \$200 e \$600, mas se destaca também uma importante presença de famílias com um nível superior a \$1.000 mensais³². Os dados são apresentados no quadro 2.

Quadro 2: Distribuição porcentual de consumidores, segundo a renda familiar mensal

INGRESSO MENSAL (da família) em pesos (\$)		
200 e 400	9	31%
400 e 600	8	28%
600 e 1000	5	17%
> de 1000	7	24%
Total	29	100%

Fonte: Elaboração própria com dados das entrevistas.

³² 1 peso = 1 dólar (maio de 2001). Para mas detalhes, ver no capítulo 1 nota de rodapé 4.

Neste capítulo, procurou-se apresentar um pano de fundo composto por algumas informações gerais, tanto da sociedade, da economia, como dos atores coletivos e individuais que participam das feiras, pretendendo que atuem como um insumo para a compreensão das feiras livres, como uma rede de poder como será tratada no próximo capítulo.

4 A REDE DE PODER ESTABELECIDADA EM TORNO DAS FEIRAS LIVRES E A CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo, primeiramente, faz-se uso da noção de rede de poder, com a finalidade de analisar as feiras livres de Misiones, nas quais se relacionam diferentes atores coletivos que têm influência sobre as 31 associações de agricultores com as suas respectivas feiras. Esta análise não consegue dar conta do mundo dos atores individuais, das suas vivências e suas visões. Portanto, em uma segunda parte do capítulo serão apresentados os elementos de uma análise elaborada em torno dos atores individuais, tanto aqueles que representam os atores coletivos, como os que atuam individualmente em uma feira, mas possuindo uma visão de todo o fenômeno social. Para esta segunda parte, optou-se por um eixo analítico para enquadrar a análise, a visão do mundo rural que está se processando dentro da rede.

Utiliza-se aqui a noção de rede de poder como um instrumento analítico, que permite dar conta das interações estabelecidas entre os atores (coletivos e individuais), dos intercâmbios de recursos de poder (econômicos, simbólicos, políticos, legais etc.) que cada um dispõe, em maior ou menor medida, e da articulação dos distintos interesses que eles possuem, em relação a sua participação das feiras livres de Misiones. A rede de poder é aqui considerada como uma construção social, configurada por vínculos e conexões horizontais entre atores (públicos e privados), dependentes de recursos de poder. Estes recursos, os quais são procurados e acumulados, constituem o capital que cada ator possui, para evitar uma possível dependência dos outros atores e assim, poder atender seus próprios interesses.

4. 1 As feiras como rede de poder: uma análise a partir dos atores coletivos

4. 1. 1 Os atores da rede e as inter-relações

No mês de agosto de 1995, em Oberá, um grupo de colonos (sete agricultores) das comunidades mais próximas à cidade começou um desafio, uma alternativa de comercialização de produtos das suas chácaras, como forma de sobrevivência à crise dos produtos agroindustriais regionais³³.

Como foi mencionado no capítulo anterior, atualmente, na Província de Misiones, existem 31 associações de agricultores que comercializam produtos da chácara por meio de suas feiras livres. Essas associações estão agrupadas em uma outra associação, chamada de “Asociación de Feiras Francas de Misiones” (AFF) que é o âmbito reconhecido para a discussão de todos os assuntos relacionados às feiras. Juntamente, e interagindo com essas organizações de agricultores, existe uma série de organizações, órgãos governamentais das diferentes esferas do Estado e setores da sociedade em geral (atores coletivos), atores individuais, (consumidores dos produtos das feiras) formando um espaço-político social de características singulares.

Os atores (individuais) desenvolvem as suas atividades dentro das suas organizações às quais eles pertencem. Portanto, é a organização como um todo que se compromete com o desenvolvimento das feiras. Mesmo assim, não é na totalidade dos casos que isso acontece, pois existem atores que, mesmo fazendo parte de alguma organização que não tem um comprometimento institucional com as feiras, trabalham com um forte compromisso, fazendo ainda mais complexa qualquer análise.

A noção de rede é adequada para se tentar fazer uma análise deste movimento social³⁴, nos aspectos das relações e interdependência entre os atores,

³³ Ver capítulo 2, item 2. 1.

³⁴ Aqui se utiliza o termo movimento social pelo fato de que os próprios atores utilizam-no, para fazer referência às feiras livres em todas suas dimensões e os efeitos que elas produzem, destacando-se a mobilização da economia local, as oportunidades de trabalho para os técnicos, a modificação das relações de gênero nas famílias de agricultores que participam, a geração de renda, a possibilidade para a população local de consumir alimentos de qualidade, mobilidade social que as feiras proporcionam, entre outros. Não se faz referência a movimento social como conceito analítico.

articulação de interesses e seus efeitos, tanto na mobilização social quanto sobre os próprios atores. A idéia de rede, aqui utilizada, não se refere a um arranjo espacial de estruturas fixas, como poderiam ser as redes de cidades unidas pelos traçados de estradas, as redes de encanamento para a distribuição da água nas cidades, ou também, no sentido de um conjunto de computadores ou telefones interconectados. O sentido que se dá aqui à palavra rede, tem a ver com a noção de rede de poder (*policy network*). Esta é uma construção social, definida a partir de conexões complexas entre organizações distintas (atores coletivos e individuais), e dependentes de recursos de poder (Paulillo, 2000). Cada rede é particular e se distingue das demais pela diversidade dos atores e da estrutura de interdependência.

Estas redes de poder constituem um fenômeno que somente é possível em um ambiente caracterizado pela emergência de organizações coletivas na estrutura social, pelo aparecimento de políticas cada vez mais fragmentadas e setoriais, pela crescente mobilização dos interesses privados na busca da satisfação de seus objetivos; a fragmentação e descentralização do Estado e pelo avanço da globalização, entre outros (Kenis e Schneider, 1989 *apud* Paulillo, 2000).

Na década de 90, na República Argentina, começa a se construir um ambiente com as características mencionadas acima. Depois da crise da hiperinflação, que caracterizou a segunda metade da década de 80, é instalado um programa neoliberal que inaugura uma etapa de encolhimento do Estado. E, com isto, a desregulamentação dos mercados, a privatização de serviços públicos, abertura da economia e a formação do Mercosul. Ao mesmo tempo se implementam uma série de políticas públicas fragmentadas para atender a diferentes setores da sociedade, criam-se e reativam-se distintas organizações sociais, representando diferentes setores ou reivindicando diferentes direitos sociais.

Destinados ao setor agropecuário, chegam à Província de Misiones, como à outras regiões do País, uma série de programas. Assim, em 1993, é criado o “Programa Social Agropecuário” (PSA) destinado a atender os pequenos agricultores. O programa é a primeira política pública, que trabalha com as organizações e instituições locais. Uma das estruturas mais importantes de condução

do programa é a “Unidad Técnica de Coordinación Provincial” (UTCP)³⁵. A UTCP é um importante espaço de democratização das decisões a respeito do uso das ferramentas do programa (capacitação, assistência técnica, financiamento).

Um outro programa que estava sendo implementado era o programa “Cambio Rural”³⁶. Mesmo que este programa hoje não tenha mais influência no que se refere às feiras (e também no meio rural como um todo), é importante mencionar que em um grupo de Cambio Rural, começou a discussão sobre a necessidade de uma feira livre. Deste grupo, faziam parte alguns agricultores integrantes do “Movimiento Agrario de Misiones”, sendo eles que colocavam essa discussão dentro do grupo³⁷.

O Programa “Pro-Huerta”³⁸ também foi criado nessa mesma época e impulsionava a construção de hortas familiares e comunitárias nos bairros periféricos das cidades e nas comunidades rurais. Os técnicos deste programa foram os que contribuíram para o assessoramento técnico a alguns agricultores das feiras. O programa também colaborou com as sementes hortícolas necessárias para iniciar os cultivos, e talvez o mais importante tenha sido sua proposta de produção orgânica e de transformação de alimentos a nível familiar, que caracterizou o Pro-Huerta. Na atualidade o programa está em execução, e alguns dos seus técnicos continuam trabalhando com agricultores de algumas feiras.

O Programa “Minifúndios”³⁹, dependente do INTA, tinha no início dos anos 90 alguns técnicos trabalhando com pequenos agricultores na região. Este programa deu uma contribuição importante no que se refere à modalidade de trabalho, pois institucionalizou a elaboração de projetos. Assim, os técnicos mais treinados nesta elaboração eram os do Programa Minifúndios.

³⁵ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

³⁶ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

³⁷ Ver: capítulo 3, item 3. 2.

³⁸ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

³⁹ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

Nesse momento (início dos 90) um grupo de técnicos, junto a agricultores e algumas instituições, tinha criado a “Red de Agricultura Orgánica de Misiones” (RAOM)⁴⁰. A RAOM começou a difundir a necessidade de proteger os recursos naturais e de modificar o modelo tecnológico que caracteriza a agricultura moderna, a fazer denúncias sobre intoxicações de operários e agricultores que manipulam agrotóxicos, a fazer cursos de capacitação sobre agricultura orgânica e, principalmente, a difundir experiências de agricultores que fazem agricultura orgânica há muitos anos na província.

Nesta época também um outro ator importante, o MAM⁴¹, encontrava-se atravessando um processo de redefinição de seus objetivos e estratégias. No seu congresso dos 20 anos de existência, realizado em agosto de 1991, o movimento apresentou uma ampla análise da situação dos pequenos agricultores, considerando aspectos produtivos, sociais e econômicos. Mas, o mais importante foi o lançamento de uma série de propostas, nas quais se destacam: a necessidade de implementar um modelo produtivo, caracterizado pela diversificação dos cultivos, ou seja, a não dependência dos cultivos perenes e tradicionais como única fonte de renda; o desenvolvimento de estratégias de mercado local (em um primeiro momento incentivou a venda porta a porta⁴²) e a mudança das práticas produtivas, abandonando o uso de agrotóxicos e recuperando as práticas da agricultura tradicional, entre outras. Uma outra definição importante deste congresso, foi a modificação das estratégias de relacionamento do movimento com o Estado e com outras organizações políticas e sociais locais. Assim, hoje o MAM tem um representante no diretório provincial do INTA, um outro na UTCP do PSA e o atual Presidente da comissão diretiva da AFF é o Secretário Geral do movimento. Também o MAM participou da escolha da funcionária que ocupa atualmente a “Dirección de Ferias Francas Huertas y Pequeños Agricultores”. O crescimento na ocupação de espaços por parte do MAM é de fundamental importância para o setor dos agricultores. Assim:

⁴⁰ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

⁴¹ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

⁴² O sistema de venda porta a porta consiste nas visitas dos agricultores aos lares da cidade com seus produtos para a venda. Neste sistema de venda, não existem controles sanitários dos produtos e é o agricultor que tem que ir a procura do cliente.

... en este último período (...) el representante del MAM es el presidente del directorio del INTA. Esto constituye un logro de fundamental importancia, no solamente para la organización gremial, sino también para los productores agrarios de la provincia que han alcanzado a tener a su representante en un espacio históricamente ocupado por profesionales (Montiel, 2000. p.81).

Dentro das ONGs, o trabalho mais importante e sistemático no meio rural missioneiro é realizado pelo INDES⁴³. Esta ONG trabalha há muito tempo na assistência técnica, promoção social e fomento à organização dos agricultores familiares de Misiones. Em algumas regiões, o INDES foi a primeira instituição que começou a trabalhar com os agricultores e escolas técnicas.

Desde o poder público, o município de Oberá, por meio da criação de uma lei municipal em 1984, mostrava preocupação pela constituição de uma feira livre, onde os agricultores das colônias vizinhas pudessem vender seus produtos de chácara. Essa idéia existia no corpo legislativo municipal, mas não existia nas prioridades da administração executiva. Uma feira livre não era uma questão desconhecida para Oberá, já que existiram duas experiências anteriores que, por razões diferentes, acabaram desaparecendo pouco depois da sua inauguração.

Estas características do ambiente encontradas em Misiones se assemelham às apontadas por Campanhola e Graziano da Silva (2000) como as forças motoras que estão valorizando os espaços locais, especialmente os espaços rurais, tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento. Em suas próprias palavras estas características são: o processo de globalização, a descentralização da administração pública, a crescente preocupação com a gestão e a conservação dos recursos naturais e a organização dos distintos atores sociais.

A fluida convivência de todos estes atores coletivos e individuais, no espaço rural de Misiones, juntamente com a urgente necessidade de encontrar alguma solução para os pequenos agricultores, que são os que mais sofrem com a queda dos preços dos produtos tradicionais, fez com que um grupo de atores sociais (individuais e coletivos) assumissem, a experiência da feira livre de Oberá, que tinha

⁴³ Ver: capítulo 2, item 2. 3.

se criado como uma experiência local, como uma alternativa para comercializar a produção dos pequenos agricultores. Assim, o modelo se espalhou rapidamente pela província, convocando aos diversos atores sociais que hoje formam uma rede. Com relação às alternativas para os pequenos agricultores, um entrevistado diz:

... bueno nosotros veníamos buscando alguna salida mas que todo a la parte comercial, conscientes además que acá, el fenómeno de la globalización trajo aparejado la desregulación total, (...), así que, donde nosotros podíamos, justamente, es decir donde podíamos reconstruir el poder popular era, a partir de la venta de alimentos, era casi el único lugar donde nosotros teníamos alguna chance, se veía que acá, la yerba se, se derrumbaba, el té, es una actividad que está en manos, mas, fundamentalmente de Lipton, de una sola firma internacional, que además es parte del grupo Unilever, no, quiere decir que es uno de los grupos mas grandes del mundo en todo lo que es lo agroalimentario, no, el tabaco ya se sabe las multinacionales, en la parte del papel, todo lo que es acá la parte de la forestación están metidas las mas grandes empresas de Argentina, las mas grades empresas internacionales, es decir nosotros acá para el pequeño productor estaba totalmente cerrado (Dirigente do MAM).

Com a finalidade de delimitar a rede de poder formada em torno das feiras livres, apresentam-se (sistemizados em forma de quadro) os elementos declarados pelo informante chave, corroborados e acrescentados pelos depoimentos dos próprios atores⁴⁴, quer dizer, os entrevistados identificaram os atores que formam a rede no nível provincial. Mesmo reconhecendo que em cada feira e em cada município existem atores locais que não têm influência na totalidade da rede, os atores coletivos que formam a rede de poder são: “Asociación de Ferias Francas de Misiones”; “Movimiento Agrario de Misiones”; Programa Social Agropecuario; “Red de Agricultura Orgánica de Misiones”; “Instituto de Desarrollo y Promoción Humana”; Municípios e Governo Provincial (quadro 3). É necessário esclarecer que mesmo que o INTA tenha sido reconhecido como um ator da rede de poder pelos próprios atores, neste trabalho não é considerado um ator coletivo da rede. Isto é assim porque o INTA, embora muitos técnicos de seus programas e de suas agências estejam presentes em muitas feiras e municípios, a instituição não tem compromisso com as feiras. A relação fica exclusivamente por conta dos técnicos individualmente. Por

⁴⁴ A delimitação da rede é feita pelos próprios atores, isto é assim pela eleição do método realista. Ver capítulo 1, ponto 1.1.

esta razão é que existem técnicos que fazem um trabalho de grande importância e outros que não contribuem.

Quadro 3: Auto-reconhecimento dos atores na rede

Entrevistado	Instituições	PSA	MAM	Governo Provincial	Municípios	RAOM	INDES	INTA
Grondona	PSA	X	X	X	X	X	X	X
Smiht		X	X	X	X		X	X
Gilbard	MAM	X	X	X	X	X	X	X
Barilari		X	X	X	X		X	X
Blazer	RAOM	X	X	X	X	X	X	X
Dalmaroni								
Mattje	INDES	X	X	X	X		X	X
Montenegro	INTA	X	X					X
Colombo		X	X	X	X	X	X	X
Kurtz		X	X	X	X	X	X	X
Ferreira		X	X	X	X	X	X	X
Weiss	Municípios		X	X	X			X
Melli		X						X
Gómez								
Bauwarten								
Kasalaba	A F F	X	X		X	X	X	X
Mathot	Cáritas	X	X		X	X	X	X

Observação: Nas linhas se encontram os entrevistados, agrupados segundo as organizações às que pertencem. Nas colunas (a partir da terceira) estão os atores coletivos que compõem a rede. No interior do quadro se encontram marcados (com X) os atores reconhecidos por cada entrevistado. Percebe-se que o PSA, MAM, os Municípios e o INTA foram os atores mais mencionados pelos entrevistados.

Fonte: Elaboração própria com dados das entrevistas.

Um outro elemento a ser esclarecido é o caso dos municípios na rede de poder aqui estruturada. Eles são considerados, todos juntos, como um ator coletivo, mesmo que não participem de forma organizada ou por meio de alguma representação. O fato de serem considerados como ator coletivos, tem a ver com que todos eles têm um certo compromisso com as feiras. Todos eles legalizaram, através de lei municipal (anexo 8), o funcionamento da feira local, colaboram com o espaço físico, contribuem com os recursos que possuem para facilitar o traslado das mercadorias à feira de Posadas, e finalmente, em cada reunião mensal da AFF o prefeito da cidade anfitriã acompanha os delegados outorgando legitimidade ao evento e à própria AFF.

Assim chega-se à formação da rede de poder, onde todos os atores coletivos se relacionam de maneira complementar e interdependente, trocando recursos de

poder (materiais, organizativos, jurídicos, simbólicos etc) e articulando seus interesses. Entender a rede significa entender a governança que se desenvolve nela. Para indagar sobre esta questão é necessário se centrar na unidade de análise das redes de poder, que são as relações, a interação e a negociação entre os atores.

Para iniciar a análise da rede de atores coletivos que existe em torno das feiras livres de Misiones, apresenta-se uma sistematização das relações mais importantes, detectadas através das entrevistas e as observações realizadas durante o trabalho de campo. Consciente de não terem sido detectadas todas as relações existentes entre estes atores, considera-se que nem sempre as relações são institucionais, e sim que são os atores individuais que as constroem e desconstroem permanentemente. Para descrever tais relações, apresenta-se o que seria o sociograma onde são representadas graficamente essas relações (figura 7).

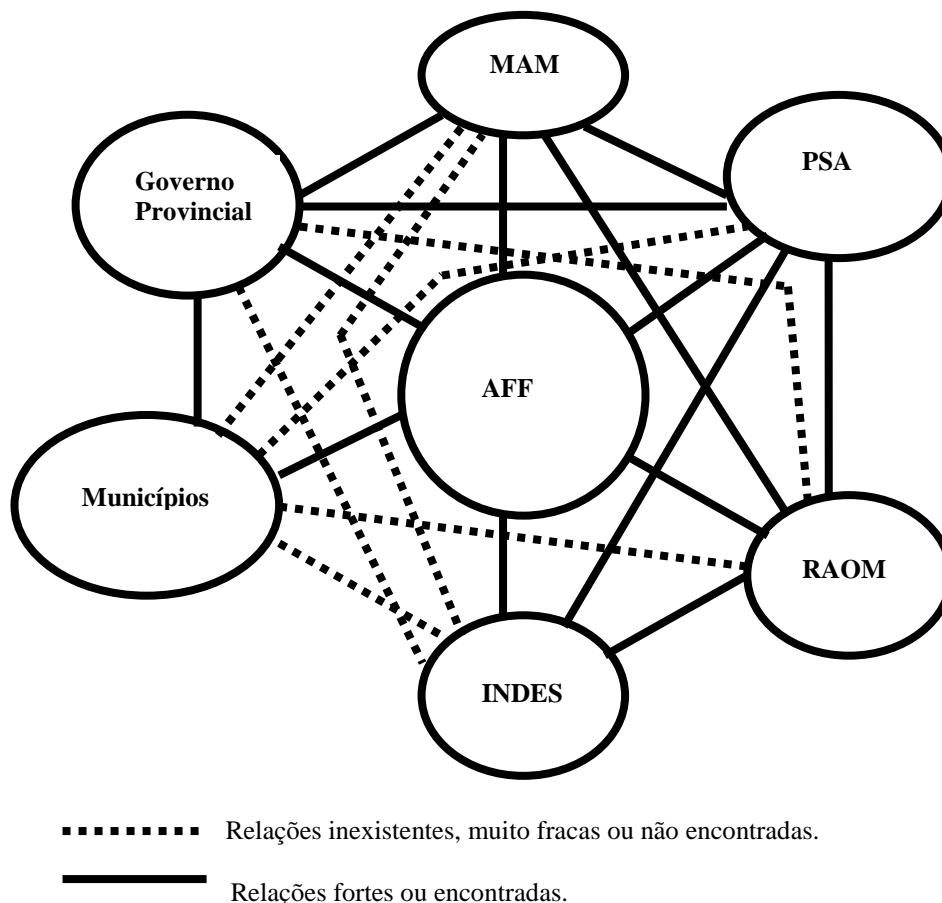
O relacionamento detectado entre o PSA e a AFF está composto por várias vias. O PSA é quem administra os recursos do “Fondo Especial del Tabaco” (FET)⁴⁵, que foram repassados do governo nacional ao “Ministerio del Agro y la Producción” para que os repasse diretamente à AFF, mas como a associação não cumpria com os requisitos formais necessários para receber dinheiro público, foi repassada ao PSA a administração dos mesmos. Isso permite também diminuir os riscos de conflito pela administração dos recursos comuns, questão muito mencionada como conflito dentro de cada feira. Com relação a estes conflitos dentro das feiras, destaca-se o seguinte depoimento:

Por ejemplo, en el caso de los tesoreros, es que cuando el primer tesorero hizo mal uso de los fondos y se lo descubrió, nadie quiso agarrar la tesorería, hasta eran capaces de que quede el mismo habiendo hecho mal uso porque nadie se animaba. Entonces dijimos, bueno, esto hay que trabajarlo, que hacemos, tiene que haber muchos tesoreros para que entonces todos sepan algo de tesorería. Tesoreros chicos, grandes, entonces, después cuando pase esto tengamos a quien echar mano, a quien sepamos si es honesto, o no es honesto, si sabe de números o si no sabe de números, si sabe hacer un balance o si no sabe hacer un balance. Entonces quienes se animaron, las mujeres, siempre las mujeres, las que mas se, la feria, bueno, las mujeres es fundamental, ellas se animaron a agarrar varios

⁴⁵ É um fundo de recursos arrecadados por meio de impostos diretos sobre cigarros. É importante mencionar que a AFF utiliza esses recursos para os chamados fundos rotativos, isto é, pequenos créditos que a comissão de cada feira entrega aos agricultores em função da sua capacidade de pagamento. Assim, os agricultores podem ter acesso a um financiamento sem passar pelo sistema de bancos oficiais nem privados, que possuem mais custos.

cargos, ahí hicimos, hasta en un momento hubo 10 tesoreros, tesorero del fondo de salud, de transporte, de, este, tesoreros de fondos pequeños de préstamos, grandes de préstamos, de insumos, de semillas, de frascos, de bolsitas y hoy estamos tratando de concentrar en, en un tesorero que por lo menos maneje todo (Assessor do INTA).

Figura 7: Sociograma da rede de poder que caracteriza as feiras livres



Fonte: Elaboração própria com dados das entrevistas.

Uma outra via de relacionamento entre o PSA e a AFF é a capacitação. O Programa organiza oficinas de capacitação para os agricultores e para os técnicos das feiras, segundo as prioridades definidas pela AFF e os recursos do Programa. Além disso, os técnicos coordenadores do PSA, junto a um técnico de um dos municípios organizam capacitações de curta duração sobre temáticas específicas, exemplo disso é uma capacitação que está se desenvolvendo atualmente em um momento (normalmente no final) da reunião da AFF onde comparecem mensalmente os representantes de cada feira e alguns técnicos. Neste ponto, é ressaltado o compromisso particular de um técnico do município de Oberá que viaja mensalmente

ao município onde acontece a reunião da AFF para contribuir na capacitação dos representantes ali reunidos. Uma outra forma de relacionamento do PSA com a AFF tem a ver com o apoio à festa provincial das feiras livres, que todos os anos se realiza em uma localidade e é organizada pela associação da feira local. Também o PSA patrocina algumas viagens de representação das feiras.

Enfim, qual é a reciprocidade nesta relação, ou seja, o que contribui a AFF para o PSA? Como se tinha salientado em outras passagens do trabalho, as feiras livres constituem, sem dúvida, a experiência organizativa e produtiva de maior sucesso no âmbito dos pequenos agricultores argentinos e o PSA é participante disso, portanto, é também um êxito do Programa. Não somente é um êxito do Programa ao nível provincial, mas do Programa a nível nacional, onde também as feiras são consideradas um grande sucesso. Isto é salientado neste fragmento da entrevista ao Presidente da AFF:

Y el PSA como logro principal de su trabajo en la provincia es, se multiplicó en toda la Argentina por lo que el PSA, la experiencia misionera del PSA. Muchas veces me tocó, ya como 10 veces, ir afuera de la provincia para hablar de, yendo a los encuentros anuales del PSA, hablar sobre las ferias y hablar como modelos del PSA, yo decía no era el PSA, era una organización de pequeños productores los que hacíamos el trabajo, (...) ellos en la Argentina tienen algo para mostrar.

Uma outra retribuição para o PSA é o reconhecimento por parte dos agricultores. Existe uma apropriação do programa, fato que se mostrou no momento em que aconteceu uma intervenção (ao PSA) promovida pelo governo nacional. Tanto os agricultores, como todas as organizações que fazem parte da UTCP e as que estão vinculadas às feiras, mobilizaram-se para defender a autonomia do PSA. Um trecho da seguinte entrevista serve como exemplo:

... a nivel nacional el programa es reconocido por el tema de las ferias, por los logros sostenidos en el proceso de las ferias, o sea que hoy el fenómeno de las ferias es una referencia nacional, no, sé que no existe en otra parte del país otra cosa tan desarrollada como esta y en muchos lugares se toma como referencia al PSA, así concretamente. Si bien yo creo que no es el único que ha aportado en esto, que no fue solo, solo no se iba a poder hacer nunca, pero le significa un éxito, le significa, fortalecer su credibilidad, fortalecer sus posibilidades de negociación, ayudó mucho, por ejemplo, en todo este tema de lo que vivió el programa en esta época del año pasado, por ejemplo, donde los productores vieron la

necesidad de que este programa continúe, o sea, es un factor que marca un poco la existencia del programa (Assessor do PSA).

Esses dois atores se inter-relacionam de maneira complementar, fazendo que os recursos que possuem individualmente sejam úteis um para o outro, o qual gera uma interdependência. Assim, essa relação de articulação de interesses, de intercâmbio de recursos é ao mesmo tempo, de confiança e colaboração. A situação de intercâmbio de recursos que existe na atualidade é seguramente distinta da existente no início das feiras, momento em que o PSA possuía mais recursos frente a uma organização de agricultores incipiente que não estava articulada a nível provincial (a AFF). Em contrapartida, hoje o PSA é cada vez mais dependente do sucesso das feiras livres, como um recurso para justificar sua existência e seu orçamento diante o poder público, que cada vez exige mais resultados. Isto mostra que a interação entre os atores é assimétrica e dinâmica, capaz de mudar com o passar do tempo. A assimetria aqui apontada faz referência ao poder dentro da rede. Assim, no início, o PSA tinha mais poder que as associações de agricultores e, na atualidade, esse poder mudou colocando a AFF em uma situação mais vantajosa.

Seguindo o PSA e suas relações dentro da rede, é interessante se deter na vinculação deste com o MAM. Neste caso, o PSA ocupou um papel importante no financiamento do MAM, principalmente no início da atuação do Programa. Esta relação acontecia através da aprovação de projetos para grupos de agricultores organizados pelo MAM, os quais recebiam recursos para o salário de um técnico assessor, que nestes casos eram técnicos do MAM, em muitos casos agricultores com experiência na liderança de grupos e com um grande conhecimento da região. A possibilidade de financiamento para técnicos que não fossem profissionais e de projetos destinados à melhoria do auto-consumo foram conquistas do trabalho realizado pelo próprio MAM, em articulação com algumas outras instituições e o coordenador provincial do PSA⁴⁶ dentro da UTCP.

⁴⁶ É importante fazer uma referência ao primeiro coordenador do Programa Social Agropecuário, Eng. Agr. Roberto Cametti, hoje falecido. Trata-se de uma pessoa altamente lembrada nas feiras como um grande organizador e formador de relações entre as pessoas e as instituições. Ele é homenageado em distintas formas e oportunidades, uma delas é a utilização do seu nome para nomear a feira de Posadas, a mais importante instalada na capital da província.

Em contrapartida, o MAM contribuiu com seus quadros técnicos e políticos, os quais defenderam e disseminaram a importância do PSA entre a população, permitindo rapidamente que o programa fosse apropriado e defendido pelos agricultores. Enfim, o MAM contribuiu com o trabalho organizativo para o lançamento das feiras (contatos, motivação dos agricultores, viagens, etc), um trabalho de militância, como pode ser percebido em um fragmento desta entrevista:

... del jueves al sábado, dijimos, bueno si, aceptamos tan es así que yo tenía para cosechar tomate, tenía un montón de cosas para traer y ese sábado yo no aparezo, porque yo, el día viernes fue una corrida por todos lados a ver quien se animaba a traer, la gente me mostraba mira tengo la lechuga quemada, se me quemó toda por la helada, no puedo traer hasta que rescatamos de 7 productores que tenían, dijimos bueno, y había algunos que tenían producción y no tenían en que traer, entonces, le trajimos la producción y era una cosa, me acuerdo bien así la imagen ... (Dirigente do MAM).

Uma outra relação que dá consistência a esta rede é a existente entre o PSA e a RAOM. Para analisá-la é necessário se referir ao processo de formação da RAOM. A RAOM nasce a partir de um encontro de agricultura orgânica, onde participaram técnicos e agricultores que praticam este tipo de agricultura. Esses participantes sentiram necessidade de ter um espaço de reflexão, discussão e difusão de práticas agrícolas alternativas, baseadas em uma forte crítica ao padrão tecnológico que caracteriza a agricultura moderna. O principal promotor deste espaço foi o então coordenador do PSA, Roberto Cametti, junto a outras pessoas. Atualmente a maioria dos técnicos do PSA são membros da RAOM, portanto esta organização nasceu vinculada ao PSA. Em relação à origem da RAOM, um dos entrevistados diz:

Yo en el 92 lo conozco a Cametti, bueno, ahí comenzamos a compartir, compartimos ideas en común, y vimos la necesidad de armar una jornada de agricultura orgánica que era algo que le llamaba la atención a él que hacía un año que había llegado de La Plata. (...) Lo que nos llamaba mucho la atención eran unas experiencias desarrolladas acá por los agricultores y que eran una guía para el tipo de agricultura que había que hacer en Misiones. (...) Entonces ahí decidimos organizar esa primera jornada de agricultura orgánica (...) comenzamos a visitar experiencias con el Coya⁴⁷ (Cametti), que nos entusiasmaron, y se organiza aquella jornada, que tuvo una concurrencia muy importante,

⁴⁷ Apelido de Roberto Cametti.

mas de 400 personas, con gran cantidad de agricultores y ahí se formo la RAOM con muchas filiales, y algunas organizaciones como el INDES, ahí comienza la historia.. (Técnico da RAOM).

A Rede de Agricultura Orgânica colabora com as experiências de seus agricultores e os conhecimentos dos seus técnicos nas oficinas de capacitação organizadas pelo PSA em parceria com outras instituições. Também mantém contatos com o Centro Ecológico (CE) do Rio Grande do Sul, Brasil, o qual permite-lhe atuar como uma ponte capaz de traduzir e socializar conhecimentos na área da agroecologia para toda a rede.

A relação do PSA com o INDES tem, mais o menos, as mesmas características que nos casos anteriores. O PSA financia projetos dos grupos de agricultores atendidos por esta ONG. Também, na atualidade, o coordenador técnico do PSA é de San Pedro, localidade onde o INDES tem a maior parte dos projetos. Isto faz que se desenvolva uma relação de maior comunicação e contato. O INDES colabora com toda a sua experiência de muitos anos de trabalho na região. A organização conjunta e os convites recíprocos das atividades de capacitação também fazem parte desta relação.

O governo provincial tem um representante na UTCP do PSA e também coopera com alguns recursos para o funcionamento do programa, como é o caso da sede provincial do PSA que funciona em um prédio do “Ministerio del Agro y la Producción”. Por outro lado, o PSA cumpre a função de um repassador de recursos do governo nacional diretamente para os agricultores e técnicos da província.

Um outro ator importante a ser analisado nas suas relações é o MAM. Além das relações estabelecidas com o PSA que foram mencionadas acima, o MAM é membro da RAOM. Com esta instituição os intercâmbios estão relacionados ao apoio mútuo nas atividades organizadas e à participação dos eventos organizados por uma e outra instituição. É bom lembrar que o MAM, nas propostas lançadas no seu congresso dos 25 anos, realizado anteriormente à formação da RAOM, propõe a agricultura orgânica como modelo produtivo.

O MAM tem uma estreita relação com a AFF e o atual presidente desta associação é também o atual Secretário Geral do MAM. A AFF recebe de parte do

MAM toda a capacidade e a experiência de seus dirigentes, assessoramento na gestão jurídica e política, capacidade de negociação com o poder público e gestão de fontes de financiamentos. Aqui é necessário salientar que o financiamento do “Fondo Especial del Tabaco” (FET) foi conseguido pela pressão exercida (com uma manifestação conduzida principalmente pelo MAM) ao então Secretário de Agricultura do país. Um outro elemento fundamental que faz parte do apoio que o MAM dá à AFF na gestão e relação com o poder público é a criação, por parte do Estado provincial, da “Dirección de Ferias Francas, Huertas y Pequeños Agricultores”, na qual o MAM teve muito a ver. Além do mencionado, o MAM acompanha principalmente a feira de Oberá que é a primeira feira livre. O MAM, através do seu Secretário Geral, também foi quem mais fomentou a criação da AFF. A relação entre o MAM e a AFF é relatada por um dos entrevistados nas seguintes palavras:

... yo creo que el MAM en eso ha ido, solamente, contribuyendo a crear una asociación, que hace al mejoramiento de la situación de los pequeños productores en un momento, que por el momento es una cosa que vale, que sirve, no se sabe que pasará mañana, pero en fin. La relación del MAM en eso, ha sido mas un tipo de colaboración de la institución, nosotros hemos sido los que, un poco gracias a recursos que logramos tener de afuera, hemos podido hacer un trabajo de asesoramiento, estuvimos presente, acá en forma permanente, es decir, pone algunos medios, creo que, es sabido que generalmente parte de los papeles, parte de esas cosas que no se ven pero las lleva adelante el MAM, dentro de las ferias libres, de relación, de viajar, de hacer gestión, de decir, de conseguir en cierto momento, algún fondo, en fin, nuestra relación es exterior porque las ferias libres no son del MAM ,es decir, nosotros estamos ahí cumpliendo esta función concretamente en estos momentos. (Assessor do MAM).

Em troca, as feiras legitimam socialmente o MAM e se constituem em um acúmulo de recursos que o movimento necessita para se posicionar frente ao poder público e para se relacionar com outras organizações de agricultores a nível nacional e internacional. As feiras também se converteram em uma das atividades centrais do movimento, gerando uma dinâmica que, no período posterior à reorganização, não tinha alcançado. As feiras como um mercado organizado, construído socialmente, permitiram que o MAM reativasse uma antiga cooperativa dedicada à comercialização de insumos e produtos, e a partir disso, também conseguiu um financiamento para a construção de um estabelecimento industrial processador de alimentos, os quais serão vendidos nas feiras. O mais importante para o movimento é

a possibilidade de construção de poder por parte dos agricultores. Isto é salientado nos seguintes estratos das entrevistas realizadas com um assessor e um dirigente do MAM respectivamente:

Bueno, nosotros, para nosotros es una experiencia, nosotros creemos que, como conversamos ya con vos donde empezamos a reconstruir poder, es decir, nosotros, porque se dan varias cosas, bueno primero, la gente aunque sea chico pero maneja el sistema económico. Es decir la comercialización que siempre le escapó a los campesinos. Funcionar democráticamente en un país donde no hay muchas experiencias de democracia y de funcionamiento democrático (...) nosotros creemos que estamos entrando en un proceso de, de manejo de la cosa más difícil, que es el crédito en el campo. Es decir, nosotros estamos entrando en una cosa que puede ser decisiva si uno dice, queremos construir un modelo independiente, queremos que la gente participe de todo. (...) Hoy día, yo creo que se está transformando por otro lado, viste, en una escuela de dirigente, viste, yo creo que si mañana viene un tipo y dice bueno acá en la feria no se vende mas cerdo, porque hay un decreto de SENASA⁴⁸, yo creo que son los únicos, las ferias son, seguramente, la única organización en estos momentos, que están en condiciones de sostener una lucha concreta...

.... entonces a nosotros como gremio nos favoreció, la feria, la imagen, es decir, estar involucrados siempre con la gente, y tal es de que de golpe aparecía yo, (...) u otro y éramos, por ahí, como quien dice, en algunos feriantes, como mal vistos y en algunos éramos bien recibidos, pero por decisión propia, hace dos semanas atrás le festejan (se refiere aos feirantes de Oberá) el cumpleaños a (...) entonces de golpe la feria sirvió para eso, viste...

O MAM tem desenvolvido relações com o governo provincial a partir da redefinição de seus objetivos e estratégias (ver no capítulo anterior a caracterização do MAM). A relação com o governo provincial se modificou, passou de uma relação de conflito e sem diálogo para uma relação de trabalho conjunto. A modificação da relação do MAM com o governo teve muita importância no reconhecimento das feiras livres por parte deste, enfim, na legitimidade das feiras. A este respeito, um dos entrevistados diz:

Con un enfoque distinto, de ir buscando soluciones ya no luchas gremiales, si se puede decir pero trabajar mas así a nivel de productores, buscar una reivindicación económica a través de la producción, ya no tanto la salida a la ruta (...) sino ir buscando pequeñas soluciones, que seamos muchos menos que antes, con mucho menos fuerza, pero creemos

⁴⁸ Servicio Nacional de Sanidad Animal.

que, por ahí, es la senda correcta lo que uno está haciendo, la gente ahora tiene una relación mucho mas a nivel de, de organizaciones que antes, estamos en muchas mas cosas (...) teníamos muy buena, muy buen diálogo con el gobierno, eso no quiere decir amistad, sino diálogo, ahora lo seguimos manteniendo, es decir que por ahí buscar soluciones de conjunto es lo que nosotros estamos haciendo ahora... (Dirigente do MAM).

Para desenvolver um pouco mais esta relação, é fundamental compreender como se desenvolvem as relações políticas atualmente na Argentina, pois o MAM significa eleitores para os candidatos e, ao mesmo tempo, a possibilidade de greves na zona rural. Portanto, uma boa relação com o MAM é fundamental para qualquer governo provincial. Para o MAM, a partir da modificação das estratégias já mencionadas neste trabalho, a relação com o governo lhe permite algum tipo de diálogo, alguma participação em determinadas decisões. Para ilustrar isto, um dirigente do MAM diz:

... una vez yo había charlado en una nota que se hizo en Territorio o en Primera Edición⁴⁹, de la importancia de que haya una secretaría que atienda las necesidades del pequeño productor, porque estaba Asuntos Agrarios y punto, entonces, Puerta⁵⁰ después a través de la gente de él, nos llama ofreciendo, viene gente acá mejor dicho, ofreciendo de que nosotros seamos, que ocupemos la secretaría de ferias libres (...). Aceptábamos, él ya por decreto sacaba eso, entonces yo digo, no, ni loco, él estaba por dejar la gobernación y entonces yo dije no, que nosotros no aceptábamos, que por ahí, podríamos proponer gente pero no aceptábamos, cuando ya se sabía que Rovira⁵¹ asumía, ya se sabía quien iba a ser para que cargo, nos llama directamente Rovira, que nosotros antes de diciembre, antes de empezar con todo, juraban el 10, antes de navidad, teníamos que proponer quien iba a ocupar la dirección de ferias libres, (...) para esa dirección iba a haber un presupuesto, iba a haber trabajo iba a haber otro montón de cosas, se aprobó el presupuesto, todo, hasta ahora plata no hay, nunca le giraron plata...

O INDES, além das relações já mencionadas, também se relaciona com a AFF, principalmente pelo acompanhamento que faz de algumas feiras, em especial de uma experiência que se desenvolve na localidade de San Pedro. Trata-se de uma feira, na qual só participam mulheres e a produção é totalmente orgânica. Esta organização existia anteriormente à formação das feiras livres. Alguns técnicos do

⁴⁹ “El Territorio” e “Primera Edición” são dois jornais de circulação provincial.

⁵⁰ Dr. Ramon Puerta, governador da província de Misiones entre 1995 e 1999.

⁵¹ Dr. Carlos Rovira, atual governador da província de Misiones.

INDES participam das reuniões da AFF. O INDES também financia as viagens dos representantes das feiras onde trabalha.

O INDES encontrou nas feiras uma alternativa de comercialização para propor a seus grupos de trabalho que tinham alcançado um nível de produção, mas não tinham como comercializar esse produto. Isto fica claro no seguinte depoimento:

... y el INDES venía trabajando en la zona de Paraíso desde el año 85 con una propuesta agrícola, todo lo que es tratar de lograr el autoabastecimiento familiar, sobretodo fortalecer el autoconsumo familiar, cosa que se perdió bastante y meter otras costumbres alimenticias, de no a la dependencia de insumos externos. El productor que pueda ser autosuficiente, pero que muchas veces es que con eso solamente no alcanzaba, se veía que, entonces, a partir del 93, antes que surja, el Programa Social Agropecuario u otros programas que surgieron en la Provincia, ya había inquietudes bastante fuertes, como pedido de parte de las organizaciones de productores, todo lo que significaba el problema de comercializar los productos, eso sigue siendo, sin duda, un problema hasta ahora, pero, ya se veía la necesidad ... (Técnico do INDES).

Uma outra relação importante para o INDES é a que desenvolve com a RAOM. O INDES faz parte desta organização desde a fundação da mesma e tem acompanhado uma experiência de produção orgânica em San Pedro, sendo este grupo uma referência para a RAOM. Também existem os convites entre as instituições para participar dos eventos de capacitação, que ambas organizam separadamente ou em conjunto com outras. A este respeito um entrevistado diz:

... yo creo que nuestra participación se da en múltiples formas porque, digamos, organizaciones como el PSA el MAM, el INDES la Pastoral Social todas están relacionadas de alguna forma a la RAOM. O sea la RAOM, no es la plataforma de ellos pero es la plataforma de ellos para ciertos temas de la agroecología, no, cada una tiene su vida propia pero en la RAOM, en mayor o menor grado, nos encontramos por el tema agroecológico, de hecho, muchos técnicos de las distintas organizaciones participan también en la RAOM. Entonces esas organizaciones y la RAOM fuimos construyendo juntos lo que es hoy las ferias y nadie puede decir la feria es nuestra, nuestra hijita... (Assessor da RAOM).

As relações entre o INDES e o MAM não são fortemente ressaltadas nas entrevistas realizadas, portanto se considera que as relações se estabelecem no

âmbito da UTCP do PSA, nos encontros de capacitação e nas reuniões da AFF. A relação INDES – MAM, é relatada da seguinte maneira por um assessor do MAM:

... por ejemplo con el INDES no, no hay contacto ni diálogo, salvo en la unidad provincial de apoyo, no se como se llama, pero digamos a nivel de gestión interinstitucional con el INDES nada...

Os 31 municípios nos quais funcionam as feiras participam, em menor ou maior grau, como atores da rede. Assim, existem alguns que possuem direções de sanidade de alimentos, e portanto, ocupam-se da inspeção de todos os produtos a serem vendidos nas feiras. Outros, que não possuem esta área de sanidade, podem dispor de um inspetor geral do município que faz, limitadamente, a tarefa de fiscalização ou diretamente não fiscalizam. Mas o papel que todos cumprem é o papel de legislar sobre as feiras. Não existe município sem uma lei que ordena todo o referente à instalação e funcionamento da feira livre, aspecto muito importante para a institucionalização e legitimidade da atividade.

Deve ser mencionado que os municípios que contribuem com feirantes para a feira de Posadas não somente realizam a inspeção necessária dos produtos, mas também disponibilizam algum meio de transporte para que os agricultores possam levar os produtos. Um outro caso que não pode ser deixado de lado, com respeito aos municípios, é a particularidade de que uma funcionária de um município colabore, brindando seus conhecimentos sobre o manuseio dos alimentos e também seu esforço pessoal, com todas as feiras através de capacitações que oferece aos representantes destas em cada reunião.

Os municípios se vinculam com a AFF através de uma pequena participação de algum integrante do município (na maioria dos casos o próprio prefeito) onde acontece reunião mensal da associação. Esta participação, que tem um caráter principalmente simbólico, gera reconhecimento e legitimidade para a associação.

Isto foi ressaltado em diferentes momentos do trabalho. As feiras recebem a legitimidade de parte dos municípios, elemento fundamental na hora em que há

conflitos com comerciantes locais e na ocupação dos espaços públicos. Para os municípios, as feiras acabam ajudando ao setor das políticas de seguridade social, diminuindo o número de candidatos a receber ajuda. Segundo o Prefeito de Montecarlo:

... hoy por hoy el productor agropecuario que no estuviera en las ferias francas, que no tuviera como alternativa esto, seguramente tendría una gran cantidad de probabilidades que fuera un candidato a ser atendido por la asistencia social municipal, el hecho de la presencia de la feria franca como una alternativa de sustentación económica lo aleja de esa cercanía al municipio, lo autosustenta y le permite, de algún modo, su desarrollo particular sin desprenderse del municipio como entidad, ordenadora de los proyectos políticos y sociales pero ya no como una alternativa de sustentación directa o la necesidad de solucionarle los problemas coyunturales de la vivencia diaria al productor agropecuario.

O Estado provincial criou uma secretaria para atender as questões das feiras no meio do último processo eleitoral (1999). A preocupação com o setor dos agricultores vinculados às feiras começou logo depois da mobilização realizada no momento da visita do secretário da SAGPyA. Esta mobilização foi uns dos acontecimentos que permitiu o reconhecimento, por parte do Estado provincial, das feiras como um interlocutor dos agricultores. Os agricultores foram recebidos pelo Secretário, e nesse encontro se resolveu a entrega do subsídio de seiscentos mil pesos por intermédio do FET. Da relação entre o governo provincial e a AFF, as feiras cresceram na sua legitimação e reconhecimento, enquanto que o governo pode mostrar que está fazendo alguma coisa para os pequenos agricultores familiares de sua província. Sobre esta relação, distintos fragmentos das entrevistas mostram:

... el gobierno crea una, una dirección, nosotros la impulsamos, pedimos que el gobierno cree una dirección, porque entendíamos que tener una dirección, era institucionalizar las ferias porque uno sabe que siempre están a merced de algún golpe legal, y si hay una dirección, bueno, ya el gobierno de hecho está reconociendo, es decir, públicamente... (Assessor do MAM).

... y lo que se impone como se están imponiendo, las políticas del gobierno, como aquí estamos resolviendo la crisis de Misiones, fíjense las ferias, que lindo, no, y va ésta funcionaria del gobierno y explica. Estuvo en Córdoba el otro día, y aprendan de nosotros de la nueva ruralidad. Están ganado ellos, pero yo no digo que hay que dejar de trabajar en las ferias... (Assessor da RAOM).

Outras inter-relações importantes a serem mencionadas, mesmo que a maioria seja de caráter local, e portanto, não sejam consideradas neste trabalho para a análise da rede de poder, são estabelecidas entre alguns funcionários e técnicos do INTA, do “Ministerio del Agro y la Producción” e de outras organizações civis, como o caso de Cáritas de Posadas e a Pastoral Social. Como exemplo disso, entre outras, está a feira de Andresito, que é acompanhada por um técnico do ministério com um forte compromisso pessoal, e a feira de San Vicente, na qual trabalham dois técnicos do programa Minifúndios, e da própria agência de extensão rural do INTA. No caso do técnico de Cáritas, ele tem um forte compromisso com as feiras em geral, participa das discussões que afetam a todas as feiras, além da feira de Posadas na qual trabalha. Neste sentido, a Pastoral Social acompanha o trabalho de uma feira no interior (El Sobervio) . Estes atores, neste caso individuais, participam das atividades que são organizadas pelas instituições acima mencionadas, principalmente nas atividades de capacitação.

Com o passar do tempo, alguns programas e fontes de financiamento praticamente desapareceram. Os programas “Minifúndios” e “Cambio Rural”, são exemplos disso, ou seja, hoje existem nas formalidades, mas operativamente estão desativados. Então os técnicos já não pertencem a tais programas, e hoje se especializaram em elaborar projetos para financiar suas atividades e isso aumenta as relações entre eles.

Até aqui foram descritas as distintas inter-relações estabelecidas entre os atores com as suas reciprocidades, elementos fundamentais para o entendimento da rede de poder que eles formam.

4. 1. 2 A questão do poder dentro da rede

A interação estratégica, ou a interdependência, que existe entre os atores da rede de poder é assimétrica, pois nem todos os atores possuem a mesma quantidade nem qualidade de recursos. A intensidade desta assimetria define a distribuição do poder dentro da rede. Esta assimetria pode ser compreendida a partir das

características dos atores e das conexões da rede (Paulillo, 2000). O poder dentro da rede é sempre produto de uma relação, ou seja, o poder de um ator é relativo ao poder dos outros atores. Essa relação de poder não é fixa nem estática, pelo contrário, é fortemente dinâmica e varia com o passar do tempo. A variação é produto dos estoques de recursos que cada ator possui, que se modificam permanentemente e dos que consegue acumular nas suas ações. Assim, como se mostra na relação entre o PSA e a AFF, existem outras modificações do poder dentro da rede, que foram acontecendo e que seguramente acontecerão no futuro.

O que pode ser percebido, de maneira geral, é que os programas públicos dependentes exclusivamente de recursos orçamentários do Estado (PSA e programas dependentes do INTA), transitaram por um caminho que os levou de uma posição inicial de alto poder a uma posição de menor poder em relação aos outros membros da rede. Esta situação é produto da falta de recursos para financiar projetos, organizar eventos e contratar técnicos. Esta percepção geral não pode ser tomada como linear e rígida, já que, por exemplo, no caso do PSA, existe um estoque de recursos (vinculados principalmente ao prestígio) que foram acumulados nos seus primeiros anos de funcionamento. Isto se percebe pelo fato do reconhecimento que o programa possui frente aos outros atores. É interessante ressaltar que nas entrevistas realizadas com os agricultores, na hora de mencionar colaboradores da sua feira, eles mencionam em primeiro lugar a organização local (em Oberá, o MAM e um técnico do INTA e em San Vicente, o INTA), que faz um trabalho permanente com eles, depois o município e quase sempre em terceiro lugar o PSA. Os seguintes são fragmentos de distintas entrevistas realizadas aos agricultores:

La municipalidad que ayuda en el tema de bromatología (Nelson, agricultor de Oberá).

Y bueno, la municipalidad tiene lo de bromatología, que nos controlan, revisan y van a la chacra, viste, a ver e incluso si hay un, un animal que se te enfermó o algo, y el PSA que da los créditos... (Isabel, agricultora de Oberá).

El que más apoya la feria y más trabaja es el presidente de la feria, Kasalaba, el tiene el mas, el trabajo mas pesado creo que de todos, la municipalidad (Hilda, agricultora de Oberá).

Tenemos que agradecerles a los que trabajan en el MAM (Carlota, agricultora de Oberá).

Bueno, los ingenieros, (se refiere a los técnicos de INTA local) los que dan las capacitaciones y el PSA (Holanda, agricultora de San Vicente).

Los ingenieros que nos apoyan y el municipio mucho más, él nos ayudó un montón, el intendente mismo, el intendente nos ayudó en muchas cosas, el PSA también... (Elsia, agricultora de San Vicente).

Están los técnicos, acá son los que nos ayudan, dan una idea hacer un pedido de algo, para eso están y para preparar las reuniones para nosotros, el intendente, que siempre está para colaborar con nosotros, el municipio, nos ayuda en el carné (Teresa, agricultora de San Vicente).

Los técnicos nos dan un apoyo, son del INTA, del Programa Social Agropecuario, ellos trabajan todos en conjunto no, ellos vienen, (...) trabaja con el tema de Minifundios, o algo así, Programa Social Agropecuario y eso no más, si, cuatro técnicos trabajan (Maria, agricultora de San Vicente).

No caso do MAM se percebe uma situação inversa. No início das atividades das feiras, a atuação do MAM se mantinha localizada principalmente na feira de Oberá, com pouca influência sobre as outras, mas com o passar do tempo, o MAM foi acumulando recursos de poder, principalmente a partir criação da AFF, a qual é conduzida (desde sua fundação) pelo Presidente da associação de feirantes de Oberá e Secretário Geral do MAM. Uma outra fonte de recursos de poder do MAM é sua relação com o governo provincial, a qual permitiu a criação da “Dirección General de Pequeños Agricultores, Huertas e Ferias Francas”, o que outorgou reconhecimento e legalidade às feiras. Por último, uma outra fonte de recursos deste ator vem da capacidade de propor alternativas para os agricultores e conseguir os recursos para viabilizá-las, como é o caso da construção de uma central de beneficiamento de produtos para vender na feira, que está sendo construída com recursos do “Ministerio del Desarrollo Social” da Nação em parceria com uma fonte de financiamento internacional.

Em relação à RAOM, seus recursos começam a aumentar na medida que mais se consolida a necessidade de produzir organicamente. Assim, a RAOM consegue se posicionar como a detentora de um saber que todos precisam, e que diferenciará a produção das feiras. Isto é fundamental para consolidar o lugar que as feiras ocupam na população, que dá muita importância à questão da qualidade dos alimentos.

Os municípios possuem o poder legal, são os que autorizam o funcionamento de uma feira, determinam o lugar e os momentos de funcionamento e possuem também o poder de fiscalização dos produtos que são vendidos nas feiras. Este poder também sofreu uma diminuição relativa dentro da rede. Na medida que se consolidou a AFF e que mais feiras iam sendo criadas e mais instituições participavam, o poder do município foi se diluindo. Como exemplo serve o caso da primeira feira: no momento da criação, era o município que regulamentava tudo, desde a disposição das bancas, o horário de funcionamento, até os preços dos produtos comercializados. Na atualidade, mesmo que o município continue fazendo os controles sanitários dos produtos comercializados, não existem mais os controles sobre a disposição das bancas, não existe uma fiscalização sobre o horário de atendimento. Isto é colocado por diversos entrevistados, como exemplo, aqui foram selecionados fragmentos de duas entrevistas:

... teníamos un ingeniero (do município) que era re bueno, y tenía la gente toda cortita porque venían con pies sucios, con hojota o todos despatarrados, entonces decían vengan prolijos, vengan limpios, venía recorría a la mañanita a todos, mantel limpio, alpargata que sea pero limpita, no me vengan de hojota, pero (...) no podíamos vender antes de las 6, a las 7 y media 8 había un silbido acá, había como un referí, un silbido y ahí empezaban a vender y la pobre gente que se iban a trabajar querían comparar unas cositas y no podían, si, no teníamos derecho de vender, no era, no se podía, era un estricto, así estábamos y la gente se iba enojada, querían naranjas y no podían llevar, teníamos que, medio escondidito así pasarle y venderle, porque el colectivo perdían, pero bueno, pero después ya, después ya dejaron, dijeron que no, que después empezamos los feriantes a quejarse, (...) después ya no, a la hora que veníamos ya podíamos vender así como ahora venimos nos instalamos, si la gente quiere compara ya vendemos porque era, muy, muy estricto... (Agricultora de Oberá).

... el productor no se presentó como nosotros hubiésemos querido o deseado, porque tampoco no fue instruido como el se presentaría, las mesas que previó la municipalidad, era un sistema de caballete con una mesa arriba, desarmable (...). La mesa la proveía la municipalidad a través de un departamento interno de obras públicas, y las distribuía el

camión municipal todas las mañanas antes del inicio de la feria y se instalaba. La mesa no tenía mantel, nada (...). La ubicación de los feriantes en la feria era, como una especie de ubicación del puesto en un lugar fijo, se alineaban los puestos de tal manera de guardar cierta regularidad, geometría y distribución, que haga a la vista un mínimo decoro, un mínimo de orden, se alineaban, o sea cada puesto de otro estarían a un metro, un metro y medio de diferencia hasta que cuando avanzó la feria, los puestos estaban mucho mas cerca, no había una regularidad de poner los puestos por productos porque a veces el productor traía verdura y hortalizas y a veces traía otros tipos de producto como envasados y otros carnes (Técnico do município de Oberá, que trabalhou no início da feira).

A AFF é o ator que acumulou mais poder desde sua criação, assim, sua própria criação já gerou algumas resistências. Mesmo que os depoimentos levantados não o mostrem claramente, sabe-se que o processo de criação da AFF foi demorado pela oposição de alguns atores, com a finalidade de evitar uma maior independência dos agricultores. A AFF passou a ser a única entidade representativa das feiras livres. Dessa forma, quando as feiras são convidadas a participar em eventos, exposições e palestras, é a AFF que assiste. Um representante da AFF participou dando uma palestra nas VII Jornadas da “Asociación Argentina de Extensión Rural” realizadas na Universidade Nacional de Misiones em 1998 (anexo 9). Uma outra fonte de poder para a AFF é a tradicional festa provincial das feiras livres, realizada todos os anos em um município dos que possuem feiras, e organizada pela associação local, juntamente com a AFF. Nestas festas as feiras mostram seus produtos à comunidade, sua capacidade de organização e assim renovam o reconhecimento da população. Finalmente a AFF possui a representação das feiras frente aos órgãos da imprensa provincial em quanto que os outros atores se mostram como participantes, apoiadores ou colaboradores das feiras.

Em relação ao poder exercido pelo INDES dentro da rede se pode perceber que seu acúmulo de poder se mantém mais ou menos estável, assim seu prestígio está consolidado pela experiência acumulada nos diferentes trabalhos desenvolvidos na região, juntamente com o grupo de agricultores de San Pedro, que é muito reconhecido como experiência de produção orgânica, totalmente desenvolvida por mulheres. Uma última fonte de poder é sua relação próxima com o PSA,

principalmente pela vinculação dos distintos coordenadores do programa com a ONG.⁵²

O poder do governo provincial está constituído, fundamentalmente, por sua hegemonia jurídica e lhe permite legislar em torno do funcionamento das feiras. Este poder é totalmente diferente a respeito do poder dos outros atores. O poder do governo existe mesmo que ele não se envolva diretamente com as feiras, ou seja, o governo não precisa participar das atividades e discussões para exhibir e utilizar seu poder, enquanto que os outros atores precisam construir o poder dentro e fora da rede.

O grande objetivo agora, dentro da rede, é usar o poder do governo para fortalecer as feiras e com isso fortalecer a rede, sem que isso exija uma subordinação ao governo. Hoje existe uma situação particular, onde a presença do governo dentro da rede se faz através da “Dirección General de Pequeños Agricultores, Huertas y Ferias Francas”, atualmente ocupada por uma pessoa escolhida no seio da rede; portanto, existe uma forte possibilidade de utilizar esse poder para fortalecê-la. Um exemplo disso é a possibilidade de criar uma lei provincial que dê uma proteção jurídica às feiras livres. Assim, no mês de maio, começou uma série de reuniões entre alguns membros da comissão diretiva da AFF, o representante do governo e alguns técnicos com maior compromisso. A primeira destas reuniões foi realizada no período da pesquisa de campo deste trabalho e participaram: o Presidente da AFF, um técnico de Posadas, um técnico do PSA e uma técnica do Município de Oberá.

Avançando sobre a questão do poder dentro da rede, parece não existir uma assimetria suficientemente forte que permita identificar algum ator que possua a hegemonia do poder dentro da rede. O que é possível ressaltar é o diferente grau de poder entre os atores e sua variação com o passar do tempo. A estrutura de poder aqui encontrada, mostra que a rede está governada através de um processo de auto-organização. O modelo de auto-organização só é possível quando a governança⁵³ é exercida por um ator que possui uma monopolização dos recursos ou quando existe

⁵² O atual coordenador do PSA é oriundo de San Pedro, e já tem trabalhado junto ao INDES em alguns projetos.

⁵³ Mesmo não desconhecendo a noção de governança nas ciências políticas e sociais, aqui simplesmente o termo faz referência ao funcionamento e governação da rede de poder.

um acordo (implícito ou explícito) entre as associações de interesses (Paulillo, 2000). Neste caso a governança é caracterizada, não pela hegemonia total de um dos atores sobre os recursos, e sim por um acordo entre os atores públicos e privados que a compõem. Mesmo que tenham existido tentativas de apropriação da experiência (e portanto dominação da rede) por algum ator, hoje existe uma distribuição dos recursos, que faz com que todos tenham um determinado reconhecimento e poder, e não seja fácil a exclusão de qualquer ator. O poder dentro da rede é fundamental para os distintos atores. Eles já não disputam os agricultores para serem os “clientes” de seus serviços,⁵⁴ pois o poder dentro da rede serve como forma de não dependência e não subordinação de uns sob outros, o poder serve para não ser dominado e excluído da rede.

A interação estratégica entre os atores da rede não somente é de utilidade para discutir a questão do poder como foi feito acima, mas também a interação estratégica, neste caso sua agregação, ajuda a definir o tipo de rede de poder que é construída. Segundo a tipologia de Marsh e Rhodes (1992) (*apud* Paulillo 2000), existem dois tipos ideais de redes de poder: a Comunidade Política e a Rede Difusa⁵⁵. Analisando as distintas dimensões se tentará determinar a qual tipo ideal se aproxima a rede de poder que caracteriza as feiras livres de Misiones.

A rede de poder aqui estudada, com relação às características dos seus membros, não possui um amplo número de participantes mas eles possuem interesses variados. A variedade de interesses que apresenta a rede de poder formada em torno das feiras livres é destacada nos distintos depoimentos coletados. Os entrevistados, em geral, não somente falam dos interesses dos outros atores, mas também reconhecem que a participação nas feiras lhes retribui com benefícios de alguma maneira, mostrando que todos os atores que formam a rede estão conscientes de que cada um deles procura satisfazer seus interesses, ou em último caso, receber algum tipo de retribuição.

⁵⁴ O termo “clientes” dos serviços é utilizado para fazer referência aos agricultores que são beneficiários dos distintos programas de extensão e das ONGs, sem querer fazer nenhuma relação com as políticas clientelísticas típicas das administrações políticas nas regiões pobres (e não tão pobres) da Argentina. Existem experiências, onde os mesmos agricultores são beneficiários de mais de um programa ou projeto, desenvolvendo-se entre as distintas organizações, uma disputa pela propriedade sobre os beneficiários.

O governo provincial aparece mencionado na maioria das entrevistas como alguém que participa e apóia somente por interesses próprios. Entre os interesses que os demais atores atribuem ao governo, destacam-se: uma nova forma de assistencialismo; uma atribuição como mérito próprio, para fazer publicidade de suas obras de governo; uma nova ferramenta para a captação de votos; salão de mostras de figuras políticas; uma forma de atenuar a grave crise que atravessam os agricultores de Misiones. Ao mesmo tempo, o representante do governo entrevistado mencionou as feiras como uma importante fonte de empregos, e com isso, de ingressos para os agricultores familiares. Também destacou a importância da capacitação que essas pessoas estão recebendo através dos diferentes programas, e por último, ressaltou a importância da reciclagem de dinheiro na região. Em relação a o que os outros atores falam sobre os interesses do governo se destacam os seguintes depoimentos:

... se están imponiendo las políticas del gobierno, como aquí estamos resolviendo la crisis de Misiones, fíjense las ferias, que lindo, no y van esta funcionaria del gobierno va y explica, estuvo en Córdoba el otro día y aprendan de nosotros de la nueva ruralidad. (Assessor da RAOM).

Para el gobierno, si es un hecho exitoso en la producción, me parece que para el gobierno además de, de significar una buena herramienta proselitista, por ahí me da la sensación que puede ser una nueva vía para un nuevo tipo de asistencialismo... (Assessor do MAM).

A possibilidade de apropriação da experiência é, sem dúvida, o principal interesse que os diferentes atores possuem com relação às feiras, aliás, a paternidade da experiência é o objetivo de disputa principal dentro da rede de poder. Mesmo que nenhum entrevistado reconheça estar procurando se posicionar como dono, referente ou criador da experiência, a maioria deles reconhece essa pretensão nos outros. Os seguintes fragmentos de entrevistas mostram claramente o reconhecimento dessa pretensão nos outros atores:

⁵⁵ Para mais detalhes sobre esta classificação, ver o quadro 1 no capítulo 2, item 2.1.

... yo no sé quien dijo que la victoria tiene 100 padres y la derrota es huérfana, yo creo que la feria ha sido una cosa exitosa y hoy en día, bueno, mucha gente la va a reivindicar como tal (...) hubo un momento así, que fundamentalmente, yo creo que tanto desde la municipalidad, yo creo que en un cierto momento del desarrollo también después del PSA, bueno, busquemos de ver como nosotros nos quedamos con la, con esto, es decir, cuando se crea por ejemplo la, la asociación de ferias de Misiones, se estuvo haciendo reunión durante seis meses, dando vueltas y vueltas porque en realidad no se quería que se cree (...). Acá la municipalidad, tenía, es decir, bueno, es decir, eso lo hice yo, bueno, eso es nuestro, nosotros lo tenemos que manejar y bueno intervenía continuamente, al principio... (Assessor do MAM).

... muchas o algunas instituciones de las que están ayudando se creen padre de la criatura, es una cosa que hasta ahora no se discute, así quien empezó sino que cada uno se adjudica para si el logro de la feria... (Integrante da AFF).

Os entrevistados que não chegam a mencionar esse interesse (presentes nos outros) de ser o dono da experiência colocam que os atores buscam a possibilidade de ser parte de um fato que teve (e que tem) sucesso, ou buscam utilizá-lo como um resultado que pode ser mostrado como fruto do trabalho deles, e assim justificar demandas orçamentárias ou recursos de diferentes órgãos financiadores, sejam nacionais ou internacionais.

Portanto, o que está em jogo entre os atores da rede é, igual que em outras redes de poder, a possibilidade de dominá-la e, desta forma, posicionar-se como referente dentro dela, e assim captar a maior parte do recurso produzido dentro da rede. Nas diferentes redes de poder são produzidos distintos tipos de recursos. No caso da rede apresentada por Paulillo (2000), o principal recurso produzido é o valor agregado gerado no complexo agroindustrial da laranja. No caso da rede de poder aqui estudada, o recurso produzido não é diretamente econômico, e sim, os atores capitalizam a possibilidade de se converter na referência de uma experiência bem sucedida de produção, comercialização e organização no meio rural, enfim, de uma experiência bem sucedida de desenvolvimento rural.

Em relação aos diferentes interesses, os atores dizem:

... hay otros que (...) se pueden interesar por fondos, yo creo que hay sectores que están utilizando esta experiencia. Aparece como un tema cautivante, que lo propagandizan hacia

fuera, a tal punto que a nosotros nos llama la atención que tantos estudiantes universitarios vengan a buscarla así como lo emblemático... (Assessor da RAOM).

... yo creo que también había un interés, bueno del PSA de mostrar eso, porque es una de las pocas cosas, yo creo que, puede mostrar el PSA. Yo creo que ha pasado también con alguna gente del INTA, no todos, no todos (...) acá hay ONGs, que quieren tener esas organizaciones, además eso le permite obtener recursos afuera, bueno, también para sobrevivir, para continuar su trabajo, lo que pasa que hay muchos de ellos, tenemos que reconocer, es decir, son gente honesta... (Assessor da RAOM).

... hay instituciones, que por cuestiones de, de ver que funcionó, que antes criticaba el esquema, por ejemplo, vieron que funcionó y que fueron surgiendo demandas, en los grupos que venían asesorando y se metieron al tema... (Assessor do MAM).

... hoy es un movimiento social dentro de la provincia, y para muchas instituciones estar al lado de las ferias francas es sinónimo de estar al lado de un proyecto exitoso, acompañar un proyecto exitoso (...), está el gobierno que las está usando, como para una ONG como el INDES, o como para el mismo MAM que le devolvió toda la bandería política, o sea la feria franca le vuelven a dar oxígeno al MAM, digamos no (Assessor do PSA).

... el rédito organizativo nos sirvió para nosotros, o para el PSA o para el INTA, hoy todo el mundo puede hablar de la feria, y hoy mucha gente se adjudica ... Y el PSA como logro principal de su trabajo en la provincia es, se multiplicó en toda la Argentina la experiencia misionera del PSA, muchas veces me tocó, ya como 10 veces, ir afuera de la provincia para hablar sobre las ferias y hablar como modelos del PSA (...) y el INTA también a nivel nacional, en la última exposición que se hizo en Castelar, fuimos invitados la Asociación de Ferias Francas para ir a exponer desde producción hasta el trabajo del INTA sin costo de stand, hasta nos pagaban el pasaje si queríamos ir, también para decir el INTA nos está ayudando... (Depoimento de um dirigente da AFF).

Mesmo que nenhum dos atores coloque que sua participação nas feiras está motivada por algum interesse particular, muitos deles reconhecem que as feiras tiveram efeitos e significados fortes para suas organizações. Estes efeitos reconhecidos pelos próprios atores muitas vezes coincidem com os interesses que os outros atores lhes atribuem. Assim, o PSA reconhece que o êxito que tiveram as feiras livres deu legitimidade ao Programa como uma proposta séria, capaz de resolver os problemas da agricultura familiar. Isto fica evidente nas palavras de dois técnicos do PSA:

Para mi institución tuvo un efecto muy importante, desde el punto de vista que se empezó a visualizar al programa, como un programa que tiene realmente propuestas técnicas para ir resolviendo los problemas del pequeño productor. Se fue consolidando la visión del programa, como que resuelve problemas para el pequeño productor, encima, como nosotros venimos trabajando toda la propuesta del desarrollo local, vino como a consolidar esa propuesta, a reconfirmar, como que confirmar toda su línea de trabajo, le dio legitimidad.

El efecto acá fue grandísimo, en el ámbito nacional el programa es reconocido por el tema de las ferias, por los logros sostenidos en el proceso de las ferias, o sea que hoy, el fenómeno de las ferias es una referencia nacional. Sé que no existe en otra parte del país otra cosa tan desarrollada como ésta, y en muchos lugares se toma como referencia al PSA, así concretamente. Le significa un éxito, le significa, fortalece su credibilidad, fortalece sus posibilidades de negociación...

Com relação à integração dos membros da rede, estes possuem contatos com certa frequência (se faz uma reunião mensal da AFF, onde muitas vezes participam representantes dos atores da rede) mas nem sempre todos estão presentes e nem sempre são gerados os espaços para as organizações discutirem. Os contatos são muito mais informais, realizados por alguns atores individuais membros das instituições por meio do telefone e quando deve ser resolvida alguma situação particular. Onde ocorrem encontros mais sistemáticos é na UTCP, mas ali as discussões não somente se referem às feiras, se referem também ao “Programa social Agropecuario” (PSA) como um todo, com todas as suas áreas de influência.

A continuidade na integração dos membros não pode ser avaliada totalmente separada da frequência. Assim, não pode se dizer que a integração é totalmente contínua, e sim que a continuidade depende das reuniões da AFF, da UTCP e das diferentes instâncias de capacitação que se desenvolvam. Mas a continuidade está afetada positivamente pela razão de que os atores (não necessariamente todos) se encontram semanalmente na feira de Posadas.

O consenso entre os membros da rede é mais próximo ao consenso proposto para o tipo de Rede Difusa, mesmo que existam acordos mínimos, há uma convivência com os conflitos, que se expressam com diferente intensidade entre os

atores da rede, e ao mesmo tempo, apresentam-se (com um caráter mais local) também no seio das distintas feiras.

Os entrevistados apontaram conflitos de distinto grau de importância, intensidade e tempo de existência dentro da rede. Eles mostraram níveis diferentes de preocupação pelos conflitos, mas, em geral, percebe-se que atualmente a intensidade dos conflitos não é um problema para a dinâmica de funcionamento da rede. A baixa intensidade atual dos conflitos é produto da distribuição do poder existente dentro da rede. Assim, alguns atores cujas posições, formas de trabalho e visões sobre a realidade, poderiam ser fonte de conflitos, hoje perderam presença dentro da rede. Esta situação é apontada para o caso de alguns técnicos do Programa “Cambio Rural” do INTA, que hoje está quase totalmente desativado e seus técnicos perderam poder dentro da rede. Isto é salientado por um técnico do PSA nas seguintes palavras:

Teníamos problemas diferentes con el tema de Cambio Rural, que tenía que atender un nivel de productores, medianos productores, y el esquema de ellos era mas el esquema de buscar la rentabilidad, buscar trabajar mas la eficiencia, entonces, ahí teníamos problemas de convivencia con los técnicos. La visión, en el sentido de que nosotros entendíamos, que pasa mucho por trabajar la organización, por buscar una solidaridad dentro del grupo, en acompañarse, apoyarse, entre los productores y no, los criterios así mas empresariales, están muy, están mas distantes de los que estos grupos pueden desarrollar, y ahí estaban las diferencias de criterios, pero a su vez convivíamos, a pesar de eso convivíamos. Como te decía hoy, con el tiempo Cambio Rural se fue quedando sin financiamiento y esos técnicos dejaron de participar de esas reuniones y entonces dejamos de tener esa, como que se fue decantando solo.

Outros conflitos que coexistem no seio da rede (que têm a ver com o poder e a dominação da rede) e que envolvem distintos atores, são os relacionados com a luta pela paternidade das feiras, mesmo que todos remarquem o fato de que as feiras não são produto, nem propriedade, de algum ator em particular, eles demonstram essa disputa em distintos momentos e episódios. Dois entrevistados mencionaram um episódio no qual o conflito mostrou um alto nível de evidência. O episódio mencionado é a tentativa, por parte de um dos atores da rede, de influenciar na eleição das autoridades da AFF, o qual modificaria sensivelmente a distribuição do poder dentro da rede. Estes depoimentos mostram os conflitos relacionados à dominação:

... entre las instituciones que están involucrada y bueno, quien se adueña del proyecto, eso es de la paternidad del proyecto es un conflicto... (Assessor do MAM).

... el otro conflicto que se genera es por, por un espacio de poder, o sea, creo que, entre las instituciones e inclusive entre los mismos productores, entre las mismas organizaciones... (Assessor do PSA).

Um outro conflito que aparece mencionado está relacionado com a produção, quer dizer, uma disputa entre agricultura ecológica *versus* agricultura convencional, conflito este que teve distinto grau de intensidade, mas neste momento chegaram a concordar em que a produção teria tendência orgânica, já que a transição será gradual na medida que aumente a capacitação dos técnicos e dos agricultores. O conflito agricultura ecológica *versus* agricultura convencional é mencionado em várias entrevistas, como exemplo se apresentam os seguintes fragmentos de duas entrevistas:

... conflicto muy rico y muy interesante es el tema de la agroecología vs convencional, que tiene mucha pimienta adentro... (Assessor da RAOM).

... el tema de la propuesta orgánica, en un momento había técnicos que empujaban una propuesta que no era la propuesta orgánica, y eso también traía mucho conflicto, o sea los mismos técnicos, no nos entendíamos, porque ellos empujaban otro tipo de agricultura, nosotros empujábamos otro tipo, y eso repercutía en el conflicto con los productores... (Assessor do PSA).

Reconhece-se uma importante quantidade de conflitos que não superam o nível local e principalmente entre os próprios agricultores. A administração dos fundos rotativos, o desgaste dos dirigentes, a venda de produtos comprados no Brasil, quando só é permitida a venda de produção própria, as exigências relacionadas à qualidade dos alimentos, em relação às possibilidades que os agricultores têm para alcançá-la e o respeito pelas normas de funcionamento internas são os conflitos mais apontados. Os últimos dois conflitos que foram apontados e que superam as questões

domésticas da convivência entre os agricultores nas feiras, são os conflitos étnicos e de gênero. Não foram muitos os atores entrevistados que falaram destes conflitos, mas eles estão presentes e possivelmente não todos os mediadores técnicos e lideranças os percebiam. Estes fragmentos das entrevistas são exemplo de como aparecem as questões de gênero e etnia entre esses poucos entrevistados que os reconheceram:

... en su momento la cuestión de género fue un conflicto, fue una iniciativa de las mujeres, después coparon los hombres, después volvieron las mujeres, hay una tensión entre hombres y mujeres tradicional, pero bien puesta de manifiesto ahí... (Assessor do MAM).

... este grupo tiene, tiene la particularidad donde son pequeños productores pero hay gringos, alemanes, suizos, hay paraguayos, es un grupo de 22 productores, y cada uno de esos pequeños productores tienen una forma de ver la vida, y una cosmovisión distinta, entonces, lo que yo he visto, al acompañar a este grupo, son unos conflictos así de formas de ver la vida, un criollo ve la vida y tiene una expectativa de vida distinta a un gringo, no, entonces los conflictos fueron muchos, muchos por el tema de la comunicación, digamos, como los términos para un gringo son distinto para el criollo... (Assessor do PSA).

Os distintos atores, mais ou menos limitadamente, possuem recursos de poder. Sua distribuição é variada, não existe uma concentração tal que permita encontrar atores com capacidade de excluir a outros membros da rede. Em relação ao poder (relação de recursos entre os membros), mesmo que este seja produto de uma relação dinâmica, onde alguns atores o possuam mais do que possuíam no início da experiência, e outros menos, não existe atualmente nenhum ator ou grupo de atores capaz de dominar a rede. Assim, o processo de governança é um processo de auto-organização caracterizado pela articulação entre os atores. O poder que perde um ator é recuperado por outro, mantendo-se assim a soma zero.

Em resumo, a rede de poder que caracteriza as feiras livres de Misiones corresponde a um tipo intermediário entre os dois tipos ideais, mas, mesmo que não seja possível afirmar que seja do tipo “Rede Difusa”, ela tem características que a aproximam muito mais a este tipo ideal que ao tipo “Comunidade Política”.

Esta análise não é mais que um recorte de reduzidas dimensões com respeito à articulação de atores sociais em torno das feiras livres. A rede possui inúmeras dimensões e ramificações que se expressam nos diferentes locais onde existe uma associação de agricultores com sua feira, formando-se nesses espaços particulares, diferentes interações entre atores que participam de todo o processo a nível provincial, com outros atores individuais e coletivos que possuem uma atuação local. Ao mesmo tempo também, nas diferentes localidades, as associações dos agricultores das feiras produzem distintas parcerias e convênios com outras associações, com o próprio município, entidades ligadas às igrejas, clubes, procurando diversos fins.

Circulando por dentro da rede de poder, entrecruzam-se diferentes visões de mundo rural, diferentes percepções ideológicas e políticas, distintas idéias sobre desenvolvimento, enfim, distintos ideais de sociedade de acordo com a própria diversidade de atores coletivos e individuais envolvidos.

4. 2 Meio rural e desenvolvimento: a construção da cidadania

Até aqui, somente foi apresentada a rede de poder formada pelos atores coletivos, cuja atuação e comprometimento supera seu local e envolve toda a experiência. Resta agora tentar mostrar as idéias e ideais sobre o meio rural que guiam a ação destes atores dentro da rede e, com isso, as propostas de desenvolvimento que esta experiência pode mostrar. Para esta tarefa, são focalizados os atores individuais, os membros de instituições e organizações (atores coletivos) e os que, sem fazer parte de nenhum ator coletivo, têm um conhecimento sobre todo o fenômeno social. Focalizam-se também os agricultores envolvidos com as feiras e os consumidores.

As dimensões deste estudo não permitem trabalhar com todas as feiras existentes na província e seus atores individuais, portanto, a análise se restringe a três feiras selecionadas. Assim, as conclusões terão um valor relativo, não sendo conveniente uma extrapolação ao conjunto do fenômeno. Mesmo que os atores selecionados tenham conhecimento e comprometimento com todo o fenômeno, as

conclusões somente poderão dar indícios, sugestões, mas nunca poderão representar toda a complexa realidade em relação às feiras livres de Misiones.

Na tentativa de organizar as visões sobre o meio rural que podem ser encontradas na rede, coloca-se uma caracterização do eixo analítico. Esta caracterização obedece ao item 2.2 do trabalho. Neste ponto, com mais ou menos profundidade, tentou-se colocar alguns elementos que compõem a idéia de desenvolvimento rural pensado como um processo multimencional. Esta idéia se diferencia fundamentalmente daquela que relaciona linearmente o desenvolvimento rural com o desenvolvimento agrícola, vigente hegemonicamente até esta última década e que, ainda hoje, está presente entre muitos intelectuais, forças políticas e sindicais (de distintas tendências), órgãos de governo, instituições acadêmicas e em vastos segmentos da sociedade.

Mesmo que as visões de desenvolvimento e do meio rural que circulam dentro da rede sejam mais ou menos díspares (em concordância com a heterogeneidade de atores que a compõem), pode-se dizer que existe, com mais ou menos clareza, com mais ou menos argumentos, com mais ou menos profundidade, um certo consenso sobre o meio rural. Esta noção se aproxima à noção de desenvolvimento rural como um processo multidimensional, que supera a idéia de rural como sinônimo de agrícola. Isto não quer dizer que não existam depoimentos que claramente representem a idéia de rural como sinônimo de agrícola, pelo contrário, alguns atores nos seus depoimentos colocam que os que vendem nas feiras deixaram de ser agricultores.

O fato de que as feiras livres tenham conseguido (e ao mesmo tempo tenham sido possíveis) constituir um espaço de atuação consensual entre diferentes atores, que até então concorriam entre eles e com outras instituições para representar os mesmos agricultores, é uma mostra de que alguma coisa diferente está sendo construída.

Primeiramente, percebe-se que entre os atores da rede existe, com diferente grau de clareza, e mesmo que não seja em todos eles, a consciência de que o contexto econômico, político e social, tanto a nível nacional como a nível mundial, mudou consideravelmente nos últimos anos. Assim, eles reconhecem a questão da crise nos

preços dos produtos tradicionais (erva mate e chá preto, principalmente) como profunda, estrutural e sem retrocesso. Desta maneira é mostrado pelos seguintes fragmentos das entrevistas:

... la yerba se derrumbaba, el té es una actividad que está en manos, fundamentalmente de LIPTON, de una sola firma internacional, que además es parte del grupo Unilever, quiere decir que es uno de los grupos mas grandes del mundo en todo lo que es lo agroalimentario. El tabaco ya se sabe, las multinacionales. En la parte del papel, todo lo que es acá la parte de la forestación están metidas las mas grandes empresas de Argentina, las mas grades empresas internacionales, es decir nosotros acá para el pequeño productor estaba totalmente cerrado... (Assessor do MAM).

... para mi, la agricultura familiar pasa por el desarrollo de un sistema productivo, que salga de los cultivos tradicionales de la Provincia, o sea yo creo que, hoy por hoy, nuestros cultivos tradicionales que son cultivos industriales la yerba, el té, el tabaco, en tung, están en crisis, y van a seguir en la crisis que están, la crisis en el mundo se va a profundizar en estos aspectos... (Assessor do PSA).

Os atores, principalmente um deles, reconhece que as feiras são um projeto diferente, já que normalmente não existem projetos que considerem aos agricultores familiares como sujeitos ativos e importantes para a sociedade, pois, em geral, se considera que eles desaparecerão tarde ou cedo. O seguinte depoimento mostra essa idéia:

... yo creo que la vieja idea que se tiene en general, que se van a terminar los campesinos, y no importa demasiado como, esto es una forma de aliviar su situación pero nada mas. No es que haya todavía aquí (en el país) un proyecto, de ninguna institución que diga, vamos, ya que han cambiado la situación a nivel mundial, vamos a tratar de resolver el problema de los campesinos. Yo no creo que haya eso y tampoco, en un país que tiene tanta tierra como el nuestro, un proyecto que diga como resolvemos la situación de millones de familias que hoy viven en la villa miseria. Es decir, que nunca van a tener un puesto de trabajo, porque se sabe que esa es una población que no tiene chance, es decir, esos ya están excluidos y tal cual va la cosa para siempre, todo el mundo piensa, como la hacemos mas liviana o como impedimos que molesten y esto es una de las cosas que le sirve en este momento al poder para decir, bueno, estos por lo menos no molestan... (Assessor do MAM).

Uma outra idéia amplamente presente entre os atores da rede é o fato de que o meio rural deve se relacionar com outros atores do meio urbano, principalmente os

consumidores. É necessário, para ambos atores (agricultores e consumidores), respeitarem-se, considerarem-se aliados. Isto é salientado neste fragmento da entrevista a um assessor da RAOM:

Yo creo que, el punto, el cuello de botella para el futuro es lo que hoy llamamos consumidor, nuestra visión del consumidor está totalmente en pañales (...), si no tenemos una suerte de compasión con el consumidor y darle una mano, desde las instituciones y desde los productores para que otra vez se recuerde de los valores propios de la alimentación sino (el productor) se va a morir con él, porque necesitamos del consumidor y si el consumidor se dejó tentar, entregar toda su cultura que tenía antes de elaborar cosas en casa, si ese consumidor no necesita de nosotros, si se conforma con esa comida chatarra, nosotros no tenemos, no tenemos clientes y listo. El consumidor alemán dejó de comer carne vacuna y quería ir al pollo, y se da cuenta que el pollo está lleno de hormonas, se quiere ir al chanco, y se da cuenta de que está lleno de antibióticos, se quiere ir al pescado y se da cuenta de que está lleno de metales pesados, de repente está frente a un plato lleno y no sabe, y no tiene mas ganas de comer nada, que es una cosa insólita que va a cambiar la sociedad europea y cosas semejantes podrían pasar en cualquier momento en cualquier parte del mundo porque todos estamos en la misma situación (...) Entonces esto es muy rápido o muy lento, no se sabe (...) pero normalmente el consumidor, la sociedad como tal va a tener que reconocer lo que es el productor comprometido con la tierra, no le queda otra a corto, mediano plazo.

Depoimentos como este repetem-se em uma importante quantidade de entrevistas, o que dá a idéia de que existe um certo consenso sobre a necessidade de trabalhar em uma união estratégica com os consumidores, através de compromissos assumidos por ambas as partes. No caso dos agricultores, compromisso com a qualidade dos alimentos, com a agroecologia, com a proteção e cuidado dos recursos naturais e com os preços cobrados por seus produtos, enquanto que os consumidores deveriam se comprometer a comprar os produtos das chácaras, para o qual se reconhece a necessidade de ajudar os consumidores a se organizarem.

Entre os consumidores, pode-se destacar uma confiança absoluta para com os agricultores, um reconhecimento da qualidade dos produtos por eles oferecidos, mas não demonstram um forte compromisso com a agricultura familiar. O total dos entrevistados assegurou ter confiança nos agricultores. A qualidade dos produtos foi destacada por 23 dos 29 entrevistados enquanto que o compromisso com agricultura familiar foi mencionado somente por 13 dos 29 entrevistados.

Algumas ações desenvolvidas pelas feiras, como o convênio com algumas igrejas de Posadas para atender crianças de rua, junto ao reconhecimento por parte

dos atores, da necessidade de se relacionar com outros setores (principalmente os consumidores), de criar novas instâncias de comercialização, concorda com os elementos que caracterizam as experiências bem sucedidas nos assentamentos de reforma agrária no Brasil. Estas experiências bem sucedidas se sustentam na capacidade, por parte dos assentados, de ampliar o círculo das suas relações sociais com outros atores da região, seja no âmbito político, econômico e social (Abramovay, 2000).

A possibilidade de que no meio rural possam ser feitas outras atividades além da agricultura (anexo 10), elemento fundamental para deixar de pensar o meio rural como um setor, ou como sinônimo de agrícola, e passar a pensá-lo como um espaço multidimensional, está presente no seio da rede e aparece, com mais ou menos claridade, na maioria dos depoimentos. Estes trechos de entrevistas mostram isso:

... a mí me parece que se puede incursionar en otros rubros en el mercado interno, por ejemplo en el textil, que si bien no es producción primaria, me parece que podría compatibilizarse con el tipo de producción, un ejemplo sería la fabricación de alpargatas, un calzado, alpargatas con suela de goma, que es un calzado muy utilizado aquí y que podría hacerse (...). A mí me parece que si no participan los productores de toda la cadena de producción y comercialización, de todo el ciclo hasta la venta al consumidor, no van a tener posibilidades, y me parece que el pequeño productor la única alternativa que tiene, es un honesto compromiso con una producción sana... (Assessor do MAM).

... el otro desafío para mí es, bueno, como se trabaja cada vez mas en, llegar a un producto mas elaborado y como el productor puede hacer, y como con el pasar del tiempo se logra que la gente, en lugar de salir a vender, los mismos consumidores vengan a comprar o vengan a consumir, es decir, el turismo rural, yo creo que eso, eso va a ser el desafío, yo creo que se va a dar esto, yo creo que la posibilidad de que alguien, esté pasando ocho días acá. En una cuestión de años podrá funcionar una computadora en cualquier chacra, puede haber teléfono, puede haber lo que son centros de salud, o que alguien que se enferme pueda ser evacuado tranquilamente, va a hacer que mucha gente vuelva al campo... (Assessor do MAM).

... el agricultor familiar tiene que producir productos alimenticios, tiene que avanzar sobre el proceso de organización, del grupo de productores, avanzar sobre un modelo de industrialización, una industrialización, algo de industrias chicas, por ejemplo, yo me imagino, Misiones con 1.000 pequeñas agroindustrias familiares, de grupos de productores. Todo limpiarlo y venderlo limpio, traer, la leche y hacer ricota y queso, o sea, una multiplicidad de productos que es posible hacerlo y que el productor está en condiciones de producir... (Técnico do PSA).

... sino que van a atener que seguir buscando distintas alternativas para la comercialización un poco mas industrializada de sus productos, de modo tal que garanticen un ingreso mayor y que garanticen su presencia en el mercado durante todos los meses del año. Hoy el municipio de Montecarlo le está ofreciendo a la feria livre de Montecarlo, las instalaciones de una cocina centralizada que tenemos en el campo de deportes, que le permitiría elaborar productos homogeneizados y con una calidad sostenida en el tiempo, de algunos encurtidos y productos envasados, también les estamos dando la apoyatura para obtener todas las inscripciones y las condiciones legales para inscribirse... (Prefeito do município de Montecarlo).

... nosotros estamos cercanos a que la mitad de los municipios tengan ferias livres, hay mucho atrás de esto, atrás de esto puede desarrollarse todo lo que es el turismo, el agroturismo, toda una cuestión de que se pueda avanzar, acá todos nosotros tenemos, nos queda grande la casa, (...) entonces los que tienen medianamente una casa grande pueden hacer agroturismo, eso también involucra lo que es el trabajo de producción, porque no podes traer al turista y comprar todas las cosas, sino mostrarle que es lo que estás produciendo, como lo estas produciendo y donde, acá algunas chacras de acá de Oberá ya lo están haciendo, una chica de Oberá que vende flores acá en la feria, ella está recibiendo casi todas las semanas turistas, tiene una casa muy bien preparada... (Presidente da AFF).

Mesmo que pareça existir uma certa homogeneidade a respeito das atividades não agrícolas como uma nova característica que deve ser explorada e ampliada no meio rural missioneiro, existe um depoimento que insiste com a necessidade de recuperar as produções agrícolas tradicionais frente a outras atividades, colocando-as em um nível inferior. O entrevistado diz:

... el gobierno está planteando con claridad que los productores se dejen de joder con la yerba, los que son ineficientes que se dejen de joder con la yerba y que se dediquen al agroturismo y a las ferias francas escúchame, eso es, cual es el sentido que le dan ellos, el agricultor yerbatero, acá la yerba culturalmente, históricamente políticamente tiene que ver con la historia misma de Misiones, si yo tengo una política clara para los agricultores de Misiones lo que yo tengo que plantear es que ese Agricultor como resuelve el tema del precio de la yerba ese agricultor, esa es una consigna que nosotros tenemos que tener. (...). Si vos haces un decantamiento en la feria de Posadas te vas a encontrar que muchos de esos, son empleados públicos, sectores de la iglesia que venden pomadas. Yo no digo que está mal, pero viste, y cuando yo me involucré en la feria de Posadas, yo decía que sea realmente de los pequeños productores, que sea realmente un espacio para ellos y que nosotros desde aquí podamos construir, fortalecer a los pequeños agricultores con otro tipo de agricultura, está bien que nos quieran vender otras cosas a los pobres, pero aunque sea, organicémonos. Esta también es una discusión interesante porque también se mete, al pasar te digo, se mete muy fuerte la importancia de los panes y dulces por sobre la producción de chacra (Assessor da RAOM).

Segundo Schneider (1999), cada vez mais serão as propriedades rurais em que algum membro da família estará empregado ou se dedicará a algum tipo de atividade não agrícola, como o turismo rural, o artesanato, a prestação de algum tipo de serviço, etc. Assim, o espaço rural passará a ser um espaço polissêmico, onde convivem atividades econômicas diversas como a própria agricultura.

As atividades não agrícolas não somente faz parte dos depoimentos dos atores, mas também, com mais ou menos expressão, estão presentes dentro das feiras e, portanto, no meio rural missioneiro. Nas feiras pode ser registrada toda uma série de trabalhos relacionados ao processamento dos alimentos. Isto inclui, entre outras coisas, a fabricação de derivados do leite (queijo, ricota, creme), a fabricação de conservas (doces de frutas, legumes, etc), toda uma linha de produção de pães (cucas, bolachas, etc), o processamento de algumas carnes (salame, presunto, etc), e até existem alguns agricultores que começaram com o turismo rural. Além disso, a atenção dos postos das feiras pode ser considerada uma atividade de serviço, contribuindo também para a consolidação de novas atividades no meio rural. Estas considerações poderiam se relacionar com a idéia de pluitividade.⁵⁶

Um outro elemento que caracteriza a visão sobre o meio rural que parece estar sendo construída na rede que caracteriza as feiras livres, tem a ver com a idéia de uma agricultura que cumpre varias funções. Assim, além da produção de alimentos de qualidade, aparecem outras funções relacionadas à transformação dos produtos na propriedade e à comercialização direta por canais específicos. Também funções de proteção do solo, da água, enfim, à proteção do meio ambiente, além disso, aparece a possibilidade de explorar a venda de direitos de apreciar o meio ambiente para habitantes das grandes cidades⁵⁷. Este fato é mencionado (e por tanto reconhecido) por vários atores, exemplo disso são os seguintes depoimentos:

Acá en Misiones, nuestra visión es algo, que estructuralmente se parece al monte, no, eso no quiere decir que queremos cerrar otra vez todo con monte porque justamente el paisaje agrícola tiene su encanto y toda su diversidad biológica, o sea que los elementos del

⁵⁶ Para mais detalhes sobre a noção de pluriatividade ver Schneider, 1999a e 1999b.

⁵⁷ Estes elementos se relacionam com a idéia de multifuncionalidade da agricultura desenvolvida na França.

paisaje, los elementos productivos, en una chacra o en un municipio o en una región, es ser integrado, que no haya desperdicio, que un proceso esté encajado en el otro, eso significa literalmente que, el lema de la RAOM en ese sentido es: “protección del suelo en el lugar”, evitar la erosión, por supuesto NO a represas como Corpus, también NO a las forestaciones masivas con exóticas, que el colono plante algunos pinos en el colegio o en su chacra si le gusta, es una cosa, pero que se desmonten tierras acá para plantar pinos y eucalipto, eso es, mas que una barbaridad, es una cosa que no tiene realmente, es impensable, una barbaridad, y entonces, tenemos veinte mil respuestas o alternativas que falta solamente la decisión de hacerlas y las ganas de hacerlas, y lo vamos a seguir haciendo entre todos, creo que estamos en buen camino... (Assessor da RAOM).

... yo creo que por lo menos hay una conciencia, bueno, de la contaminación, hay una conciencia de que no se puede seguir destruyendo, es decir, esto va a permitir que una experiencia como ésta se vaya insertando en lo que puede ser una sociedad del futuro, mas justa, mas armoniosa ... (Assessor do MAM).

... el desafío, de los campesinos de organizarse para ir dominando, y manejando sus propios insumos, es decir que se llegue a manejar, la semilla, cuidando, los recursos naturales que quedan, esto va a ser la gran discusión de los próximos años. Yo creo que, y nosotros no vamos a escapar, una cosa que puede llegar a ser grave en los próximos años. También va a ser el problema del agua, es decir, porque todo este desarrollo requiere de agua, acá la destrucción de gran parte del bosque ha hecho que desaparezca el agua, es decir, que el agua se escurra mucho mas rápido, y puede ser que esto, recuperar esto va a demorar mucho, es decir, volver a recuperar los niveles de agua, hacer entender que hay que cuidar el agua, esto va a ser también una cosa muy importante en los próximos años. (...). Está también, seguramente, una agricultura que consuma menos energía, bueno, yo creo, todo lo que está en frente nuestro, que son los desafíos de este siglo y de las próximas generaciones, yo creo que sino no habría mucho futuro... (Presidente da AFF).

Algumas características da experiência das feiras livres junto ao reconhecimento, por parte dos atores, da importância que está assumindo a proteção do meio ambiente e, com isso, a possibilidade de que os agricultores possam se constituir em protagonistas desta tarefa ao nível local, concordam com a identificação das forças motoras do desenvolvimento local, realizada por Campanhola e Graziano da Silva (2000). Esses autores sinalizam as crescentes preocupações com a conservação dos recursos naturais, a organização dos atores sociais e os processos de globalização e descentralização, como as forças motoras do desenvolvimento local.

A possibilidade de criar algum tipo de marca ou selo explorando alguma característica ou atributo típico regional é outro elemento que está presente no seio

da rede e que compõe a caracterização do meio rural desenvolvida no ponto 2.2. Nesse sentido, Abramovay (2000) coloca a necessidade da formação de uma rede de atores, capaz de valorizar algum (ou alguns) atributos do território e gerar uma dinâmica de concorrência, emulação e cooperação entre as empresas e que considere aos agricultores como potenciais protagonistas, podendo servir de base de apoio ao desenvolvimento territorial. Com relação a este ponto os atores dizem:

... lo que tiene Misiones y no lo está aprovechando, que es una provincia que usa muy poco agrotóxico (con excepción del tabaco), puede transformarse en una provincia orgánica con todo sus productos, yerba, té, hasta para exportación pero, necesitamos un apoyo, una política provincial, esto tiene que ser una política provincial, (...) entonces el kilo de yerba que sale de acá por lo menos lleva un rótulo orgánico, el té que sale orgánico, si no nos pagan algún día nos van a pagar, la verdura que sale es orgánico... (Técnico do INTA).

... ver otras alternativas de venta de la producción y como lograr una certificación de los productos, yo veo el camino que las ferias todos deben caminar, donde van a poder ofrecer un producto diferente y poder ofrecer un producto diferente me parece que tiene que ver con lo artesanal, con ofrecer un producto agroecológico, libre de agrotóxicos, de conservantes. Las ferias van a poder tener mucho mas camino y mas calle para hacer y sobretodo porque está en las manos de los productores, lo pueden hacer, es cierto, falta técnica, falta infraestructura, falta una legislación que ampare... (Técnico do INDES).

... poder tener una definición que marque un poco el tipo de producción, que marque todo el tema de que modelo estamos desarrollando, y eso significa que al consumidor hay que tratar de acercarse con una propuesta de comercialización distinta, que tiene que ver con un producto orgánico, que tiene que ver con un producto artesanal, que tiene que ver con una línea completa de producción, que diferencia al pequeño productor. En un mercado donde nosotros no podemos ingresar con un producto convencional, porque no tenemos posibilidad de competir en ese ámbito, entonces crear un ámbito propio, y poder transmitir al consumidor las ventajas que tendría, que tiene, de consumir productos de este tipo, no solamente el consumidor sino el mismo productor también... (Assessor do PSA).

... la línea de trabajo que tenemos es desarrollo local, equipos técnicos, equipos zonales de técnicos, la propuesta agroecológica, bueno, todo lo que tenga que ver con lo local y el rescate de los mismos productores. Yo veo que hay que seguir desarrollando el mercado local, seguir trabajando mas con los consumidores, los productores han logrado ir conformando una organización, han logrado financiamiento para su organización, el municipio los apoya con ordenanzas, con infraestructura, pero para poder mejorar las ventas y mejorar la relación con el mercado, mi visión es que se tiene que trabajar mas con los consumidores, mas que los consumidores (...)y a través de una propuesta agroecológica, en el sentido de que esos productos que llevan al mercado realmente sean orgánicos, de una producción artesanal, y que reúnan todas las condiciones de calidad biológica, y una calidad para el gusto del consumidor... (Assessor do PSA).

Existe ainda, nos diferentes depoimentos recolhidos entre os atores da rede outros elementos que poderiam detalhar ainda mais esta visão de meio rural (ou de desenvolvimento rural), que mais ou menos conscientemente está sendo construída dentro da rede. Assim, para mencionar alguns deles, aparece o reconhecimento a novas instituições como são os fundos rotativos. Com relação a isso:

... la experiencia de los fondos rotatorios que nosotros estamos empujando que queremos perfeccionar, nosotros creemos que estamos entrando en un proceso de manejo de la cosa mas difícil que es el crédito en el campo, es decir, nosotros estamos entrando en una cosa que puede ser decisiva si uno dice queremos construir un modelo independiente... (Assessor do MAM).

É importante a questão dos fundos rotativos⁵⁸ porque eles se transformaram em uma nova instituição. Eles possuem toda uma lógica de gerenciamento que é desenvolvida pelos próprios agricultores. A partir dos fundos rotativos, os agricultores adquiriram experiência na administração do dinheiro. Muito importante é também o fato de que os fundos rotativos são a única maneira que esses agricultores tem para aceder a algum tipo de financiamento, por pequeno que seja. Esse financiamento permite criar um pequeno capital que viabiliza a produção e, conseqüentemente, a participação na feira. Através desses créditos se construíram cercas para hortas, foram compradas mangueiras para regar os cultivos, vacas produtoras de leite etc.

Mais um elemento que compõe a visão de meio rural é a necessidade de construir um ambiente propício para manter os jovens no campo. Os atores reconhecem que, para isso, é necessário criar algumas condições mínimas que lhes permitam se desenvolver como seres humanos íntegros, para o qual o primeiro passo é a possibilidade de educação.

Quando Abramovay (2000) detalha alguns elementos para auxiliar a reflexão sobre como criar condições de consenso em torno a um projeto de

⁵⁸ Esta entidade poderia, tal vez, ser um exemplo de capital social no sentido que é colocado por Abramovay (2000). Este autor aponta que as estruturas sociais podem ser consideradas como um ativo de capital de que os indivíduos podem dispor. Assim, o capital social é produtivo e permite alcançar objetivos que não seriam obtidos na sua ausência.

desenvolvimento na atual realidade brasileira, ele faz referência à importância de mudar o ambiente educacional existente hoje no meio rural, caracterizado pela dissociação entre trabalho e conhecimento, onde tradicionalmente o filho que não tem vocação para o estudo fica no campo, e quem têm essa vocação ou são mais dinâmicos migram às cidades. Com relação à educação rural, o atual presidente da AFF diz:

... uno de los sueños como grupo, ahí en nuestra zona, yo al menos, después de la obra que estamos haciendo, ya la próxima vez cuando vengas por lo menos el comienzo de una EFA ahí al lado. Ya está tomada la decisión de mi familia, la EFA⁵⁹, ya está tomada la decisión de que va a haber una EFA ahí, teniendo en cuenta que hay que formar nuestra gurizada⁶⁰ para que se quede en la chacra, es decir ayudó un poco el hecho de que, antes era solo en las grandes ciudades los colegios, de golpe la gente tenía que hacer 40 kilómetros o mas para venir a Oberá para ir al colegio, hoy están los bachilleratos rurales que tienen el mismo nivel que los de la ciudad, eso ayudó, y también si uno se pone a pensar, Oberá tiene en todo su ámbito, es decir el departamento de Oberá, que es agrícola y todo el departamento de Oberá no tiene una escuela agrícola, tiene formación de toda clase menos agrícola, es inconcebible de que pase esto. Entonces desde hace mucho años que yo decía como hacer para hacer una EFA, o sea que mas o menos estaba conversado con la gente de las EFAs, de la administración de todas las EFAs, hay que buscarse financiamiento en otro país para empezar porque el Estado tampoco te financia eso, porque no lo ven necesaria, estamos pensando que tiene que ser para la edificación una hectárea y para lo que va a ser el trabajo por lo menos 5, para que la gente pueda laburar y hacer una experiencia y eso antes de morir va a estar, por lo menos la primera etapa.

Relacionado também à educação e à formação das pessoas que têm vinculação com as feiras, deve ser destacado o esforço dos diferentes programas públicos (como é o caso do PSA e o Pro Huerta) na realização de diversas oficinas com a finalidade de capacitar principalmente os agricultores e agricultoras nas distintas alternativas de produção e transformação dos alimentos. Ao mesmo tempo, também deve ser destacado o esforço de realizar oficinas (para os técnicos e agricultores) na área de produção orgânica e agroecologia⁶¹. É importante também o esforço pessoal de alguns atores (como é o caso de uma funcionária do município

⁵⁹ Escola da Família Agrícola.

⁶⁰ Conjunto de guris. Guri: nome que se dá às crianças e adolescentes nessa região da Argentina.

⁶¹ Entre as atividades desenvolvidas nesta área se destacam: a jornada de trabalho com Ana Primavessi (Professora da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do sul, Brasil) em 1996, e os cursos de agricultora ecológica ministrados pelo Centro Ecológico do Rio Grande do Sul, Brasil (Um dos cursos foi desenvolvido no momento que estava sendo realizada a pesquisa de campo para este trabalho).

de Oberá), que desarrollan algunos programas de capacitación para los agricultores, principalmente en el área de la sanidad de los alimentos. Por último, un grupo de agricultores y agricultoras participa de un curso sobre cultivos en estufas, ministrado por un instituto privado. La participación de los agricultores es financiada a través de bolsas otorgadas por un órgano del gobierno provincial.

Los elementos hasta aquí detallados, que caracterizan el pensamiento de los actores, dan forma a una idea más o menos estructurada de medio rural que está siendo construido en la red. En general, explícita o implícitamente, en la red aparece la idea de desarrollo como un proceso económico social multidimensional, caracterizada por el reconocimiento de que los cultivos tradicionales dejaron de ser una posibilidad o una alternativa para los agricultores familiares en el contexto actual, y por el reconocimiento de que los agricultores involucrados en las ferias no deben actuar en los mercados tradicionales, por el contrario, deben desarrollar estrategias de nuevos mercados socialmente construidos, donde, tanto el agricultor como el consumidor sean individuos diferenciados y no una masa desconocida. Incluso que estas ideas formen un pensamiento más o menos homogéneo, existen actores que no se identifican con esta idea que parece estar siendo construida. Estos son los fragmentos donde se expresan estas diferencias:

... pero uno no está planteando con claridad otra propuesta de desarrollo rural, además el tema de los precios, no pasa solo por las ferias, yo creo que tiene que haber, yo creo que tenemos que tener una propuesta de subsidio, cuando nosotros decimos precio sostenido para la yerba (...) no estamos plantando algo que surge porque yo pueda ser Marxista leninista, eso tiene que ver con la historia de Misiones. Aquí existió el precio sostenido y la regulación (...). Yo creo que nosotros no tenemos que dejar de decir como se hace con el tema del raleo, tenemos que plantear la recuperación de papel misionero. Me parece que por ahí pasa la discusión central porque una de las cosas claves de la tecnología imperante, es que eso está en manos del Estado, cuando se refiere a los pequeños, cuando se refiere a los grandes, si tiene subsidios, eso pasa en la Argentina toda y en Misiones también. Entonces acá las empresas forestadoras con todo tipo de subsidio, ahora cuando vos decís porque no definimos un subsidio, que nosotros decimos que además pueden venir impuestos para esas grandes explotaciones te dicen, no solo el gobierno, el gobierno te dice con claridad vos te quedaste en la década de 70. (Assessor de RAOM).

... yo creo que las ferias deberían, básicamente hoy, tener una mayor oferta de productos, en cuanto a un producto que sea más diversificado y continuo. Eso, creo que ha sido uno de los propósitos desde su inicio y no se porque hasta ahora no se ha podido lograr, si bien hay una gran variedad no hay continuidad y no están presentes todos los productos, digo lo que me pasa a mí, yo compro en la feria pero no compro todo en la feria, entonces voy a la

feria franca a comprar lo que hay, y el resto tengo que ir a, tengo que comprarlo en otra verdulería porque hay productos que no se comercializan ahí, y que se deberían comercializar, esto es un trabajo, yo creo que es de sincronización (Assessor do INTA).

Estes depoimentos não têm outra finalidade além de mostrar que, mesmo existindo uma certa idéia, mais ou menos estruturada, sobre o meio rural, existem visões diferentes, ou no mínimo visões que não colocam o processo que se está vivendo em Misiones com tanta positividade como a maioria dos outros entrevistados. Nestas visões prevalece, entre outras coisas, a idéia de retomar as demandas de um Estado forte e regulador capaz de intervir maciçamente na economia, e ao mesmo tempo nelas prevalece a comparação das feiras com um mercado tradicional.

Os fatos concretos que caracterizam as feiras livres de Misiones, como a existência das 31 feiras, a rede de atores coletivos, as possibilidades de renda para os agricultores, as capacitações efetuadas, a dinâmica social que é gerada a cada dia de feira em cada cidade (anexo 11), junto à visão sobre o meio rural, que está sendo construída. São elementos que em grande medida estão presentes na idéia de desenvolvimento que foi desenvolvida no ponto 2.2.

Todos os fatos e elementos aos quais se faz referência ultrapassam a noção de meio rural, mesmo que este seja considerado um espaço multidimensional. A idéia da construção da cidadania está presente, se escoando pelos interstícios da rede e da própria experiência das feiras livres. Estão presentes as transformações das relações de gênero entre os agricultores que participam, a formação de novos dirigentes que devem ser protagonistas das suas organizações, além da questão da democracia no meio rural, da autonomia, onde os próprios agricultores controlam suas sementes e o crédito para os pequenos investimentos.

A consolidação da experiência das feiras tem significado para os agricultores uma escola de dirigentes: dirigentes das associações que eles têm formado, dirigentes da associação provincial das feiras, etc. Estes agricultores, que na maioria das vezes apenas conversavam com seus vizinhos nas festas e nas igrejas, hoje não somente fizeram laços de amizade com seus compradores e colegas feirantes, mas também passaram a discutir com técnicos, prefeitos, autoridades dos

diferentes programas. Muitos deles conversaram com os candidatos a presidente do país e aparecem nos jornais. Estas questões estão presentes nos seguintes depoimentos:

... ahora en la feria, tenemos personas que tres años atrás apenas hablaban con su vecino, si es que hablaban con el vecino, y hoy son una suerte de dirigentes, están haciendo gestiones con el municipio, van a la reunión interferia. El crecimiento personal de esa persona. Esas mismas personas son socios de cooperativas yerbateras, donde nunca hicieron nada, eran simples socios que nunca abrieron la boca para defender algo dentro de la cooperativa, y entonces, en la feria franca cualquier socio está llamado a asumir también liderazgo o empezar a gestionar su emprendimiento sin estar solo, o sea yo soy feriante, yo voy a la feria, tengo mi puesto, vendo mis cosas, tenemos la mesa compartida, vendo para mis compañeros y mis compañeros venden para mí, pero muchas cosas son, individuales, pero al mismo tiempo tenemos una estructura compartida entonces eso me permite aprender, tener una visión de una economía compartida... (Assessor da RAOM).

... yo creo que, en muchos lugares, eso permitió que surjan dirigentes, es decir hay muchos lugares en que apareció gente que, venían de una tradición de organización, de la familia o ellos mismos y bueno, se fueron metiendo y fueron haciendo las cosas (...) la cosa más importante, y esto bueno, hoy día, creo que se está transformando en una escuela de dirigentes, yo creo que si mañana viene un tipo y dice bueno acá en la feria no se vende mas cerdo, porque hay un decreto de SENASA, yo creo que son los únicos, las ferias son, la única organización, en estos momentos, que están en condiciones de sostener una lucha concreta... (Assessor do MAM).

... es el camino de un comercio mas justo para la gente, o sea, que tiene que ver con, romper un poco la figura del productor, de pobrecito que va a mendigar y vender sus productos para poder subsistir, creo que crea condiciones de un mercado, donde el es protagonista, donde el tipo se desarrolla, donde el tipo crece, crece como persona... (Assessor do PSA).

Um outro elemento reconhecido pelos mediadores sociais e pelos agricultores é a questão da democracia, da participação nas decisões, da autonomia, enfim, da emancipação. Os agricultores que participam da experiência sofreram fortes mudanças nas suas vidas. Por exemplo, na questão das relações pessoais, eles esperam ansiosamente o sábado para se encontrar com os seus clientes e colegas feirantes. Com relação à capacitação, destacam que aprenderam muitas coisas através de sua participação nas feiras, com os cursos e capacitações que fizeram. Destacam também que melhorou a sua situação econômica, que têm dinheiro constante e mesmo que não seja muito conseguem se manter. A alimentação também mudou,

agora melhorou (em quantidade e em qualidade) a produção de alimentos para as famílias. Isto está presente nas falas dos agricultores:

... y no se para mí, me parece que cuando llega los viernes estoy ansiosa de que llegue el sábado porque me hallo mucho, porque los clientes acá me están esperando para mí es una alegría cuando llega el cliente (Holanda, agricultora de San Vicente).

... y aprendimos cosas nuevas también con los compañeros de la feria, y haciendo cursos también con el apoyo del Ingeniero, también aprendimos mucho ... Y cambió mucho porque para nosotros llegar a vender acá, o sea que nosotros era un poco apagado, o sea que fue mas lindo porque parece que estamos mas, que nuestra memoria nos abrió un montón, sí, vienen muchos amigos, muchas amistades (Elsia, agricultora de San Vicente).

Se come mejor, se produce mucho y se come mejor, últimamente se come mucha verdura, porque había cosas que uno no sabía comer, no y no producía tampoco o las producía y no sabía como aprovecharla, no sabía como hacer comida, guardar tampoco sabía, porque se enseñó a hacer mucha comida, mucho envasado, todo, o sea hay mas (... para la mesa mejor dicho, sobra para la mesa familiar, porque antes a lo mejor uno plantaba la cebollita, llegaba un época y se terminaba no se procuraba de replantar y volver... (María, agricultora de San Vicente).

Que acá se consigue el dinero en efectivo y yo puedo ayudar, yo ya no, digamos, no sería necesario pero tengo hijos que a veces, (...) ese es mas mi propósito ayudar a los, a mis hijos y nietos... (Carlota, agricultora de Oberá).

Y bueno cambió, no es mucho el ingreso que, que uno hace, pero por lo menos uno se puede movilizar, se puede, mediante eso los chicos pueden estudiar, entonces es sacrificado pero, pero por lo menos cambió que pueden estudiar, me puedo mover, puedo comprar un combustible o lo que sea para seguir trabajando... (Mariana, agricultora de Oberá).

Es algo lindo, es algo especial porque vos salís los sábados, por lo menos y eso modifíco mucho porque antes vos quedabas medio plantado en casa ahora vos salís vendes y, con los feriantes, mas lindo si se hacen unos pesitos también de vez en cuando (Nelson, agricultora de Oberá).

... mi mano estaba infectada el sábado pasado, y tuve que vender acá para poder comprar un antibiótico para tomar, sino yo iba a perder mi mano, y pero me antes traemos algo de la chacra que criamos, plantamos y así y con eso estamos sobreviviendo (...) éstos dulces estas cosas yo hice cursos después que entré en la feria, hicimos curso de capacitación primero, hicimos cursos de capacitación con las vaca, ahora no estoy trayendo leche porque las vacas no están dando, pero con las vaca, como alimentarlos, para sanidad del animal, todo eso hicimos cursos con un veterinario, y los chanchos también hicimos

cursos, viste, para saber como, todo, desde el ombligo del lechón, cortarlo bien, de la alimentación de la madre, todo, hicimos cursos y dio éxito, y los dulce eso, yo hice cursos hasta en Posadas en la casa de la mujer y fui a hacer el cursos para que no salga algo, o sea que no tenga problema que se descomponga, viste, y una bioquímica allá nos hacía los análisis, llevamos, hacemos en la casa y después llevábamos allá y ella nos hacía los análisis si estaba bien (para probar) probarlo y mas seguridad (...)el cambio que se puede decir que aprendimos mucho, eso, porque, viste, y si no era la feria, capaz íbamos a andar mendigando porque, no te digo que hacemos mucha plata, pero lo poquito que traemos vendemos acá y con eso llevamos la mercadería, porque ya te digo que el producto que tenemos no vale nada (Isabel, agricultora de Oberá).

... el cambio es que me puedo defender con eso, porque sino no sé que iba a hacer porque plantar tabaco como estoy sola ya no puedo... (Hilda, agricultora de Oberá).

... para mi yo encuentro que es dinámica, que yo no me aburro porque si me hubiera aburrido hubiera abandonado... (Mariana, agricultora de Oberá).

Cambia, cambia porque, que se yo, como te puedo decir, es como un, como un trabajo , o sea tenes que trabajar para venir los sábados tener todo bien, viste, entonces tenes, es como una rutina, tenes que hacer eso siempre, aparte es lindo, es lindo venir a la feria... (Adriana, agricultora de Oberá).

Os mediadores sociais, mesmo que em menor medida, também sofreram mudanças nas suas vidas, principalmente na questão da auto-estima pessoal e de trabalho. Eles dizem:

... se dan varias cosas: primero, la gente, aunque sea chico, maneja el sistema económico, es decir la comercialización que siempre le escapó a los campesinos, funcionar democráticamente en un país donde no hay muchas experiencias de democracia y de funcionamiento democrático, creo que en general, con todas las fallas, se da un funcionamiento democrático. Yo creo que ahora, con el asunto de la experiencia de los fondos rotatorios, que estamos empujando, que queremos perfeccionar, creemos que estamos entrando en un proceso de, de manejo de la cosa más difícil, que es el crédito en el campo. Es decir, nosotros estamos entrando en una cosa que puede ser decisiva si uno dice, queremos construir un modelo independiente, queremos que la gente participe de todo... (Assessor do MAM).

... eso significan las ferias, aparte que nos da pie a soñar, y a trabajar muchas cosas más, porque si yo antes no me animaba a salir a vender huevos porque parecía que era medio mujer, y hoy ya, no solo que me animo a vender huevos sino, un montón de cosas mas, yo puedo hacer, yo hoy puedo intentar. Bueno, el local de venta, yo puedo intentar ir a Posadas, yo puedo intentar, o sea, es como que te deja soñar que el futuro se puede ir cambiando, es muchas cosas las ferias. (...) para mi la feria es realmente sentir que uno pudo concretar un montón de cosas, o sea, uno cuando viene a trabajar a un lugar como

éste, sueña con que va a cambiar la historia, después se da cuenta de que la historia lo cambia a uno, pero por lo menos si uno va siendo partícipe, de un cambio. La feria para nosotros, es haber aumentado, no solo la autoestima de la gente, sino la nuestra, es haber demostrado al mundo, por lo menos al mundito de acá del lado, a otra provincia, a otra gente, que hay cosas que son posibles y encima después de varias frustraciones... (Técnico do INTA).

... el tema de las ferias francas, si se quiere, tiene un enfoque de género bastante interesante, que no fue trabajado como enfoque de género, pero se logró una cuestión bastante fuerte, el tema de la integración de la familia en el proceso, tanto del esposo, como de la esposa, en algunos casos de los jóvenes, que logró despertar el interés en la familia, en un proyecto común, que es en este caso comercializar su producción en forma conjunta, porque en la elaboración de los productos participa toda la familia, inclusive en el tema de quienes son los que van a vender, se ve que va junto, a veces, el esposo, le ayuda, entonces yo creo que el tema de las ferias francas, fue un motivo de un espacio social y, bastante interesante, internamente en la familia como para el resto de la población. Y el espacio de articulación que se dio mucho mas allá de la cuestión comercial, que uno lo que más ve es, solamente, la cuestión comercial pero el espacio social que se dio es un espacio social muy fuerte y muy interesante... (Técnico do INDES).

... pero creo que hay una autonomía, sí de su propia organización, que creo que es el mayor valor que tiene hoy, y que es garantía de éxito ... (Técnico do PSA).

... significa la diferencia entre la absoluta indigencia y la alternativa de la autosustentación, o sea, creo que ésta es la respuesta. Hoy por hoy, el productor agropecuario que no estuviera en las ferias francas, que no tuviera como alternativa esto, seguramente tendría una gran cantidad de probabilidades que fuera un candidato a ser atendido por la asistencia social municipal, el hecho de la presencia de la feria franca como una alternativa de sustentación económica, lo aleja del municipio, lo autosustenta y le permite, de algún modo, su desarrollo particular... (Prefeito do município de Montecarlo).

Neste capítulo foi apresentada a rede de poder constituída em torno às feiras livres de Misiones, onde primeiramente se delimitou a rede, identificando os atores coletivos que a compõem e, logo após, fez-se uma sistematização das diferentes inter-relações estabelecidas entre os atores chegando à construção do seu sociograma. Com a identificação das inter-relações e os recursos de poder que os distintos atores possuem, chegou-se à questão do poder dentro da rede, o qual permitiu conhecer a governança estabelecida. Assim, mostrou-se que a rede está governada por um processo de auto-organização caracterizado por uma distribuição do poder entre os diferentes atores, o qual impossibilita a hegemonia de um deles. Com estes elementos e com o auxílio da classificação de March & Rhodes (1992)

(*apud* Paulillo, 2000) se determinou que esta rede de poder tem mais características de uma Rede Difusa que de uma Comunidade Política.

Na última parte deste capítulo se apresentou a noção de meio rural que está se construindo entre os atores que participam das feiras livres. Para esta análise se consideraram os atores individuais que atuam em três feiras. Os atores, em geral, percebem a emergência de um novo contexto, onde as produções agrícolas tradicionais não voltarão a ser uma alternativa para os agricultores familiares de Misiones; onde estes assumem um novo papel na sociedade (na produção de alimentos de qualidade e diferenciados como artesanais e na conservação dos recursos naturais); percebem também o surgimento de atividades não agrícolas no meio rural (turismo e pequenas agroindústrias artesanais) e a necessidade de criar um ambiente favorável para fixar os jovens no campo (com possibilidades de educação e lazer). Estes elementos junto à confiança nos agricultores familiares, manifestada pelos consumidores, mostram a construção de uma noção de meio rural multidimensional que envolve múltiplos aspectos além da agricultura.

Finalmente, nesta noção de meio rural, aparecem aspectos que fazem referência à construção da cidadania no campo, entre eles: questões como o processo democrático, que significa a participação dos agricultores nas suas organizações e nas suas feiras; o acesso a micro-créditos que eles mesmos administram; as novas relações sociais entre os habitantes do campo e da cidade e a modificação das relações de gênero nas famílias participantes das feiras.

BUSCANDO UMA CONCLUSÃO

Na década de 90 começa a se consolidar um contexto socioeconômico na República Argentina (em geral) e em Misiones (em particular), caracterizado pela aplicação de um modelo neoliberal com a conseqüente desregulação dos mercados, a privatização das empresas públicas e o encolhimento do Estado como regulador de diferentes atividades econômicas e sociais. Neste cenário se criam algumas políticas públicas destinadas a diferentes setores da sociedade, bem como se criam e reestruturam antigas organizações sociais.

Mesmo não desconsiderando a grande importância dos programas “Cambio Rural”, “Pro-Huerta” e “Minifundio”, o “Programa Social Agropecuario” (PSA) teve uma grande contribuição na formação e desenvolvimento da rede de poder consolidada em torno das feiras livres de Misiones. O PSA, através da “Unidad Técnica de Coordinación Provincial” (UTCP), possibilitou a construção de um espaço de discussão entre diferentes órgãos do poder público (governo provincial) e organizações civis que atuam no meio rural missioneiro. Neste espaço, produto da interação democrática entre os atores participantes, ocorreu uma utilização adequada das ferramentas do programa (crédito, capacitação, assistência técnica), destinando-se a fortalecer a produção de alimentos para, primeiramente, melhorar o auto-consumo familiar e, posteriormente, gerar excedentes a serem comercializados. Em outras regiões do país estas ferramentas se destinaram a desenvolver alguns projetos baseados em monocultivos de exportação, os quais, na sua maioria, fracassaram. Frente ao reconhecimento da irreversibilidade da situação de crise de preços das produções agrícolas tradicionais, a proposta de diversificação produtiva e de produção de alimentos resultou adequada. A interação democrática dos participantes na UTCP não foi uma norma geral em todas as províncias, apenas ocorrendo em

Misiones. Um entrevistado bem sintetizou isso: “o PSA de Misiones é um acidente político”.

Com relação à reestruturação das organizações civis, a redefinição das estratégias do “Movimiento Agrario de Misiones” (MAM) possibilitou-lhe participar de distintas instâncias (entre elas a UTCP e o diretório do INTA) e modificar sua relação com as distintas esferas do Estado. Esta situação foi determinante para a afirmação de suas representações em relação ao meio rural em geral e aos agricultores familiares em particular, contribuindo de maneira significativa para as discussões sobre o mercado local, a produção artesanal, a recuperação do saber local a produção ecológica, a diversificação etc. Ao mesmo tempo, a modificação das estratégias do MAM permitiu-lhe interagir e conseguir o apoio do município de Oberá para iniciar a primeira feira.

A criação da RAOM permitiu a abertura de um espaço de discussão sobre agricultura ecológica, colaborando para difundir experiências e mostrar a necessidade de produzir alimentos de maior qualidade que não coloquem em risco a vida de agricultores e consumidores.

A predisposição dos municípios (Oberá em um primeiro momento) em assumir uma proposta para resolver a situação dos agricultores familiares, agravada pelos baixos preços dos produtos agrícolas tradicionais (erva mate, chá e fumo), ajudou a legitimar, através dos controles de qualidade e do fornecimento do espaço físico, as feiras nas comunidades.

Estes (e outros) elementos que formam o contexto social estudado permitiram a criação, difusão e consolidação da experiência das feiras livres em Misiones. Este fenômeno social, como foi caracterizado e analisado no trabalho, começa a se gestar como idéia e como projeto no MAM. Com uma grande capacidade, este ator, consegue articular as peças e os atores chaves para concretizar a primeira experiência, a feria livre de Oberá. Primeiramente, apresentou a proposta aos agricultores (ao grupo de Cambio Rural de “Los Helechos” e aos agricultores sócios do movimento), com esta pequena base de agricultores e com Cambio Rural (do INTA) envolvido, leva a proposta ao Município, ao mesmo tempo articula dentro do PSA o apoio aos projetos de auto-produção de alimentos e aos técnicos não

profissionais, muito deles agricultores sócios do próprio movimento (em esta parte, o coordenador do programa teve um papel relevante), finalmente, com ajuda da imprensa local, instala a expectativa da feira na cidade. Assim, consegue fazer confluir diversos atores (todos genuinamente interessados em encontrar alternativas para os agricultores familiares) que asseguraram a experiência embrionária.

Com a consolidação desta primeira feira e o rápido surgimento de outras (em 4 meses eram 8 feiras funcionando), foi se consolidando também uma estrutura de vínculos horizontais (em forma de rede) entre diversos atores dando sustentação a todas as feiras. O processo de interação dos atores na rede começou como um processo fortemente marcado pela disputa, os atores utilizaram (e em alguma medida ainda utilizam) seus recursos de poder para dominar a rede e, desta forma, se converter nos referentes da experiência e assim acumular todo o poder gerado pelo sucesso das feiras livres.

A consolidação da “Asociación de Ferias Francas” como representante dos agricultores, modificou o poder dentro da rede. Assim, constituiu-se um acordo de interesse onde o mais importante já não é a dominação, e sim a pertença, atualmente o importante é ser parte do sucesso.

A consolidação da rede de poder (como foi apresentada) permitiu a convivência entre os diferentes atores coletivos, públicos e privados, através de um acordo de interesses e o intercâmbio de recursos de poder. Como todos os atores possuem, e ao mesmo tempo, são dependentes de recursos de poder, a rede é regida por um processo de auto-organização onde nenhum ator possui uma hegemonia capaz de anular o outro. Assim, surge e se consolida um clima de trabalho competitivo-cooperativo entre os atores, cujo resultado é duplamente positivo: para os agricultores, porque recebem uma assistência permanente e baseada em uma proposta ampla, que inclui financiamento, capacitação e organização; para as instituições, porque permite que cada uma satisfaça seu interesse particular, recebendo parte do benefício do sucesso da experiência (recurso produzido na rede).

O Estado como integrante da rede também intercambia recursos de poder, tanto os municípios como o governo provincial se alimentam do recursos gerado na rede, o sucesso da experiência é aproveitado de diversas maneira pelo poder público,

ao mesmo tempo o Estado legitima e aporta recursos econômicos, capacitação, controle e infraestrutura, fazendo que a rede (e ao mesmo tempo as feiras) melhorem seu funcionamento e desempenho. Este ponto em especial requer de uma análise mais detalhada para constatar se o Estado está assumindo um novo papel na sociedade, convertendo-se em um Estado atuante capaz de gerar uma dinamização social. Este ponto poderia ser uma hipótese a ser trabalhada em um outro estudo.

De modo geral as instituições que trabalham no meio rural, tanto em Misiones como em outras regiões do país, competem entre si para se tornar representantes dos agricultores. Tanto é que em alguns casos os mesmos agricultores são “assistidos” por duas ou mais instituições, recebendo muitas vezes propostas contraditórias e gastando o dobro de seu tempo porque cada instituição realiza suas reuniões separadamente. Também é comum ouvir os técnicos e mediadores sociais dizer “meu grupo”, “nossos agricultores”. Nas feiras livres os atores sociais procuram ser parte da experiência, a distribuição dos recursos de poder não permite que algum se torne hegemônico e domine a rede, alias eles são interdependentes, e cada um utiliza os recursos do outro. Isto não quer dizer que o interesse pela dominação tenha desaparecido, acontece que na rede a organização dos agricultores possui um acúmulo de recursos que os outros atores necessitam.

Ao mesmo tempo que a rede permite que cada ator intercambie seus recursos e se fortaleça de esse intercâmbio permite também a geração de distintos espaços de interação e capacitação para os diferentes atores resultando na construção, mais ou menos elaborada, de uma idéia de meio rural como um espaço multidimensional, nele incluindo: a forte presença de unidades de produção familiar, a convivência de atividades agrícolas com atividades não agrícolas, a estruturação de mercados socialmente construídos, a articulação entre diversos setores da sociedade, a agricultura familiar como uma alternativa para o desenvolvimento (e não como uma categoria residual na economia capitalista), a sua revalorização como capaz de prestar diferentes serviços à sociedade em geral, (proteção dos solos, da água, da diversidade biológica e o fornecimento de alimentos de qualidade).

O fenômeno das feiras livres com toda sua complexidades gera efeitos que superam a questão da renda para os agricultores que nelas participam. Como foi visto, as feiras também modificaram a dinâmica social, as relações de gênero nas

famílias participantes, melhoraram o relacionamento dos agricultores familiares com os moradores dos centros urbanos, aumentam a auto-estima não somente dos agricultores e suas famílias mas também dos técnicos e mediadores sociais envolvidos, geraram um ambiente mais propício à capacitação e à educação dos moradores rurais. Enfim, geraram um novo ambiente de desenvolvimento, dinâmico e multidimensional, que supera o desenvolvimento agrícola e revaloriza o papel do agricultor familiar na sociedade.

Mesmo que estas conclusões tenham um alcance relativo aos limites do trabalho, estima-se que os objetivos do estudo foram alcançados, permitindo-se compreender a confluência dos atores sociais na rede, suas inter-relações, os seus principais interesses e significados que dão às feiras e mostrar uma nova visão do meio rural (e de desenvolvimento) que se está construindo nesse espaço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto, quero fazer algumas considerações sobre três aspectos principais: o próprio trabalho, o objeto social que foi pesquisado e finalmente o processo de formação que pude experimentar em todo o processo do mestrado e da dissertação em particular.

A escolha das feiras livres de Misiones como objeto de meu trabalho não foi uma escolha difícil, muito pelo contrário, foi uma experiência que sempre me despertou interesse. A abordagem desse objeto de estudo é que resultou em um processo complicado, cheio de angústias e incertezas. No início, o tempo passava sem que eu conseguisse enxergar o que queria pesquisar nas feiras livres. O momento de ir a campo foi onde se consolidou a idéia da rede, mas, mesmo assim, não estava claro o que eu precisava trazer para sua análise, e foi com esta incerteza que permaneci na pesquisa de campo. Foi, justamente, no campo que comecei a ver, mais ou menos, a forma e a idéia do trabalho. Assim, fui construindo os roteiros das entrevistas, escolhendo as cidades a serem visitadas, os atores a serem entrevistados, os materiais a serem coletados e reproduzidos etc. Finalmente, e com a ajuda de muitas pessoas (orientador, professores, colegas) fui montando este quebra-cabeça que hoje tem forma de dissertação.

O resultado de todo esse processo é este trabalho. Olhando-o com o viés próprio do autor, penso que tem qualidade e limites, mas mesmo assim, ele pode indicar futuras indagações sobre a realidade das feiras livres. Sobre as duas primeiras (limitações e potencialidades), vou reservar aos leitores o trabalho de mostrá-las; acho que hoje, de tão perto, é difícil para mim encontrá-las.

Com relação às possíveis indicações para futuras pesquisas, o trabalho pode mostrar alguns caminhos a serem percorridos, alguns relacionados às suas próprias

deficiências e outros como produto de novas questões apontadas, mas que não faziam parte dos objetivos do trabalho. Ficou pendente uma abordagem que supere a idéia de rede de poder utilizada neste trabalho a qual reduziu a complexidade daquela realidade social. Possivelmente a utilização das ferramentas da teoria do ator-rede possa permitir uma análise mais abrangente. As noções conceituais elaboradas em torno da noção de capital social possivelmente podem oferecer outros elementos para a compreensão, principalmente, sobre a potencialidade da experiência das feiras livres para o desenvolvimento territorial daquela região, elementos que aqui se utilizaram sem grande aprofundamento. A própria noção de desenvolvimento territorial, neste trabalho, permite apenas um sobrevôo devido ao escasso tempo disponível para a elaboração da dissertação.

Em relação à realidade social estudada, as feiras livres constituem uma experiência qualitativamente diferente do conhecido até agora no meio rural da Argentina. O trabalho conjunto de distintas instituições, organizações sociais, o Estado (com suas diversas agências) unificando critérios cooperando sistematicamente e sem confrontos é um fenômeno social pouco conhecido no meu país. Mesmo que cada um destes atores tenha seus interesses particulares e (explícita ou implicitamente) dispute a representatividade das feiras, eles conseguem articulá-los transformando um ambiente de competição em um ambiente de cooperação, conseguindo assim o atendimento de seus interesses mas, ao mesmo tempo, um efeito potencializado de suas atividades, resultando em maiores benefícios para a comunidade em geral.

Na maioria das experiências já conhecidas, os agricultores são o público-alvo, ou são considerados como objeto de pertencimento das distintas organizações. Assim, um mesmo agricultor acaba sendo “beneficiário” de diversas ações (governamentais e não-governamentais) descoordenadas e muitas vezes contraditórias. Desta forma, o principal papel dos agricultores, na maioria dos casos, acaba sendo o de figurar como beneficiário ou atingido pelos diferentes programas nos relatórios anuais das organizações.

O benefício do trabalho conjunto dos atores sociais nas feiras livres não somente fica restrito à consolidação de uma alternativa econômica para os agricultores participantes, mas também ao espaço de discussão e reflexão

consolidado em torno das distintas atividades nas quais os atores participam, permitindo-lhes gerar uma visão “diferente” do meio rural, expressada na maioria dos depoimentos levantados neste trabalho. Esta visão (que foi caracterizada, ainda que superficialmente, no estudo) é “diferente” daquela amplamente difundida nos meios acadêmicos (principalmente da agronomia) na Argentina, que considera os agricultores familiares como se fossem pequenas empresas rurais (e por conseguinte, destinadas a desaparecer, produto do próprio processo de concentração do capital) e cuja racionalidade não variasse em nada se comparada à racionalidade de um empresário rural. Assim, todos eles (familiares e empresários) procurariam o máximo lucro através do aumento constante da produtividade dos cultivos agrícolas, eixo da formação nos cursos de agronomia de todo o país.

Finalmente, com respeito à etapa do processo de minha formação que está sendo concluída quero ressaltar que o curso foi muito enriquecedor, não somente nos conteúdos que foram extremamente sólidos, mas também na capacidade de mostrar a complexidade do mundo rural e com isso a necessidade de se chegar a uma nova abordagem multidisciplinar, capaz de dar conta dessa complexidade mais adequadamente.

Este trabalho, portanto, cumpriu um papel fundamental na minha formação. Todas as dúvidas, que foram muitas, foram se desvanecendo frente à consolidação gradual de um processo de amadurecimento dos conceitos e do método de trabalho. Assim, o objetivo acadêmico da dissertação foi cumprido, deixando-me, antes de mais nada, um bom aprendizado. Todo o processo de formação vivido no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural tem me motivado a continuar aprofundando meus conhecimentos na área, ao mesmo tempo que tem afiançado o compromisso com a busca de um desenvolvimento baseado na agricultura familiar, no respeito ao meio ambiente, no fortalecimento da democracia no campo, enfim, na construção da cidadania.

Porto Alegre, Brasil, março de 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **A formação de Capital Social para o desenvolvimento Local Sustentável**. São Luiz : CONTAG, 1998 (mimeo).

ABRAMOVAY, Ricardo. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural**. Economia Aplicada [s.l.] v.4, n. 2. abr./jun. 2000.

ALMEIDA, Jalcione. **A construção social de uma nova agricultura: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil**. Porto Alegre : UFRGS, 1999.

ARGENTINA. Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación. **El Programa Social Agropecuario: Cinco años de política social para los productores minifundistas**. Buenos Aires, 1998. Memoria de actividades.

_____. **Página Oficial del INTA**. disponível em www.inta.gov.ar/default.htm. Consultado em 05/12/2001.

_____. **Página Oficial del INDEC**. disponível em www.indec.mecon.ar/default.htm. Consultado em 05/12/2001.

_____. **Página Oficial da Secretaría de Agricultura, Ganadería Pesca y Alimentación**. Disponível em www.sagpya.mecon.gov.ar/0-0/. Consultado em 05/12/2001.

_____. **Página Oficial del Gobierno de la Provincia de Misiones**. disponível em [www.misiones.gov.ar/historia/La Evangelizacion.htm](http://www.misiones.gov.ar/historia/La_Evangelizacion.htm). Consultado em 10/07/2001.

CAMPANHOLA, Cleyton e GRAZIANO DA SILVA, José. **Diretrizes de Políticas Públicas para o Novo Rural Brasileiro: incorporando a noção de desenvolvimento local.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 4, n. 1, p.61-91, [s.d.].

CAMPANHOLA, Cleyton e GRAZIANO DA SILVA, José. **Desenvolvimento Local e a Democratização dos Espaços Rurais.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 17, n. 1, p.11-40, jan./abr. 2000.

CARBALLO, Carlos. **Las Ferias Francas de Misiones: Actores y desafíos de un proceso de desarrollo local.** Buenos Aires : CEPA, 2000.

CASAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis, Henrique. **Redes de Pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana.** São Paulo : ATLAS, 1998.

COSTA, Carlos Fernando. **Ecologia, agricultura e pequena produção: concepções e prática de uma experiência gaúcha.** Porto Alegre : UFRGS, 1992. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COWAN ROS, Carlos. **Organizaciones No Gubernamentales de Desarrollo Rural: Dimensión y Estrategias en la Argentina de Fin de Siglo.** Buenos Aires : UBA, 1999. Tesis de Grado (Ingeniería Agronómica) Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires.

DORIGON, Clovis. **Microbacias como Redes Sócio-Técnicas: Uma abordagem a partir do enfoque do ator-rede.** Rio de Janeiro, 1997 (dissertação de mestrado) Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro.

FLEISCHFRESSER, Vanessa. **Nas redes da conservação: políticas públicas e contribuição social das microbacias hidrográficas.** Curitiba, 1999. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Paraná.

FERT NETO, João. **Problemas Ambientais Rurais e Mudanças Sócio - Técnicas:A trajetória da piscicultura orgânica em Santa Catarina.** Florianópolis, 2001. (Tese de doutorado) Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Sociedade e Meio Ambiente, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

GLIESSMAN Stephen. **Agroecología: Processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre : UFRGS, 2000.

GOLSBERG, Celeste. **El Movimiento Agrario de Misiones en un escenario en transformación.** Buenos Aires : UBA, 1999. Tesis de Grado (Ingeniería Agronómica) Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O desenvolvimento local sustentável: um desafio para os países retardatários.** CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA RURAL (10. : 2000 : Rio de Janeiro). Anais. Rio de Janeiro, 2000.

GUIVANT, Julia. **Conflitos e negociações nas políticas de controle ambiental: O caso da suinocultura em Santa Catarina.** Caxambu : AMPOCS, 1996.

JAUME, Fernando; VILLAR GONZALES, Carlos; URQUIZA, Yolanda et al. **Notas Sobre la Historia de Misiones: El Proceso de Formación de la Región Histórica.** Posadas : PISPAD, 1989.

MOVIMIENTO AGRARIO MISIONERO. **Estatuto Fundacional.** Oberá, Misiones, 1972 (mimeo).

MOVIMIENTO AGRARIO MISIONERO. **Memoria del Movimiento Agrario de Misiones correspondiente al ejercicio fenecido el 30/09/99.** Oberá, Misiones, 1999 (mimeo).

MONTIEL, Sandra. **Procesos de Participación y Cambio en el Movimiento Agrario Misionero.** Posadas, 2000. Tesis de Grado (Licenciatura en Antropología Social) Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Misiones.

NUEVO ESPASA ILUSTRADO 2000. **Diccionario Enciclopédico.** Madrid : ESPASA CALPE S.A., 1999.

PAULILLO, Luiz Fernando. **Redes de poder & territórios produtivos: indústria, citricultura e políticas públicas no Brasil do século XX.** São Carlos : Rimas : Editora da UFSCar, 2000.

PORRAS Martines, José Ignacio. **Policy Networks o Redes de Políticas Públicas: Su aplicación al estudio de los vínculos entre las asociaciones de interés y el Estado.** 1999 (Artículo não publicado).

PROGRAMA SOCIAL AGROPECUARIO. **Estudio de impacto de la comercialización en ferias francas locales.** Eldorado, Misiones, 1997 (mimeo).

SCHIAVONI, Gabriela. **Intercambios técnicos y economía del don en la frontera agraria de Misiones.** Posadas : PISPAD, 1995.

SCHMITT, Claudia. **Tecendo as Redes de uma Nova Agricultura: Um estudo sócio-ambiental da Região Serrana do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 2001. (Tese de doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e industrialização: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : UFRGS, 1999a.

_____. **Agricultura familiar e pluriatividade.** Porto Alegre, 1999b. (Tese de doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ANEXOS

ANEXO 1: Lista das cidades da província de Misiones que possuem feiras livres

ANDRESITO
LIBERTAD
WANDA
MADO
EL DORADO
MONTECARLO
ALCAZAR
PUERTO RICO
CAPIOVÍ
JARDIN AMERICA
SANTA ANA
CANDELARIA
GARUPÁ
POSADAS
APÓSTOLES
CONCEPCIÓN DE LA SIERRA
SAN JAVIER
LEANDRO N. ALEM
OBERÁ
GUARANÍ
CAMPO VIERA
CAMPO GRANDE
ARISTÓBULO DEL VALLE
2 DE MAYO
SAN VICENTE
SAN PEDRO
DOS HERMANAS
EL SOBERVIO
SAN MARTIN
25 DE MAYO
SANTA RITA
SAN IGNACIO

ANEXO 2: Lista dos entrevistados**MEDIADORES SOCIAIS**

LUCIO SMITH
LUIS GRONDONA
MICHEL GUILBARD
VICENTE BARILARI
EUGENIO KASALABA
ROGELIO DALMERONI
SIMON BLASER
MARA MONTENEGRO
MAURICIO COLOMBO
ERNESTO KURTZ
MARTA FERREYRA
OSCAR MATHOT
AIRTON MATTJE
HUGO GOMEZ
JUAN BAUWARTEN
RICARDO MELI
KARINA WEISS

AGRICULTORES E AGRICULTORAS

HOLANDA CHOFRE DE RUBER
ELSIA ALICIA RUBER
TERESA MARTINA MORAIZ
MARIA WAWRIÑUC
CARLOTA ANDREUWS
NELSON PEDRO DRESCH
ISABEL FERNANDEZ
HILDA KULL
MARIANA DE PEÑALVA
ANA NINA VIDÁ
MARÍA GRAVINSKI DE ARCICHUC
ADRIANA KRATZ
RAUL PEREZ

ANEXO 3: Roteiros das entrevistas

a) Líderes e técnicos das instituições

Identificação: nome e instituição

Bloco 1

- a) Comente, brevemente, sua origem social, sua trajetória (universitária e/ou de trabalho) até hoje.
- b) Por que trabalha para a instituição ou para as feiras livres?
- c) Em algum momento optou por trabalhar com agricultores familiares? Por que?
- d) Descreva, rapidamente, sua instituição e as atividades que realiza em relação às feiras livres.

Bloco 2

- e) Como foi o surgimento das feiras livres, onde surgiu a idéia, quem foram os que apoiaram a idéia (instituições e/ou indivíduos)?
- f) Que instituições estão envolvidas com as feiras livres, qual delas poderia ser uma referência?
- g) Porque várias instituições se interessam pelas feiras livres?

Bloco 3

- h) O que significam as feiras livres para sua instituição e, a seu entender, o que significam para outras instituições que participam e para os governos municipais e provincial?
- i) Quais são os aspectos que geram mais conflitos nas feiras e como são resolvidos?
- j) Quais foram os efeitos que as feiras livres provocaram na sua instituição?
- k) A sua instituição, com qual(is) outra(s) instituição(ões) compartilha mais pontos de vista em relação às feiras livres e aos conflitos?

Bloco 4

- l) Para onde deveriam se encaminhar as feiras livres e os agricultores familiares no futuro?
- m) Como é a sua visão do meio rural para o futuro?

b) Membros de poder público

Identificação: nome e instituição

Bloco 1

- a) Relate, brevemente, sua origem social, sua trajetória (universitária ou de ensino fundamental) e seus empregos anteriores à função pública.

- b) Por que trabalha para as feiras livres?
- c) Anteriormente ao surgimento das feiras livres, conhecia a situação dos agricultores familiares?

Bloco 2

- d) Como foi o processo de surgimento das feiras livres, onde surgiu a idéia, quem foram os que apoiaram a idéia (instituições e/ou indivíduos)?
- e) Quando se discute temas referidos às feiras livres com alguém das feiras, com quem o faz? Poderia dizer se ele ou ela é um referencial das feiras?
- f) Quem está envolvido com as feiras livres além do município?

Bloco 3

- g) O que significam as feiras livres para o governo e, a seu entender, para outras instituições que estão relacionadas?
- h) Por que o governo apóia as feiras livres?
- i) Quais são as situações de conflito que aparecem em torno às feiras livres?
- j) Quem se destaca na resolução desses conflitos?
- k) Que efeitos tiveram e têm as feiras livres na sua instituição?
- l) Sobre o governo, com quem compartilha mais (e com quem menos) pontos de vista em relação às feiras livres?

Bloco 4

- m) Para onde deveriam se encaminhar as feiras livres e os agricultores familiares no futuro?
- n) Como é a sua visão do meio rural para o futuro?

c) Produtores

Identificação: nome

Bloco 1


- a) Quanto tempo faz que é agricultor, seu pai já era?
- b) O que hoje se vende nas feiras livres são produtos que já produzia para o consumo da família ou são produtos novos?
- c) Quem criou as feiras livres?
- d) Quem trabalha para as feiras?
- e) Quais são os problemas que tem as feiras?
- f) Modificou sua maneira de produzir a partir do começo das vendas nas feiras livres?
- g) Usa produtos químicos (venenos, herbicidas) na produção que destina para as feiras livres?
- h) O que mudou na sua vida, na sua propriedade e na sua família a partir do que vende nas feiras livres?
- i) Produz erva mate, fumo e chá preto?

d) Consumidores

- a) Idade
- b) Sexo
- c) Profissão
- d) Compra habitualmente nas feiras livres?
- e) Que distância tem entre a sua casa e a feira livre?
- f) O que compra na feira livre?
- g) Há alguma coisa que não compraria na feira livre?
- h) O que mais o atrai da feira livre?
- i) Por que compra na feira livre? (mais barato, melhor qualidade dos produtos, quer ajudar aos agricultores familiares, maior seguridade, melhor sabor, outro).
- j) Tem confiança nos produtores que vendem nas feiras?
- k) Qual é a renda mensal da sua família?

ANEXO 4: Evolução da produção de erva mate canchada em toneladas de 1970 até 1997

Ano	Tn
1970	76.787,8
1971	90.460,4
1972	126.713,7
1973	150.963,3
1974	134.529,9
1975	142.307,3
1976	121.134,7
1977	127.167,0
1978	133.435,9
1979	135.200,4
1980	136.631,9
1981	133.279,2
1982	127.101,9
1983	109.746,4
1984	154.352,4
1985	136.127,9
1986	129.794,4
1987	112.132,1
1988	126.696,5
1989	169.881,3
1990	176.056,8
1991	186.000,1
1992	203.000
1993	230.000
1994	246.979
1995	280.000
1996	309.069,8
1997	314.509,9

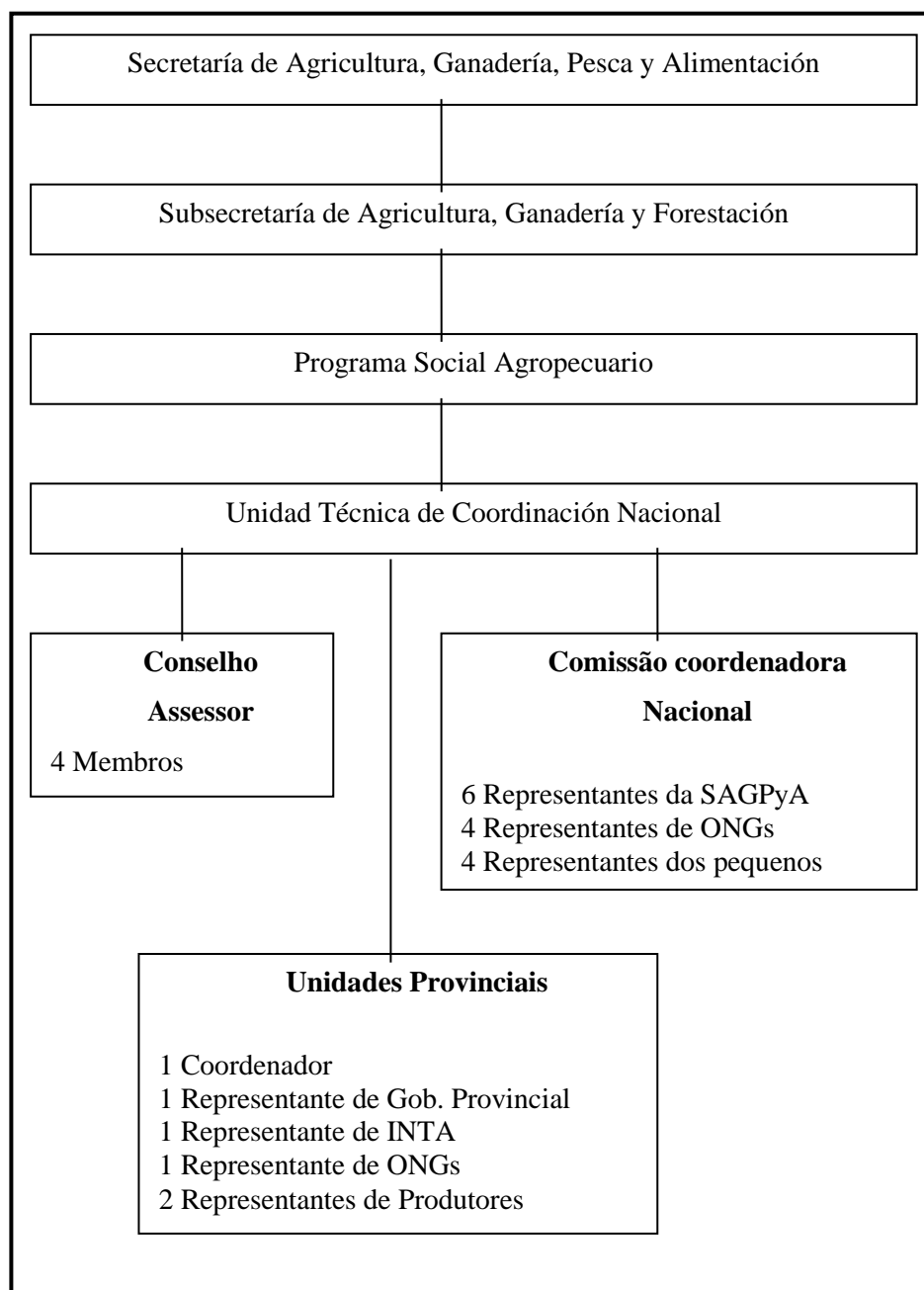
 Aumento constante e acelerado da produção a partir de 1989.

ANEXO 5: Passeata em Oberá, maio de 2001

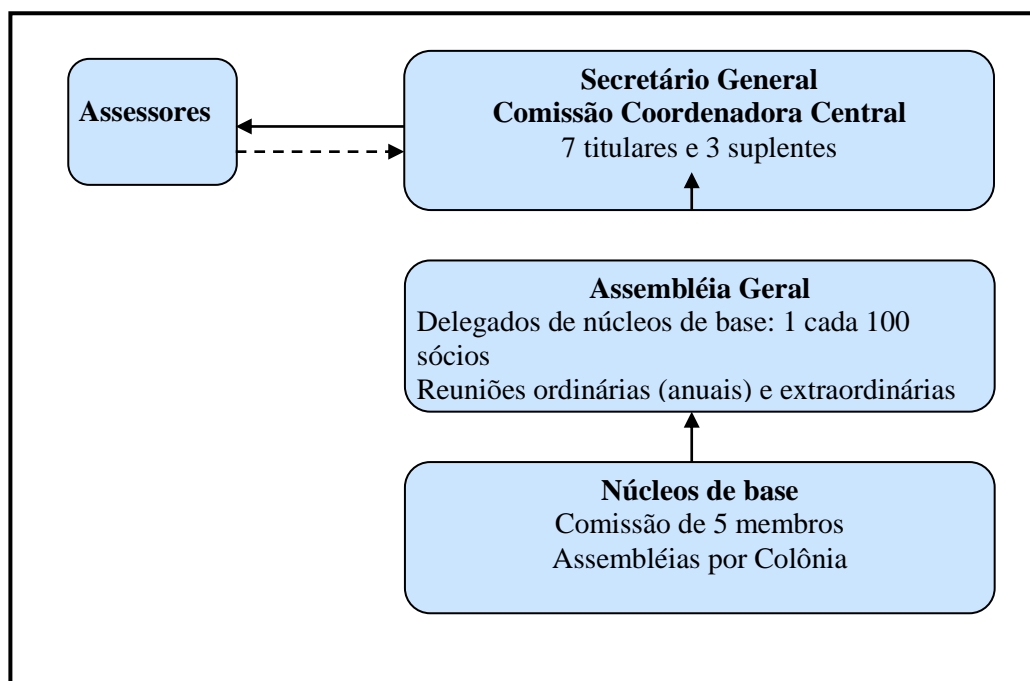


ANEXO 6: Estructura institucional do “Programa Social Agropecuario”

Organograma



Fonte: Programa Social Agropecuario: Cinco años de política social para los productores minifundistas (p. 8).

ANEXO 7: Estrutura organizativa do “Movimiento Agrario de Misiones”

Fonte: Golsberg, Celeste. El Movimiento Agrario de Misiones en un escenario en transformación, Bs. As. 1999.

ANEXO 8: Lei municipal da prefeitura de Posadas sobre a feira livre

Nº	865	C			
Día	13	Mes	09	Año	89

*Honorable Concejo Deliberante
de la Ciudad de Posadas*

POSADAS, 21 de Septiembre de 1989

ORDENANZA Nº 108

EL HONORABLE CONCEJO DELIBERANTE DE LA CIUDAD DE POSADAS

SANCIONA CON FUERZA DE:

ORDENANZA

ARTICULO 1º.- AUTORIZASE en el ejido del municipio de la Ciudad de Posadas el funcionamiento de las FERIAS FRANCAS.-

ARTICULO 2º.- LAS Ferias Francas que funcionen en la Ciudad de Posadas se regirán de acuerdo a las siguientes disposiciones legales:

DENOMINACION DE LAS FERIAS FRANCAS

ARTICULO 3º.- DENOMINASE Ferias Francas al conjunto de puestos de expendio al público de productos lácteos, carnes, panificados, frutas, hortícolas, artesanales y otros artículos de primera necesidad para la familia, cuyo propósito sea abaratar el costo de la vida de la comunidad.

DEL FUNCIONAMIENTO DE LAS FERIAS FRANCAS

ANEXO 9: Palestra ministrada por Eugenio Carlos Kasalaba⁶²

jornadas de AADER, Posadas, Misiones 1998

Antes del problema de la comercialización de mis hermanos colonos quiero hablar de su realidad para que así puedan ubicarse en el contexto de la creación de la feria franca.

Hablemos por lo tanto de esta realidad; son unas 25.000 familias, o sea 150.000 personas en las explotaciones rurales, tienen grandes problemas de salud que van desde el mal de chagas (podes dar ejemplo de tu caso), hasta la situación buco dental muy deteriorada. Aquí la prevención desde muchos años es deficiente, tuvimos años atrás, incluso, una muerte por difteria. En educación, una encuesta realizada por la facultad de humanidades de Misiones en una zona de la provincia demostró que el 72% de los jefes de familia no había cursado más que el cuarto grado de la enseñanza primaria. En vivienda y Agua, también son graves las deficiencias, aunque no lo crean, muchas veces los chicos y las mujeres pasan horas por día acarreado el agua. En la tenencia de la tierra, además de multiplicarse el minifundio porque ya no hay más tierra fiscal, o porque, por lo general no se tiene la documentación legal correspondiente.

En la Producción, para entender lo que pasó en mi provincia, debemos ubicarnos a principio de siglo, cuando se decide lanzar los cultivos industriales para sustituir las importaciones. Así se inicia el cultivo de la Yerba Mate, el del Tabaco y ya al final de la década de 1940 el Tung y el Té. Como se sabe todos estos productos están en crisis porque han ido bajando los precios en moneda constante, desde la crisis del 90. Hoy la globalización aumenta estos problemas, son muchos los productos y los países pobres competimos entre nosotros. Por otro lado, los adelantos tecnológicos introducen la fertilización y la mecanización, que de golpe dejan superadas la producción y productividad de los productores chicos, queremos destacar que el paquete tecnológico que se propone afecta el medio ambiente y la salud de la gente y esto se puede calificar de alarmante.

⁶² Secretario Geral do MAM, Presidente da Feria Franca de Oberá, Presidente da “Asociación de Ferias Francas” de Misiones, integrante da comissão executiva da “Mesa Nacional de Agricultores Familiares” e integrante da Comissão de Direitos Humanos da Província de Misiones.

Además, estos cultivos han ido creando tradiciones que dificultan los cambios, y sobre todo, la implementación de planes de conservación del suelo y del bosque, de granja y de autoconsumo y dificultan la búsqueda del camino del cambio. Los programas de cambio se encuentran con dos dificultades muy graves, primero la convivencia al interior de los grupos de trabajo que hace difícil la progresión del asociativismo sin el cual no es posible encontrar soluciones para los pequeños productores. En segundo lugar, la comercialización. En un mundo donde los productos están en manos de oligopolios locales o directamente de las transnacionales es muy difícil encontrar nuevas formas de comercialización.

La organización que integro, el MAM, a partir de 1990 hizo una reflexión, sin por esto abandonar nuestras reivindicaciones históricas. Fue difícil después de la represión de la dictadura militar reemplazar los muertos, los desaparecidos y superar el miedo. En el congreso de los 20 años (en el 91) presentamos un documento donde intentamos instalar el concepto de sostenibilidad y avanzar en las medidas concretas, por ejemplo, proponíamos la creación de ferias francas. Este trabajo de definición de estrategias, pudo profundizarse cuando conseguimos financiamiento para reunir periódicamente nuestros dirigentes en seminarios mensuales. Nos han ayudado en nuestras reflexiones la Red de Agricultura Orgánica de Misiones, o sea la RAOM, el Programa Social Agropecuario (PSA) Cambio Rural del INTA y también el programa de Huertas Orgánicas (Pro Huerta).

De estos seminarios sacamos una conclusión: Debíamos llegar lo mas directamente posible al consumidor y centrar toda nuestra actividad en conquistar un mercado local. Acuñamos un eslogan “reconquistar el mercado local”, es decir volver a pensar en los que están cerca y no tanto en las exportaciones, los grandes centros de consumo, la producción de escala y todas esas cosas que dicen por ahí. En materia técnica hablamos de recuperar la agricultura conservacionista y tradicional.

¿Cómo se plasmó esto en la feria franca?

Después de todas estas conversaciones, empezamos a concretar la feria franca. Primero fuimos a ver una feria en Brasil, en Santa Rosa, con algunos productores y algunos técnicos, en este viaje nos ayudó la gente de la municipalidad y del PSA, nosotros pusimos parte del dinero para emprender el viaje a Brasil. Esto fue en el año 95, pero yo había hecho un viaje anterior a Francia y había conocido lo que son las ferias francas en otros países.

Empezar no fue fácil, pues había que acordar criterios con la municipalidad y además entre los feriantes, felizmente todo salió bien, pues pronto o antes de fin de este año, tenemos 20 ferias francas funcionando en la provincia. En el caso de la feria franca de Oberá, para fortalecer el grupo y mejorar la convivencia, se decidió hacer una reunión con asistencia obligatoria todos los lunes por la mañana. Se debate absolutamente todo, desde el centavo, desde lo que se comentó, inclusive sobre los chismes. También es obligatorio asistir a las capacitaciones.

En la actualidad trabajamos 140 productos distintos que van desde el estiercol de lombrices hasta, en este momento para la feria de Posadas, la muzarella de búfalo. Podemos decir que los productores que vienen a la feria no retroceden mas, y que al contrario, muchos están capitalizándose. Por supuesto muchos no participan, no podemos dar respuesta a todos y esta es nuestra gran preocupación.

El aporte de ustedes y la entrega personal que ponen en sus decisiones, para los resultados de estas cosas, va a ser importante en un futuro, pero voy a hacer una crítica: Es indispensable que haya una mayor coordinación de los programas y un mayor respeto de nuestra estrategia productiva y sobre todo de nuestra cultura campesina.

Fonte: CARBALLO, Carlos. Las Ferias Francas de Misiones: Actores y desafíos de un proceso de desarrollo local, 2000.

ANEXO 10: Atividades não agrícolas no meio rural missioneiro (fabricação de vassouras e fabricação de queijos)



ANEXO 11: Dinâmica gerada em torno das feiras a cada sábado



Feira livre de Posadas



Feira livre de Oberá